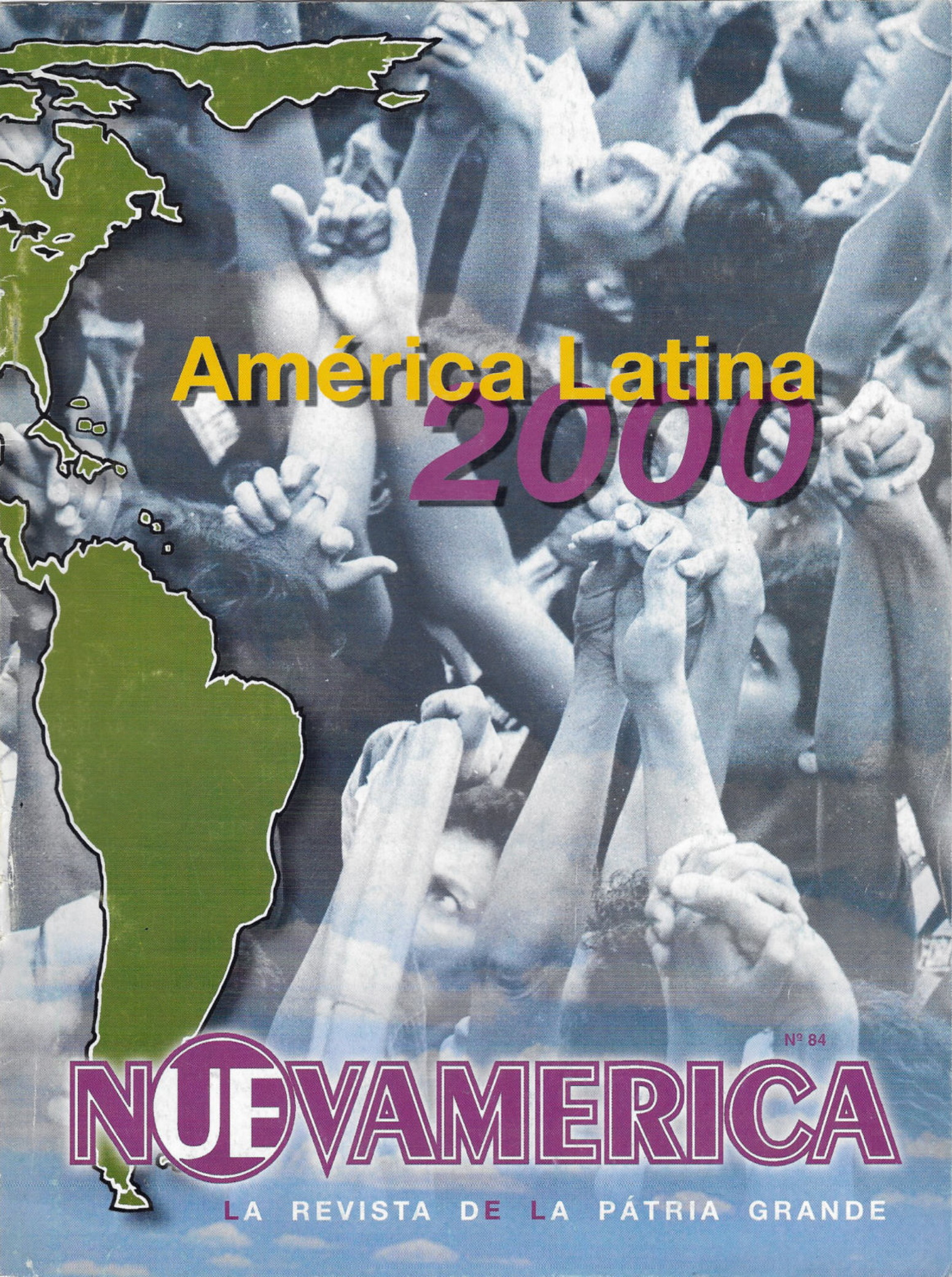


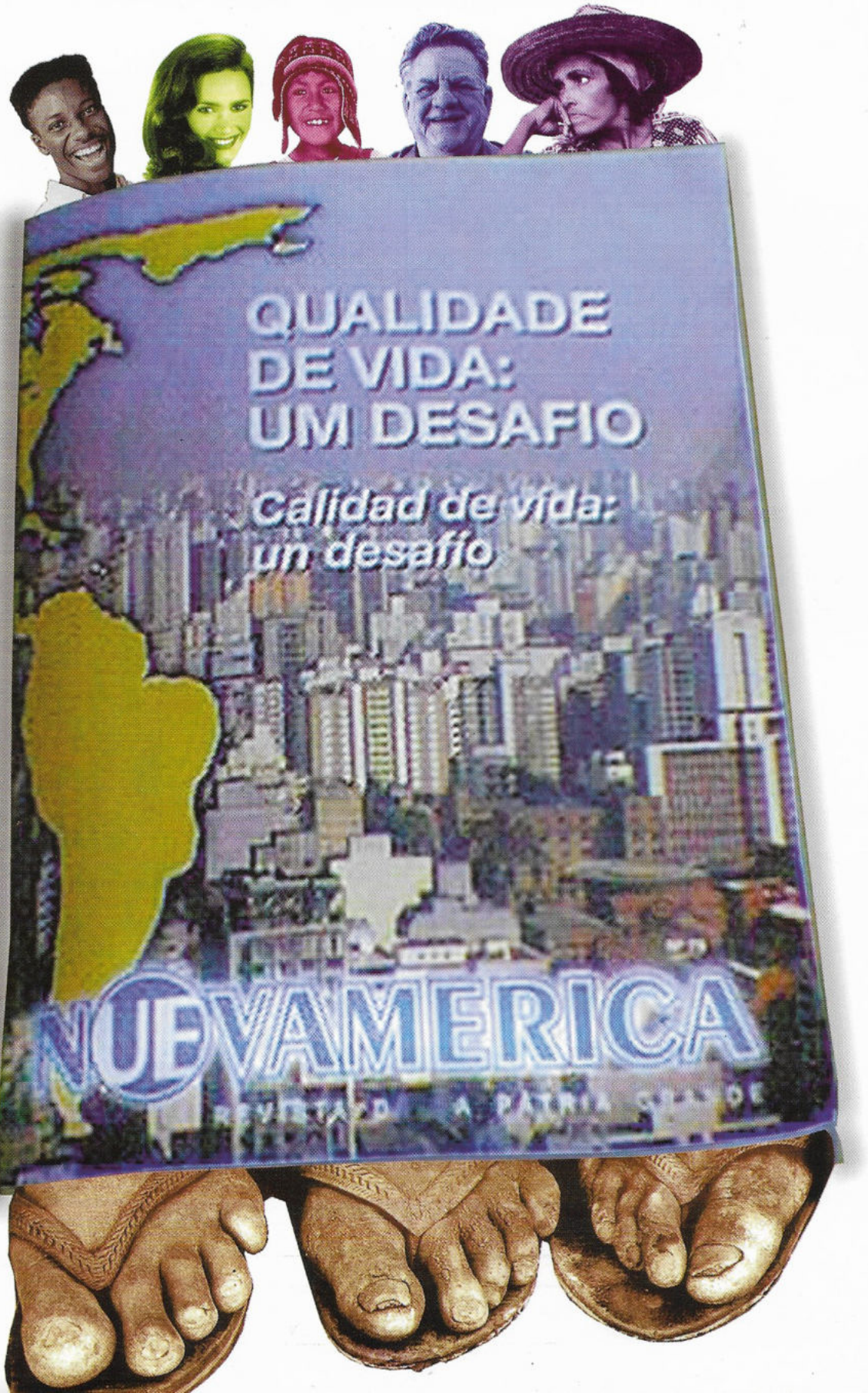
América Latina 2000

Nº 84

NUEVAMERICA

LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE

Toda a realidade Latino-americana em uma só REVISTA



América Latina: 2000

América Latina entra no novo milênio com uma problemática marcada pelo paradoxo e contradição. Por um lado, sua história nos últimos 500 anos evidencia constantes que parecem inalteradas apesar das transformações que o continente vem sofrendo, especialmente nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, emergem situações, buscas e novos atores sociais que permitem vislumbrar caminhos de construção de um projeto diferente a nível continental.

Entre as constantes vamos assinalar algumas especialmente significativas. A primeira diz respeito à exclusão e a desigualdade. O continente apresenta hoje diferentes formas de exclusão – econômica, social, cultural, etc.- que, junto as suas manifestações tradicionais, apresentam novas configurações, tanto no plano interno de cada país, como entre diferentes regiões do continente e no plano mundial. Somos parte da periferia do planeta. Os mecanismos que acentuam a dependência se reforçaram pelas políticas de ajuste estrutural e pela globalização excludente hoje imperante. Uma terceira característica a assinalar, diz respeito às múltiplas tentativas de integração no plano regional e latino-americano. Até o momento, todas estas tentativas parecem ficar no meio do caminho, sem lograr uma realização adequada, seja no plano econômico, político e/ou cultural.

Ao mesmo tempo, brotam sinais que apontam para novas perspectivas. Especialmente nas duas últimas décadas, regimes democráticos, pelo menos desde o ponto de vista formal, se vão afirmando em diferentes áreas do continente. Sinais de esgotamento das políticas de caráter neoliberal começam recentemente a aparecer. A consciência de que não se pode dissociar a economia das políticas sociais cresce. Novos atores sociais surgem e a sociedade civil busca dramaticamente formas de afirmação e de fortalecimento. Diferentes etnias emergem no cenário público. Movimentos de afirmação de direitos humanos, como o direito à terra e à identidade cultural, as questões de gênero, ao meio ambiente, se tornam cada vez mais presentes na sociedade. A produção artística expressa com força a realidade e suas buscas na literatura, cinema, música, pintura, etc. Diferentes formas de solidariedade, de busca do sentido da vida, de espiritualidade, se desenvolvem.

A "Pátria Grande" aparece no horizonte como uma utopia a ser construída no cotidiano. O desejo de superar rivalidades, estereótipos, desqualificações, preconceitos, entre grupos e países, de fortalecer redes, ações conjuntas e valorizar as contribuições dos diferentes atores sociais e culturais, se afirmam principalmente entre os que buscam construir um projeto contrahegemônico para o continente, capaz de articular políticas de igualdade e valorização das diferentes identidades.

Neste número, em que todos os artigos são apresentados em português e espanhol, queremos suscitar a reflexão e o debate sobre os desafios e as perspectivas do continente no próximo milênio a partir de alguns temas que nos parecem fundamentais para tecer a NUEVAMERICA/NOVAMERICA.

América Latina entra en el nuevo milenio con una problemática marcada por lo paradójico y la contradicción. Por un lado, su historia en los últimos 500 años evidencia constantes que parecen inalteradas a pesar de las transformaciones que el continente viene sufriendo, especialmente en las últimas décadas. Al mismo tiempo, aparecen situaciones, búsquedas y nuevos actores sociales que permiten vislumbrar caminos de construcción de un proyecto diferente a nivel continental.

Entre las constantes vamos a señalar algunas especialmente significativas. La primera se refiere a la exclusión y la desigualdad. El continente presenta hoy diferentes formas de exclusión - económica, social, cultural, etc.- que, junto a sus manifestaciones tradicionales, presenta nuevas configuraciones, tanto en el plano interno de cada país, como entre diferentes regiones del continente y en el plano mundial. Somos parte de la periferia del planeta. Los mecanismos que acentúan la dependencia se reforzaron con las políticas de ajuste estructural y la globalización excluyente hoy imperante. Una tercera característica a señalar se refiere a las múltiples tentativas de integración en el plano regional y latinoamericano. Hasta el momento, todas estas tentativas parecen quedarse a medio camino, sin lograr una realización adecuada, sea en el plano económico, político y/o cultural.

Al mismo tiempo, brotan señales que apuntan hacia nuevas perspectivas. Especialmente en las dos últimas décadas, regímenes democráticos, por lo menos desde el punto de vista formal, se van afirmando en diferentes áreas del continente. Señales del agotamiento de las políticas de carácter neoliberal comienzan a aparecer recientemente. La consciencia de que no se puede disociar la economía de las políticas sociales crece. Surgen nuevos actores sociales y la sociedad civil busca dramáticamente formas de afirmación y de fortalecimiento. Diferentes etnias emergen en el escenario público. Movimientos de afirmación de los derechos humanos, como el derecho a la tierra y a la identidad cultural, las cuestiones de género, el medio ambiente, se hacen cada vez más presentes en la sociedad. La producción artística expresa con fuerza la realidad y sus búsquedas en la literatura, cine, música, pintura, etc. Diferentes formas de solidaridad, de búsqueda de sentido de vida, de espiritualidad, se desarrollan.

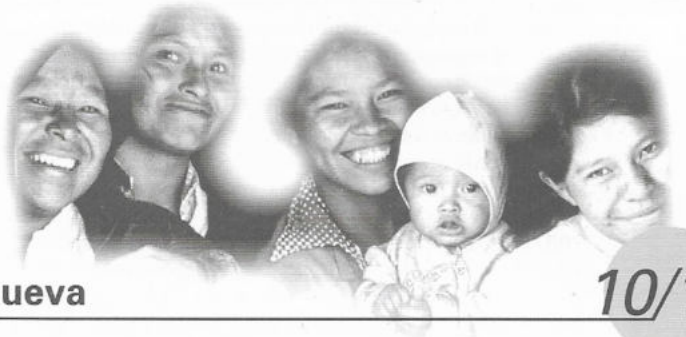
La "Patria Grande" aparece en el horizonte como una utopía a ser construida en lo cotidiano. El deseo de superar rivalidades, estereotipos, descalificaciones, prejuicios, entre grupos y países, de fortalecer redes, acciones conjuntas y valorizar las contribuciones de los diferentes actores sociales y culturales surgen principalmente entre los que buscan construir un proyecto contra hegemónico para el continente, capaz de articular políticas de igualdad y valorización de las diferentes identidades.

En este número, en el que todos los artículos se presentan portugués y español, queremos suscitar la reflexión y el debate sobre los desafíos y las perspectivas del continente en el próximo milenio, a partir de algunos temas que nos parecen fundamentales para tejer una NUEVAMERICA/NOVAMERICA.

SUMÁRIO SUMARIO



O sonho da pátria grande...
El sueño de la patria grande...
Susana Sacavino 4/5



Para além das necessidades básicas
Mas allá de las necesidades básicas
Carmela Zumarán Villanueva 10/11



Construir ecossistemas educativos
Reinventar a escola
Construir ecosistemas educativos
Reinventar la escuela
Vera Maria Candau 16/17

Democracia, realidade e utopia
Democracia, realidad y utopia
Helio Gallardo



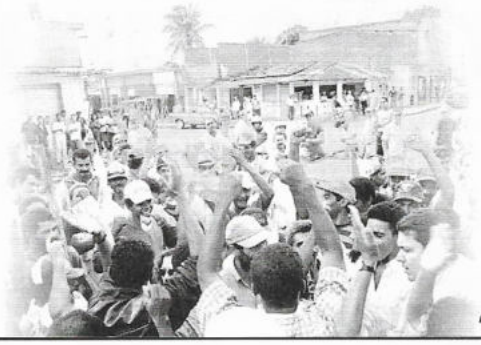
22/23



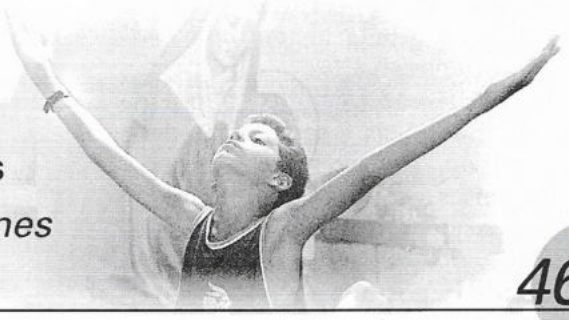
As mulheres frente aos direitos humanos neste final de século
Las mujeres ante los derechos humanos en este fin de siglo
Maria Esperanza Górriz 30/31



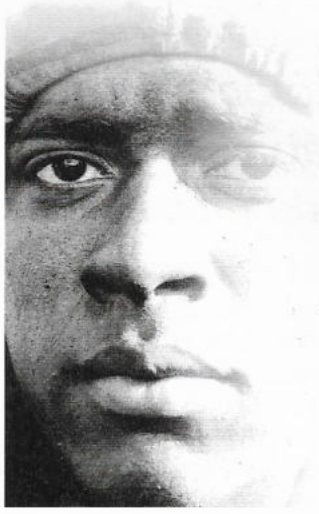
Festa, memória e identidade
Fiesta, memoria e identidad
Fidel Sepúlveda Llanos 34/35



Poder local e participação cidadã
Poder local y participación ciudadana
Elena Picasso 42/43



Espiritualidade: relações e conexões
Espiritualidad: relaciones y conexiones
Ana Maria Tepedino 46/47

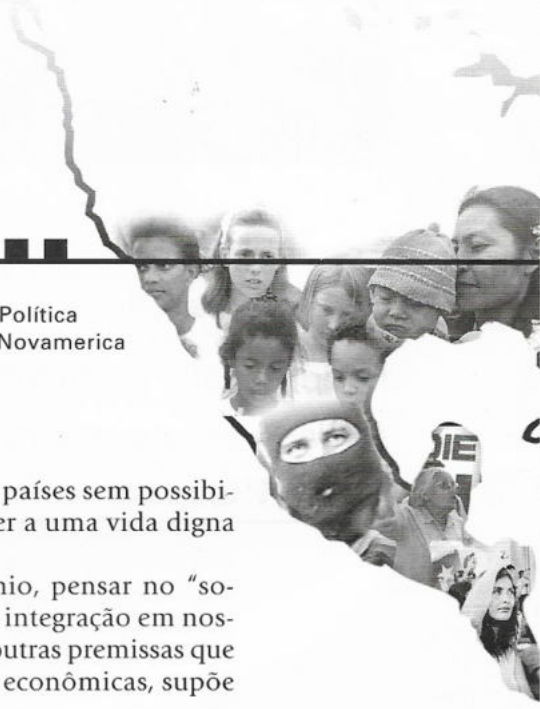


Em busca de uma nova racionalidade
En busca de una nueva racionalidad
Leandro Konder 54/55

RESENHA *RESEÑA* 58

NOTÍCIAS *NOTICIAS* 60

O sonho da pátria grande...



Susana Sacavino - Cientista Política
Coordenadora Executiva da Novamerica
Rio de Janeiro - Brasil

Sonhar com a integração latino-americana no novo milênio, tentar recriar o sonho bolivariano da Pátria Grande, a "Abya Ayala" indígena, em um contexto marcado pela globalização e pela hegemonia neoliberal é um forte desafio.

Nas duas últimas décadas, a multiplicidade de mudanças e tendências delineadas no mundo - em nível internacional e interno dos países - configuram atualmente um processo acelerado e desigual de globalização que, por um lado, se apresenta como integrado e, por outro, contraditoriamente, como extremamente fracionado. A nova ordem mundial atual é global mas não é integrada; coloca cada um em contato com os outros, mas ao mesmo tempo mantém profundos abismos entre indivíduos, grupos sociais e países; gera enormes oportunidades de progresso e, por sua vez, segrega grande parte da humanidade, impedindo-lhe o acesso a seus benefícios, aumentando cada vez mais o número de excluídos.

Para a América Latina e o Caribe, o projeto neoliberal assumido pela maioria dos governos dos países colocou a modernização como uma realidade inevitável e como única alternativa para participar desta nova ordem mundial, na economia globalizada e no processo de mundialização da cultura liderado pelo ocidente. Estes processos têm por base o mesmo mecanismo profundo presente desde as origens do nosso processo de colonização: a necessidade de incorporar-se a um modelo considerado "superior" e portador de "progresso" em todas as dimensões da vida social. Para além do puramente econômico, trata-se de assumir um novo modo de vida cultural e social que em sua própria base contém o princípio da exclusão, deixando a cada dia mais pessoas, povos e países sem possibilidade de ser e de ascender a uma vida digna e de qualidade.

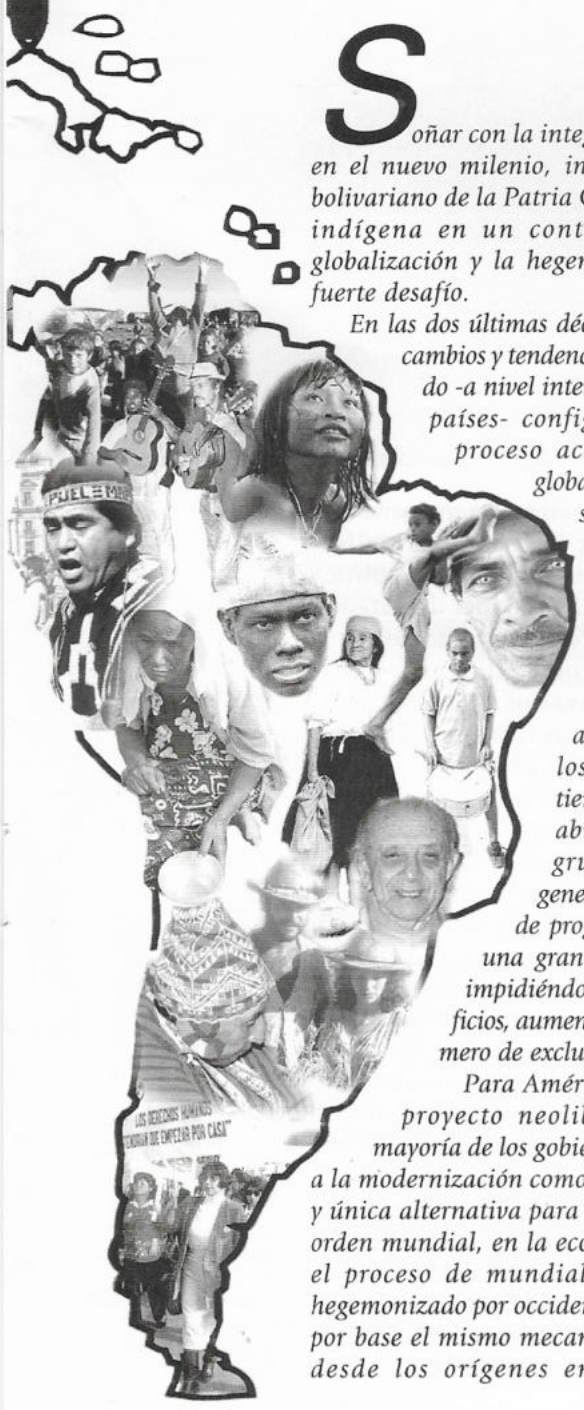
Diante do novo milênio, pensar no "sonho da Pátria Grande" de integração em nosso continente, a partir de outras premissas que não sejam unicamente as econômicas, supõe um grande esforço de invenção, que como dizia Simón Rodríguez, "ou inventamos ou erramos." Por isso somos chamados a colocar uma grande dose de criatividade em nosso pensamento e em nossas práticas, para estimular a integração a partir de uma perspectiva mais ampla que, além da econômica, inclua outras áreas, como a cultural, a social, a política, na perspectiva de promover processos de radicalização da democracia.

Para a América Latina e o Caribe, o projeto neoliberal assumido pela maioria dos governos dos países colocou a modernização como uma realidade inevitável.

UM LONGO CAMINHO...

O tema da integração na América Latina não é uma questão nova, já aparece nos primórdios históricos e em diferentes ambientes e dimensões, tais como: o sonho indí-

El sueño de la patria grande...



Soñar con la integración latinoamericana en el nuevo milenio, intentar recrear el sueño bolivariano de la Patria Grande, la «Abya Ayala» indígena en un contexto marcado por la globalización y la hegemonía neoliberal, es un fuerte desafío.

En las dos últimas décadas la multiplicidad de cambios y tendencias delineadas en el mundo -a nivel internacional e interno de los países- configuran actualmente un proceso acelerado y desigual de globalización, que por un lado se presenta como integrado y por otro, contradictoriamente, como extremamente fraccionado. El nuevo orden mundial actual es global pero no integrado; coloca a cada uno en contacto con los otros, pero al mismo tiempo mantiene profundos abismos entre individuos, grupos sociales y países; genera enormes oportunidades de progreso y, a la vez, segrega una gran parte de la humanidad impidiéndole el acceso a sus beneficios, aumentando cada vez más el número de excluídos.

Para América Latina y el Caribe el proyecto neoliberal asumido por la mayoría de los gobiernos de los países, colocó a la modernización como una realidad inevitable y única alternativa para participar en este nuevo orden mundial, en la economía globalizada y en el proceso de mundialización de la cultura hegemonizado por occidente. Estos procesos tienen por base el mismo mecanismo profundo presente desde los orígenes en nuestro proceso de colonización: la necesidad de incorporarse a un modelo considerado "superior" y portador de «progreso" en todas las dimensiones de la vida social. Más allá de lo puramente económico, se trata de asumir un nuevo modo de vida cultural y social que en su propia base contiene el principio de la exclusión, dejando cada día más personas, pueblos y países sin posibilidades de ser y acceder a una vida digna y con calidad.

De cara al nuevo milenio pensar en el "sueño de la Patria Grande" de la integración en nuestro continente desde otras claves que no sean exclusivamente las económicas supone un gran esfuerzo de invención, que como decía Simón Rodríguez, "o inventamos o erramos". Por eso estamos llamados a colocar una gran dosis de creatividad en nuestro pensamiento y nuestras prácticas, para estimular la integración desde una perspectiva más amplia que, además de la económica, incluye otras áreas, como la cultural, la social, la política, en la perspectiva de promover procesos de radicalización de la democracia.

UN LARGO CAMINO....

El tema de la integración en América Latina no es una cuestión nueva, ya aparece en los primordios históricos y en diferentes ambientes y dimensiones como: el sueño indígena de la Abya Ayala, el de Simón Bolívar de la "Patria Grande", en las propuestas políticas de diferentes hombres públicos como, José Artigas, Andrés Bello, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Vasconcelos, José Martí, y más recientemente en la literatura, la poesia y la música de Eduardo Galeano, Víctor Jara, Mercedes Sosa, Pablo Milanés, entre otros.

El sueño bolivariano y la época que va desde la fase de las luchas por la independencia política del siglo pasado hasta las primeras décadas del siglo actual, se caracterizaron por el

gena da Abia Ayala, o de Simão Bolivar da "Patria Grande," as propostas políticas de diferentes homens públicos como José Artigas, Andrés Bello, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Vasconcelos, José Martí, e mais recentemente na literatura e na música de Eduardo Galeano, Víctor Jara, Mercedes Sosa, Pablo Milanés, entre outros.

O sonho bolivariano e a época que vai desde a fase das lutas pela independência política do século passado até as primeiras décadas do século atual se caracterizaram pelo predomínio do que se pode chamar de programas de união político-cultural latino-americana. A idéia de Simón Bolívar de união da América Latina está especialmente retratada em sua carta, escrita em 1815 na Jamaica, em que manifesta ser "uma idéia grandiosa pretender formar de todo o Novo Mundo uma só nação, com um só vínculo, que una suas partes entre si e com o todo... Eu desejo, mais do que tudo, ver formar na América a maior nação do mundo."[1] Mas as suas propostas de criação de uma Federação na América Central, Grã Colômbia e entre Peru e Bolívia fracassaram.

A preocupação da maioria dos que defenderam ao longo dos anos esta visão de integração centrava-se fundamentalmente nos aspectos sócio-culturais da união latino-americana, os quais eram vistos como um meio de assegurar e preservar os valores culturais próprios, garantindo a independência da América Latina frente à penetração de valores de fora.

Com a criação, em 1948, da CEPAL, as propostas de união latino-americana tomaram concretamente o caráter de movimento em prol de uma integração propriamente dita, com ênfase no aspecto econômico. A CEPAL, mais tarde, dará força e suporte teórico para a criação de diversas propostas e experiências de integração: ALALC, ALADI, de âmbito mais global e, em âmbito mais regional, o Pacto Andino e o Mercado Comum Centro-americano, entre outros.

Ao longo de todos estes anos, prevaleceu e se colocou no centro de todos os processos de integração a dimensão estritamente econômica e, na maioria das vezes, praticamente reduzida ao âmbito comercial. Em alguns momentos, timidamente, chegou-se a reconhecer a finalidade social da integração, praticamente concebida como um subproduto do desenvolvimento. A zona de livre comércio se apresentava como condição para que os países da América Latina e do Caribe pudessem acelerar seu processo de desenvolvimento econômico de forma a assegurar um



melhor nível de vida para os seus povos. E em outros momentos, mas também de forma fraca, reconheceu-se a dimensão política da integração, centrada no papel do Estado.

Nos últimos anos, como resultado do processo de globalização no continente, os países voltaram a realizar vários acordos comerciais relacionados com a formação de áreas de livre comércio, união aduaneira ou mercado comum.

Desta forma, no cone sul, cria-se o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) na década de 80, integrado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. E na década de 90, como resposta à Iniciativa para as Américas do governo norte-americano, é criado o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), entre Canadá, Estados Unidos e México, com a intenção também de estabelecer uma área de livre comércio. Também no Caribe se reativa o Sistema de Integração Centro-Americana (SICA).

Uma vez mais, todas estas propostas e acordos de integração que se realizam ultimamente centram-se, fundamentalmente, na dimensão econômica. Influenciados pela ideologia neoliberal, os governos que os firmam vêem o mercado e a competitividade como

1 MINISTÉRIO DE EDUCACION NACIONAL. El Pensamiento político del Libertador. Bogotá, Imprenta Nacional, 1953.



"Tenemos que ponerle calor de pueblo a la integración"

Belisario Bettancourt

predominio de lo que se puede llamar de programas de unión político-cultural latinoamericana. La idea de Simón Bolívar de unión de América Latina está especialmente recogida en su carta, escrita en 1815 en Jamaica, en la que maniefiesta ser "una idea grandiosa pretender formar de todo el Nuevo Mundo una sola nación con un solo vínculo que una sus partes entre sí y con el todo....Yo deseo, más que otro alguno, ver formar en América la más grande nación del mundo."[1] Pero sus propuestas de creación de una Federación en América Central, Gran Colombia y entre Perú y Bolivia, fracasaron.

La preocupación de la mayoría de los que defendieron a lo largo de los años esta visión de la integración se centraba fundamentalmente en los aspectos socio-culturales de la unión latinoamericana, los cuales eran vistos como un medio de asegurar y preservar los valores culturales propios, garantizando la independencia de América Latina frente a la penetración de valores de fuera.

Con la creación en 1948 de la CEPAL, las propuestas de unión latinoamericana tomaron concretamente el carácter de movimiento en pró de una integración propiamente dicha con énfasis en el aspecto económico. La CEPAL más tarde dará la fuerza y el soporte teórico para la creación de las diversas propuestas y experiencias de integración: ALALC, ALADI, de ámbito más global y para las más regionales como el Pacto Andino y el Mercado Común Centroamericano, entre otros.

A lo largo de todos estos años prevaleció y se colocó en el centro de todos los procesos de integración la dimensión extrictamente económica, prácticamente reducida en la mayoría de las veces al ámbito comercial. En algunos momentos tímidamente se llegó a reconocer la finalidad social de la integración, concebida como un subproducto del desarrollo. La zona de libre comercio se presentaba como condición para que los países de América Latina y el Caribe, pudieran acelerar su proceso de desarrollo económico para asegurar un mejor nivel de vida para sus pueblos. Y en otros momentos, pero también débilmente, se reconoció la dimensión política de la integración, centrada en el papel del Estado.

En los últimos años, como resultado del proceso de globalización en el continente, los países volvieron a realizar de nuevo múltiples acuerdos comerciales relacionados con la formación de areas de libre comercio, unión aduanera o mercado común.

De esta forma en el cono sur se crea el MERCOSUR (Mercado Común del Sur) en la década del 80, integrado por Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay. Y en la de los 90 como respuesta a la Iniciativa para las Américas del gobierno norteamericano, es creado el Acuerdo Norteamericano de Libre Comercio (NAFTA), entre Canadá, Estados Unidos y México, también con la intención de establecer un area de libre comercio. Igualmente en el Caribe se reactiva el Sistema de Integración Centroamericana (SICA).

Una vez más todas estas propuestas y acuerdos de integración que se están realizando últimamente se centran fundamentalmente en la dimensión económica. Influenciados por la

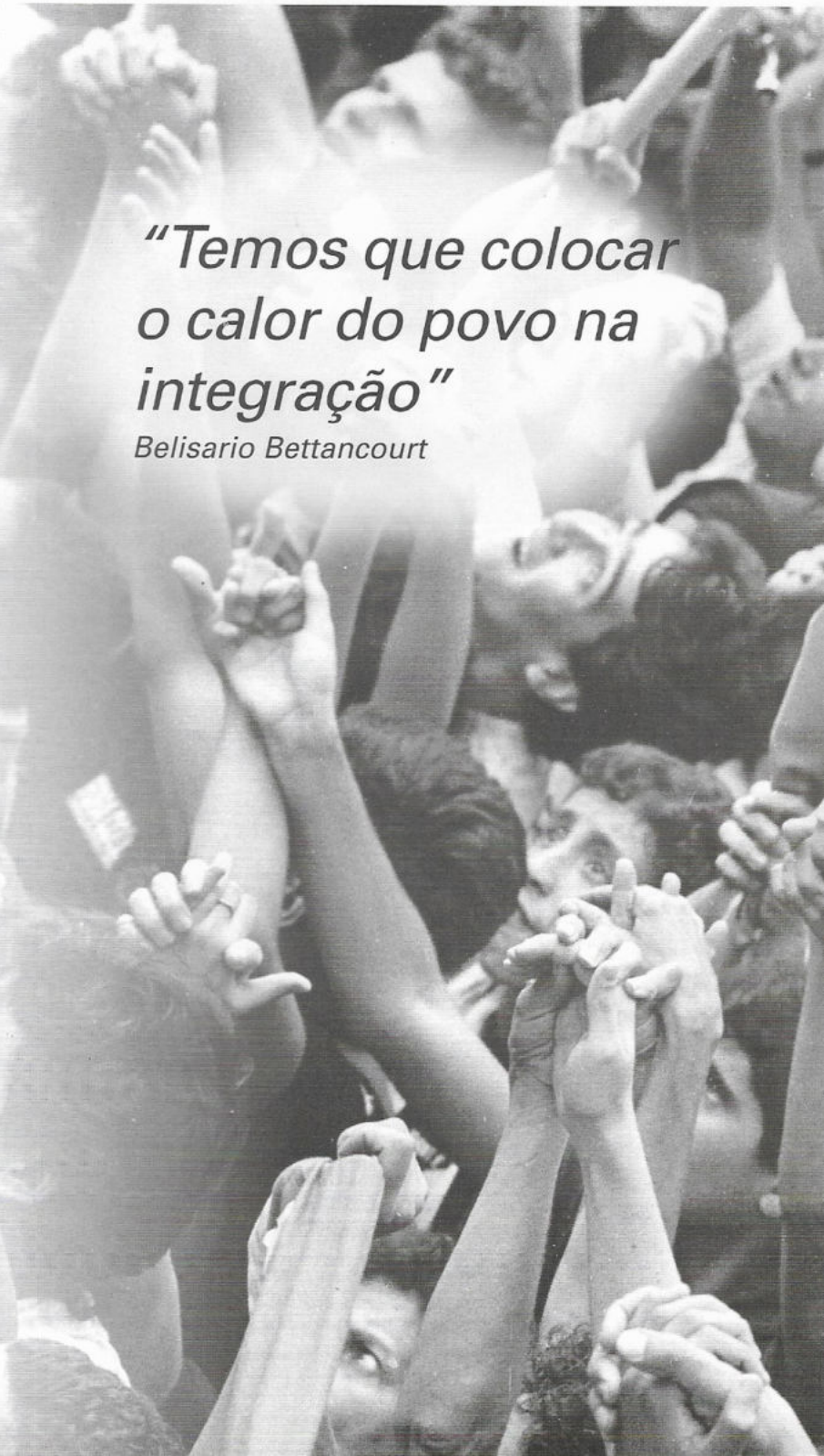
os únicos mecanismos para a inserção internacional capazes de salvar os países do continente do subdesenvolvimento. O importante, nestas propostas, é produzir tudo o que for possível ser comercializado internacionalmente para proporcionar esta inserção.

Mas junto com esta forte corrente hegemônica, extremamente seduzida pelas promessas de um mundo moderno em escala planetária e que postula uma incorporação acrítica e agressiva na nova era, são muitos também os grupos e movimentos da sociedade civil de afirmação de grupos culturais, étnicos, de gênero, de caráter religioso,etc., que representam outras buscas de alternativas orientadas para construir uma realidade diferente, em nível global e local, intimamente articuladas, em que a cidadania e a dignidade, a solidariedade e a democracia, a alegria e a ternura se entrelacem e sejam realidade para todos.

Diante do novo milênio, pensar na integração latino-americana a partir do sonho da Pátria Grande supõe ativar a expressão empregada pelo ex-presidente da Colômbia em 1983, "temos que colocar o calor do povo na integração." Este sonho da "Pátria Grande," projeto comum, solidário, enraizado em uma consciência de bases culturais plurais e objetivos compartilhados, de inclusão e mobilização da sociedade civil, de respeito à diferença e à participação, de construção da democracia radical, supõe colocar o calor do povo na integração, com qualidade de vida para todos e todas. Supõe o esforço conjunto para que seja possível a busca de soluções para nossos problemas de forma a construir sociedades sustentáveis, com vigência plena dos direitos humanos e cidadania verdadeira.

Os processos de integração diante do novo milênio não podem desvincular-se dos processos políticos onde os nossos povos sejam protagonistas, mas tão pouco podem desvincular-se dos processos culturais. A integração só será possível se conseguirmos relacioná-la com as nossas aspirações culturais, com o nosso imaginário coletivo, com os nossos sonhos de uma vida mais plena e feliz.

É por isso que a integração no próximo milênio não pode ser um programa apenas dos governos e, sobretudo, dos economistas, trabalhando de cima, sem a participação da sociedade civil. Tem que ser um projeto de todos e de todas. Isso exige uma forte mobilização dos diferentes âmbitos culturais e das organizações não governamentais. Se a cultura e a comunicação não passarem a interagir com as dimensões econômica e política, a integração fracassará por não penetrar no tecido social. Nesta perspectiva, devem ser criados estímulos específicos para que as escolas, as universidades, as associações científicas e artísticas, os meios de comunicação social, os diversos âmbitos de produção cultural, os grupos e movimentos sociais se comprometam ativamente com esta proposta. É imprescindível criar o que poderíamos chamar de uma cultura da integração. ■



"Temos que colocar o calor do povo na integração"

Belisario Bettancourt

ideología neoliberal los gobiernos firmantes de los mismos ven al mercado y a la competitividad como los únicos mecanismos para la inserción internacional capaces de salvar a los países del continente del subdesarrollo. Lo importante en estas propuestas, es producir todo lo que pueda ser comercializado internacionalmente que permita esa inserción.

Pero junto con esta fuerte corriente hegemónica, extremanente seducida por las promesas de un mundo moderno a escala planetaria y que postula una incorporación acrítica y agresiva a la nueva época, son muchos también los grupos y movimientos de la sociedad civil de afirmación de grupos culturales, étnicos, de género, de caracter religioso, etc, que representan distintas búsquedas alternativas orientadas a construir una realidad diferente, a nivel global y local, íntimamente articuladas, en las que la ciudadanía y la dignidad, la solidaridad y la democracia, la fiesta y la ternura se entrelacen y sean realidad para tod@s.



De cara al nuevo milenio pensar la integración latinoamericana a partir del sueño de la Patria Grande supone activar la expresión, empleada por el ex-presidente de Colombia en 1983, "tenemos que ponerle calor de pueblo a la integración". Este sueño de la "Patria Grande", proyecto común, solidario, enraizado en una consciencia de bases culturales plurales y objetivos compartidos, de inclusión y movilización de la sociedad civil, de respeto a la diferencia y a la participación, de construcción de la democracia radical, supone ponerle calor de pueblo a la integración con calidad de vida para todos y todas. Supone el esfuerzo conjunto para que sea posible la búsqueda de soluciones para nuestros problemas de cara a construir sociedades sostenibles, con vigencia plena de los derechos humanos y ciudadanía real.

Los procesos de integración de cara al nuevo milenio no pueden desvincularse de los procesos políticos donde nuestros pueblos sean protagonistas, pero tampoco pueden desvincularse de los procesos culturales. La integración solamente será posible si logramos relacionarla con nuestras aspiraciones culturales, con nuestro imaginario colectivo, con nuestros sueños de una vida más plena y feliz.

Por eso es que la integración en el próximo milenio, no puede ser un programa sólo de los gobiernos y, sobretodo, de los economistas, trabajando desde arriba, sin participación de la sociedad civil. Tiene que ser un proyecto de todos y todas. Esto exige una fuerte mobilización de los distintos ámbitos culturales y de las organizaciones no gubernamentales. Si la cultura y la comunicación no pasan a ser componentes en interrelación con las dimensiones económica y política, la integración se frustrará por no penetrar en el tejido social. En esta perspectiva deben ser creados estímulos específicos para que las escuelas, las universidades, las asociaciones científicas y artísticas, los medios de comunicación social, los distintos ámbitos de producción cultural, los grupos y movimientos sociales se comprometan activamente en esta propuesta. Es imprescindible crear lo que podríamos llamar de una cultura de la integración. ■



Para além das necessidades básicas

Benedita, Georgina, Maria Helena, Petronila... Um dia, ao amanhecer, não vem o sol. Enfrentam a dura realidade. Seus filhos, os dos vizinhos, muitos filhos mais não poderão comer neste dia. Olham em volta. Amanhã será pior? Seus maridos voltam para casa sem trabalho. A roupa que elas lavam se multiplica, mas não gera uma renda digna. Problema pessoal? Desesperar-se dentro de casa? É uma necessidade individual? Não. É carência, mas não só delas. É pobreza que se agrava. As outras mulheres e suas famílias estão iguais. A situação delas não é privada, é de todas. É social.

Uma luz vem orientá-las em sua angústia que não mata sua criatividade. Uma maioria de famílias não poderá comer. Cresce a cada manhã o número delas. Tão pouco têm com que tratar-se ou ir ao centro educacional que merecem. Não podem optar por aquele que dê formação humana de acordo com os novos tempos. E agora não poderão comer? As mulheres decidem que sim.

Vinte e cinco milhões de peruanos. Cento e setenta e oito anos de liberdade. De quê? De Dívida Externa...? A cada manhã, panelas ainda mais vazias. Mas ali estão as mulheres peruanas. Decididas a unir-se e a seguir em frente.

Rosa, Benedita... perguntam-se como promover a vida. Choraram só um dia. Nada mais. Levantaram sua voz "Agora é quando precisamos dar testemunho de que nós, os pobres, somos capazes de compartilhar. A dor de uma pessoa, de uma só pessoa, é nossa. O pobre não pode esperar." E é a mulher duplamente pobre que cria saídas. Embora muitas fiquem com as pernas trêmulas. Também

Mas allá de las necesidades basicas

Carmela Zumarán Villanueva - Doctora en Educación
Secretaria Ejecutiva del Departamento Episcopal de la Pastoral de la Salud. Conferencia Episcopal Peruana



Benedicta, Georgina, María Elena, Petronila...Un día al amanecer no ven el sol. Enfrentan la dura realidad. Sus hijos, los de sus vecinos, muchos hijos más no podrán comer ese día. Miran alrededor. ¿El mañana será peor? Sus maridos regresan a casa sin trabajo. La ropa que ellas lavan se multiplica, más no genera ingreso económico digno. ¿Problema personal? ¿Desesperarse al interior de sus viviendas? ¿Es necesidad individual? No. Es carencia pero no de ellas solas. Es pobreza que se agranda. Las otras mujeres y sus familias están igual. Su situación no es privada, es de todos. Es social.

Una luz viene a orientarlas en su angustia que no mata su creatividad. Una mayoría de familias no podrá comer. Crece cada mañana su número. Tampoco tienen con qué curarse o ir al centro educativo que se merecen. Ellos no pueden optar por aquél que sí da formación humana acorde con los tiempos nuevos. ¿Y ahora no podrán comer? Las mujeres deciden que sí.

Veinticinco millones de peruanos. Ciento setenta y ocho años de libertad. ¿De qué? ¿De la Deuda Externa...? Cada mañana ollas aún más vacías. Pero ahí están las mujeres peruanas. Decididas a unirse y salir adelante.

Rosa, Benedicta... se preguntan como sembrar vida. Lloraron un sólo día. No más. Levantaron su voz "Ahora es cuando hay que dar testimonio de que los pobres somos capaces de compartir. El dolor de una persona, de una sola persona, es nuestro. El pobre no puede esperar." Y es la mujer doblemente pobre la que genera salidas. Aunque a muchos les tiemblen las piernas. A aquel sacerdote que me lo contó ahí, por el Agustino, también.

Surgen los Comedores. Madres de familia pobres sacan de la nada las primeras ollas, algo para

Mães de família pobres tiram do nada as primeiras caldeiradas, algo para cozinhar.

aquele sacerdote aí do Agustino que me contou isso.

Surgem os Comedores. Mães de família pobres tiram do nada as primeiras caldeiradas, algo para cozinhar. Só quando já não podem mais é que pedem ajuda. E começam a saciar a fome de muitos. Dão de comer e todos se solidarizam e pagam alguns centavos por cada prato de comida. E logo elas também se preocupam com quem não tem esses poucos centavos. Nascem os "casos sociais."

Passaram-se muitos anos e uma guerra feroz. Hoje algumas saíram de nossas fronteiras para conversar com outras sobre solidariedade: Canadá, Ásia... Esta solidariedade que se vive comprometidamente, esforçadamente. Com um silêncio digno. Sacrificando horas de sono. Duplicando o esforço. Solidariedade que consegue que o Peru não morra de fome.

Construir a experiência do Comedor popular não foi paralisante. As mulheres iniciam um processo de crescimento pessoal. Redescobrem o que significa um espaço próprio para elas, onde além de preocuparem-se com os outros e de fazê-lo coletivamente, elas se vão convertendo em pessoas e comunidade. O espaço do comedor significa comunicação. Lugar que se busca não só para cumprir o turno mas também como espaço gratuito de compartilhar sentimentos, sonhos. É o lugar de estar perto de outras mulheres que transformam a utopia em realidade. O comedor é o lugar onde se ressuscitam os saberes: contar, escrever, falar em público. Como desempenhar uma função específica dentro da organização. Ali se trocam culturas, se compartilham costumes, preocupações, o reconhecimento de limitações. A alegria. A opção tenaz pela Vida.

Muitos rostos passam por minha mente à medida que escrevo estas linhas. Escuto suas vozes repetindo "eu sinto... eu sinto." Vejo as senhoras dos quarenta comedores de Santa Anita - Lima - explicando por que cada uma tem capacidade para ser a nova dirigente de sua organização. Ali em seu comedor, as mulheres peruanas forjam, a partir do trabalho coletivo, a escola da gratuidade, da superação do machismo - seus maridos, seus filhos agora, são seus colaboradores - o lugar do riso brincalhão e espontâneo. O lugar onde se ora e se pratica solidariedade.

Eu posso, nós podemos sonhar com um mundo mais humano. Com um e mil milênios cheios de vida e de gozo de viver. Hoje é realidade nos olhos e no coração destas mulheres. Elas vão semeando a semente. "Nosso comedor cuida de fortalecer a vida familiar," "Não podemos pensar apenas em nós. Todo o país tem necessidades. Mas todos têm que apoiar, o Estado em primeiro lugar."

Estas mulheres foram mais além das necessidades básicas. Sabem que essas caldeiradas não são "a solução" para a dramática conjuntura e a realidade de injustiças que vivem hoje. A cozinha comum não é uma meta para elas. Nunca foi. É apenas um passo no caminho. E é por isso que se preocupam tanto com a formação de seus filhos. Com sua própria formação. "Tenho que apoiar minhas companheiras. Eu recebi muito no comedor." Elas têm que pensar e decidir por si mesmas. "Os assessores nos assessoram, mas só isso. Nós é que decidimos. Conhecemos nossa realidade e sabemos o que é preciso fazer." Assim



Foto: Arquivo Novamérica

cocinar. Sólo cuando ya no pueden más piden apoyo. Y comienzan a paliar el hambre de muchos. Dan de comer y todos se solidarizan y ponen unos centavos por cada plato de comida. Y luego ellas se preocupan también de quienes no tienen esos pocos centavos. Nacen los "casos sociales".

Han pasado muchos años y una cruenta guerra. Hoy algunas salieron más allá de nuestras fronteras a conversar con otros sobre la solidaridad: Canadá, Asia... Esa solidaridad que se vive comprometidamente, esforzadamente. Con silencio digno. Sacrificando horas de sueño. Duplicando el esfuerzo. Solidaridad que logra que el Perú no muera de hambre.

Construir la experiencia del Comedor popular no fue paralizante. Las mujeres inician un proceso de crecimiento personal. El redescubrimiento de lo que significa un espacio propio para ellas, donde al lado de preocuparse por los otros y hacerlo colectivamente, se van convirtiendo en personas y comunidad. Su espacio del comedor

Muchos rostros pasan por mi mente a medida que escribo estas líneas. Escucho sus voces repitiendo "yo siento...yo siento." Veo a las señoras de los cuarenta comedores de Santa Anita – Lima, manifestando por qué cada una tiene capacidad para ser la nueva dirigenta de su organización. Ahí en su comedor las mujeres peruanas forjan desde el trabajo colectivo la escuela de la gratuidad, de la superación del machismo – sus maridos, sus hijos, ahora son sus colaboradores- el lugar de la risa juguetona, pícara y espontánea. El rincón donde se ora y se amasa solidaridad.

Puedo, podemos soñar con un mundo más humano. Con uno y mil milenios llenos de vida y gozo de vivir. Hoy es realidad en los ojos y el corazón de estas mujeres. Ellas van sembrando la semilla. "Nuestro comedor trata de fortalecer la vida familiar", "No podemos pensar sólo en nosotras. Todo el País tiene necesidades. Pero todos tienen que apoyar, el Estado el primero".

Estas mujeres han saltado más allá de las



significa comunicación. Lugar que se busca no sólo para cumplir el turno sino como el espacio gratuito del compartir sentimientos, sueños. Es el lugar de la cercanía a otras mujeres que hacen realidad la utopía. El comedor es el taller donde se resucitan los saberes: contar, escribir, hablar en público. Cómo desempeñar una función específica dentro de la organización. Ahí se intercambian culturas, se comparten costumbres, preocupaciones, el reconocimiento de limitaciones. La alegría. La tenaz opción por la Vida.

necesidades básicas. Saben que esas ollas no son "la solución" de la dramática coyuntura y realidad de injusticia que hoy viven. No es para ellas la cocina común una meta. Nunca lo fue. Es un paso en el camino. Sino por qué se preocupan tanto por la formación de sus hijos. Por su propia formación. "Tengo que apoyar a mis compañeras. Yo he recibido mucho en el comedor. Ellas tienen que pensar y decidir por ellas mismas. Los asesores nos asesoran, pero sólo eso. Decidimos nosotras. Conocemos nuestra realidad y sabemos qué hay

vão surgindo como líderes na formação de seu povo.

Hoje um posto político não as assusta. São animadoras sócio-culturais de sua comunidade. Ali numa cidadezinha onde nem o Ministério chega, elas iniciam o processo de uma cultura de saúde integral.

Sonho com o futuro, mas já o vivo ao ver tantas mulheres buscando o bem comum, o bem de todos. Um futuro humano. Fruto de mães que formam filhos e filhas fortes, abertas/os à diversidade, à mudança. Capazes de viver e construir entre diferentes, de negociar.

Pode-se sonhar um novo milênio cheio de humanidade quando existem mulheres capazes de apoiar a quem se debate na depressão, misturando a compreensão e a exigência adequadas em um caminho que não é exatamente fácil. "Não se preocupe. A senhora vai pensar nos outros. Assumirá pouco a pouco a responsabilidade. Pode deixar conosco. Ela pode superar isto." Quanta riqueza humana.

Cresce o meu sonho. Vejo adiante mulheres que abrem caminho para a Vida. Que compartilham esperanças e metas sem impor. Que encaminham acompanhando na tarefa. Capazes de formar um lar, família, comunidade, ali onde estão. Nada as amedronta. Toda necessidade humana as convoca.

O mundo novo terá mulheres que convoquem ao trabalho comunitário. Mulheres que tornarão possível o difícil equilíbrio da "barra de aço forrada de veludo," pessoas capazes de viver em comunidade o maravilhoso marco de uma geografia exuberante de verdes plátanos, palmeiras e sargaços. Plantações de batata-doce e comida para todos. Mulheres que cantarão a Paz repartindo rosas, enquanto brincam com papagaios multicores. Mulheres que aplacarão a sede de muitos com a água azul do Lago Titicaca. Um lago que dividem com um país irmão porque sua beleza não pode ser privatizada. Mulheres enfeitadas com mil borboletas coloridas.

Dar a luz a um mundo mais humano foi sonho e será realidade porque, unidas a outros, começarão a gestá-lo quatro, seis, quinze mulheres, mil mulheres pequenas e grandes que decidiram cozinhar juntas para embalar a vida, para protegê-la, para fazê-la crescer desenvolvendo todas as suas potencialidades.

Sonhar um novo e mil milênios com economia solidária, com artes e ciências humanizadoras, com crianças amadas que crescem amando. Ir mais além das necessidades básicas porque nos alegramos com a construção de um mundo solidário.

Aqui os alicerces de um mundo novo que explodirá em mil cores quando cair sobre ele o que vão criando também as mulheres profissionais, as voluntárias em centenas de campos, as pastoras e teólogas das igrejas, as mestras mal pagas que apesar disto preparam pessoas autênticas que aprendem a pensar por si mesmas. As artistas, as filósofas, as camponesas, as parteiras tradicionais, as religiosas e as simples mães de família. Mundo novo, remanso de paz onde jogaremos o jogo da interculturalidade sob a sombra de uma enorme árvore, à beira de um rio caudaloso, que permita ver as pedras no fundo sem deixar de ser corrente de fraternidade. ■



Foto: Arquivo Novamérica

que hacer" Así van surgiendo como lideresas de la formación de su pueblo.

Hoy un puesto político no las hace atrás. Son animadoras socio culturales de su comunidad. Ahí en el pueblito donde ni el Ministerio llega, ellas desatan el proceso de una cultura de la salud integral.

Sueño con el futuro, más ya lo vivo viendo a tantas mujeres buscar el bien común, bien de todos. Un futuro humano. Fruto de madres que forman hijos e hijas fuertes, abiertas/os a la diversidad, al cambio. Capaces de vivir y construir entre diferentes, de negociar.



Dar a luz un mundo más humano fue sueño y será realidad porque unidas a otros, comenzaron a gestarlo cuatro, seis, quince mujeres.

Se puede soñar un nuevo milenio pleno de humanidad, cuando hay mujeres capaces de apoyar a quien se debate en la depresión mezclando la comprensión y la exigencia adecuada en un camino no precisamente fácil "No te preocupes. La señora va a pensar en los otros. Asumirá poco a poco la responsabilidad. Déjanos a nosotras. Ella puede superar esto". Cuanta riqueza humana.

Crece mi sueño. Veo hacia delante mujeres que abren caminos a la Vida. Que comparten esperanzas y metas sin imponer. Que envían acompañando en la tarea. Capaces de formar pareja, familia, comunidad ahí donde están. Nada las amilana. Toda necesidad humana las convoca.

El mundo nuevo tendrá mujeres que convoquen al trabajo comunitario. Mujeres que harán posible el difícil equilibrio de la "barra de acero forrada de terciopelo", persona capaz de vivir en comunidad en el maravilloso marco de una geografía exhuberante de verdes plátanos, palmeras y algarrobos. Plantas de camote y papa para todos. Mujeres que cantarán la Paz repartiendo rosas mientras juegan con papagayos multicolores. Mujeres que aplacarán la sed de muchos con el agua azul del Lago Titicaca. Un lago que comparten con un país hermano porque su belleza no puede privatizarse. Mujeres adornadas con mil mariposas de colores.

Dar a luz un mundo más humano fue sueño y será realidad porque unidas a otros, comenzaron a gestarlo cuatro, seis, quince mujeres. Mil mujeres pequeñas y grandes que decidieron cocinar juntas para acunar la vida, para protegerla, para hacerla crecer desplegando todas sus potencialidades.

Soñar un nuevo y mil milenios con solidaria economía, con artes y ciencias humanizadoras, con niños amados que crecen amando. Ir más allá de las necesidades básicas porque nos regalamos la construcción de un mundo solidario.

Aquí los cimientos de un mundo nuevo que estallará en mil matices cuando llueva sobre él lo que van sembrando también las mujeres profesionales, las voluntarias en cientos de campos, las pastoras y teólogas de las iglesias, las maestras mal pagadas que a pesar de ello engendran personas auténticas que aprenden a pensar por sí mismas. Las artistas, las filósofas, las campesinas, las parteras tradicionales, las religiosas y las simples madres de familia. Mundo nuevo, remanso de paz donde jugaremos el juego de la interculturalidad bajo la sombra de un enorme árbol a la orilla de un río caudaloso, que permita ver las piedras del fondo sin dejar de ser corriente de fraternidad. ■

Construir ecossistemas educativos
Reinventar a escola

Vera Maria Candau - Professora
do Departamento de Educação da Puc Rio
Equipe Novamerica Rio de Janeiro - Brasil

Neste final de século e de milênio a educação vive, no continente latino-americano, um momento especialmente paradoxal e contraditório. Não se pode negar a enorme expansão do sistema educacional nas últimas décadas, pelo menos no que diz respeito à educação básica. O discurso oficial hoje apresenta a educação como a grande responsável pela modernização de nossas sociedades, por suas maiores ou menores possibilidades de integrar-se no mundo globalizado e na sociedade do conhecimento, que exigem altos níveis de competência e domínio de habilidades de caráter cognitivo, científico e tecnológico, assim como o desenvolvimento da capacidade de interação grupal, iniciativa, criatividade e uma elevada auto-estima. A educação é encarada como esperança de futuro.

No entanto, persistem no continente altos índices de analfabetismo, evasão, repetência e desigualdades de oportunidades educacionais entre diferentes países, assim como entre regiões geográficas de cada um deles. Em muitas sociedades é grave a crise da escola pública e a crescente fragmentação do sistema de ensino – grupos sociais, em geral os mais pobres, só têm acesso a determinadas escolas públicas e outras faixas da população, de maior poder aquisitivo, freqüentam as melhores escolas públicas e escolas particulares consideradas de excelência. Esta crescente diferenciação do sistema traduz também uma equação de menor a maior qualidade e visibiliza a tendência à inserção da educação na lógica do mercado, como um produto de consumo que se compra, segundo as possibilidades econômicas de cada um. A questão da qualidade da educação é apresentada como a solução da crise que atravessa os sistemas escolares no continente sem que se problematize esta expressão, relacionando-a com o tipo de sociedade e cidadania que se quer construir e as diferentes abordagens que dela podem ser feitas.

A problemática da desvalorização do profissional da educação é outro aspecto presente em muitas sistemas. O movimento de reformas educacionais que atravessa o continente privilegia as questões curriculares e não tem seu principal foco no educador. Obedece às propostas dos organismos internacionais e, em geral, desconhece os movimentos dos educadores e a experiência teórica e prática acumulada pelos profissionais e pesquisadores da área de educação no continente.

Esta é a tendência dominante. No entanto, não se pode ignorar que no continente existem também inúmeras experiências e buscas que se situam em outras perspectivas. A realidade educacional é muito mais heterogênea e plural do que a descrição que, muitas vezes, nos é feita de sua problemática, desafios e alternativas. É importante que, também no âmbito da educação, não caiamos na armadilha do pensamento único.

CONSTRUIR ECOSSISTEMAS EDUCATIVOS

O debate sobre as questões educacionais vem sofrendo um progressivo estreitamento nos últimos anos, ficando em grande parte reduzido aos processos de escolarização, à educação formal. No entanto, a América Latina tem uma riquíssima experiência de criação de práticas educativas e de produção de conhecimento a partir da perspectiva da educação não formal e, concretamente da educação popular. É tempo de resgatar e trazer todo este acervo para enriquecer a discussão atual sobre a educação. A educação nas sociedades em que vivemos, complexas, contraditórias e

Construir ecosistemas educativos
Reinventar la escuela



En este fin de siglo y de milenio en el continente latinoamericano la educación vive un momento especialmente paradójico y contradictorio. No se puede negar la enorme expansión del sistema educativo en las últimas décadas, por lo menos en lo que se refiere a la educación básica. El discurso oficial de hoy presenta la educación como la grande responsable de la modernización en nuestras sociedades, por sus mayores o menores posibilidades de integrarse en el mundo globalizado y en la sociedad del conocimiento, que exigen altos niveles de competencia y dominio de habilidades de carácter cognitivo, científico y tecnológico, así como el desarrollo de la capacidad de interacción grupal, iniciativa, creatividad y una elevada autoestima. La educación es encarada como la esperanza de futuro.

Sin embargo, persisten en el continente altos índices de analfabetismo, evasión, fracaso y desigualdad de oportunidades de educación entre diferentes países, así como entre las regiones geográficas de cada uno de ellos. En muchas sociedades es grave la crisis de la escuela pública y la creciente fragmentación del sistema de enseñanza - grupos sociales, en general los más pobres, sólo tienen acceso a determinadas escuelas y otras capas de población de mayor poder adquisitivo frecuentan las mejoras escuelas públicas y escuelas particulares consideradas de excelencia. Esta creciente diferenciación de sistema traduce también una ecuación de menor a mayor calidad y deja visible la tendencia de la inserción de la educación en la lógica del mercado, como un producto de consumo que se compra según las posibilidades económicas de cada uno. La cuestión de la calidad de la educación se presenta como la solución de la crisis que atraviesan los sistemas escolares en el continente sin que se problematice esta expresión, relacionándola con el tipo de sociedad y ciudadanía que se quiere construir y los diferen-

desiguais, se realiza em diferentes âmbitos, instituições e práticas sociais.

Um dos desafios do momento é ampliar, reconhecer e favorecer distintos *locus*, ecossistemas educacionais, diferentes espaços de produção da informação e do conhecimento, de criação e reconhecimento de identidades, práticas culturais e sociais. De caráter presencial e/ou virtual. De educação sistemática e assistemática. Onde diversas linguagens são trabalhadas e pluralidade de sujeitos interagem, seja de modo planejado ou com caráter mais livre e espontâneo.

Os processos educativos se desenvolvem a partir de diferentes configurações. A pluralidade de espaços, tempos e linguagens deve ser não somente reconhecida, como promovida. A educação não pode ser enquadrada numa lógica unidimensional, aprisionada numa institucionalização específica. É energia de vida, de crescimento humano e de construção social. O importante é seu horizonte de sentido: formar pessoas capazes de ser sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto de sociedade e humanidade. Não podemos inibir o horizonte utópico da educação para colocá-la numa lógica funcional ao mercado e puramente instrumental. Sem horizonte utópico, indignação, admiração e o sonho de uma sociedade justa e solidária, inclusiva, onde se articulem políticas de igualdade e de identidade, para nós não existe educação. Pode haver instrução, treinamento, por mais sofisticados que sejam, mas o dinamismo da educação é cerceado. Nesta perspectiva, o desafio está em liberar o potencial transformador das práticas educativas, ampliando sua concepção e multiplicando os *locus* de promoção, afirmando diferentes ecossistemas educativos.

REINVENTAR A ESCOLA

A escola, tal como a conhecemos hoje, é uma construção histórica recente. Na América Latina os sistemas escolares se constituíram praticamente neste século. A concepção de escola que se foi consolidando, a apresenta como uma instituição orientada fundamentalmente a promover a apropriação do conhecimento considerado socialmente relevante e a formação para a cidadania. No entanto, estas duas funções básicas da escolarização hoje, pode-se afirmar, que estão em crise, seja pela dificuldade da escola de fato as realizar, seja, o que consideramos mais relevante para a nossa discussão, pelo seu próprio anacronismo em relação aos tempos presentes.

Nas sociedades atuais muitas são as formas de acesso ao conhecimento, não se podendo atribuir à escola a quase exclusividade desta função. O impacto dos meios de comunicação de massa e, particularmente, da informática está revolucionando as formas de construir conhecimento. E estas formas estão chamadas a se multiplicar nos próximos anos. Por outro lado, a cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno padrão, do "aqui todos são iguais". No entanto, as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social, religiosa, etc., dos seus sujeitos e atores.



A escola está chamada a ser nos próximos anos, mais do que um *locus* de apropriação do conhecimento socialmente relevante, o científico, um espaço de diálogo entre diferentes saberes – científico, social, escolar, etc.- e linguagens. De análise crítica, estímulo ao exercício da capacidade reflexiva e de uma visão plural e histórica do conhecimento, da ciência, da tecnologia e das diferentes linguagens. É no cruzamento, na interação, no reconhecimento da dimensão histórica e social do conhecimento que a escola está chamada a se situar. Neste sentido, toda a rigidez de que se reveste em geral a organização e a dinâmica pedagógica escolares, assim como o caráter monocultural da cultura escolar precisam ser fortemente questionados. Devem ser enfatizadas a dinamicidade, a flexibilidade, a diversificação, as diferentes leituras de um mesmo fenômeno, as diversas formas de expressão, o debate e a construção de uma perspectiva crítica plural.

Outro grande desafio que se coloca para a reinvenção da escola se relaciona com a articulação entre igualdade e diferença. Durante muito tempo a cultura escolar se configurou a partir da ênfase na questão da igualdade, o

tes abordajes que se pueden hacer de ella.

La problemática de la desvalorización profesional de la educación es otro aspecto presente en muchos sistemas. El movimiento de reformas educativas que atraviesa el continente privilegia las cuestiones curriculares y no tienen su principal foco en el educador. Obedece a las propuesta de los organismos internacionales y, en general, desconoce los movimientos de educadores y la experiencia teórica y práctica acumulada por los profesionales y teóricos de la área de educación del continente.



Esta es la tendencia dominante. Sin embargo, no se puede ignorar que en el continente existen también innumerables experiencias y búsquedas que se sitúan en otras perspectivas. La realidad educacional es mucho más heterogénea y plural que la descripción que, muchas veces, se hace de su problemática, desafíos y alternativas. Es importante que, también en el ámbito de la educación, no caigamos en la trampa del pensamiento único.

CONSTRUIR ECOSISTEMAS EDUCATIVOS

El debate sobre la Educación viene sufriendo un progresivo estrechamiento en los últimos años, quedando en gran parte reducido a los procesos de escolarización, a la educación formal. Sin embargo, América Latina tiene una riquísima experiencia de creación de prácticas educativas y de producción de conocimiento a partir de la perspectiva de la educación no formal y concretamente de la educación popular. Es tiempo de recuperar todo este acervo para enriquecer la discusión actual sobre la educación. La educación en las sociedades en que vivimos, complejas, contradictorias y desiguales, se realiza en diferentes ámbitos, instituciones y practicas sociales.

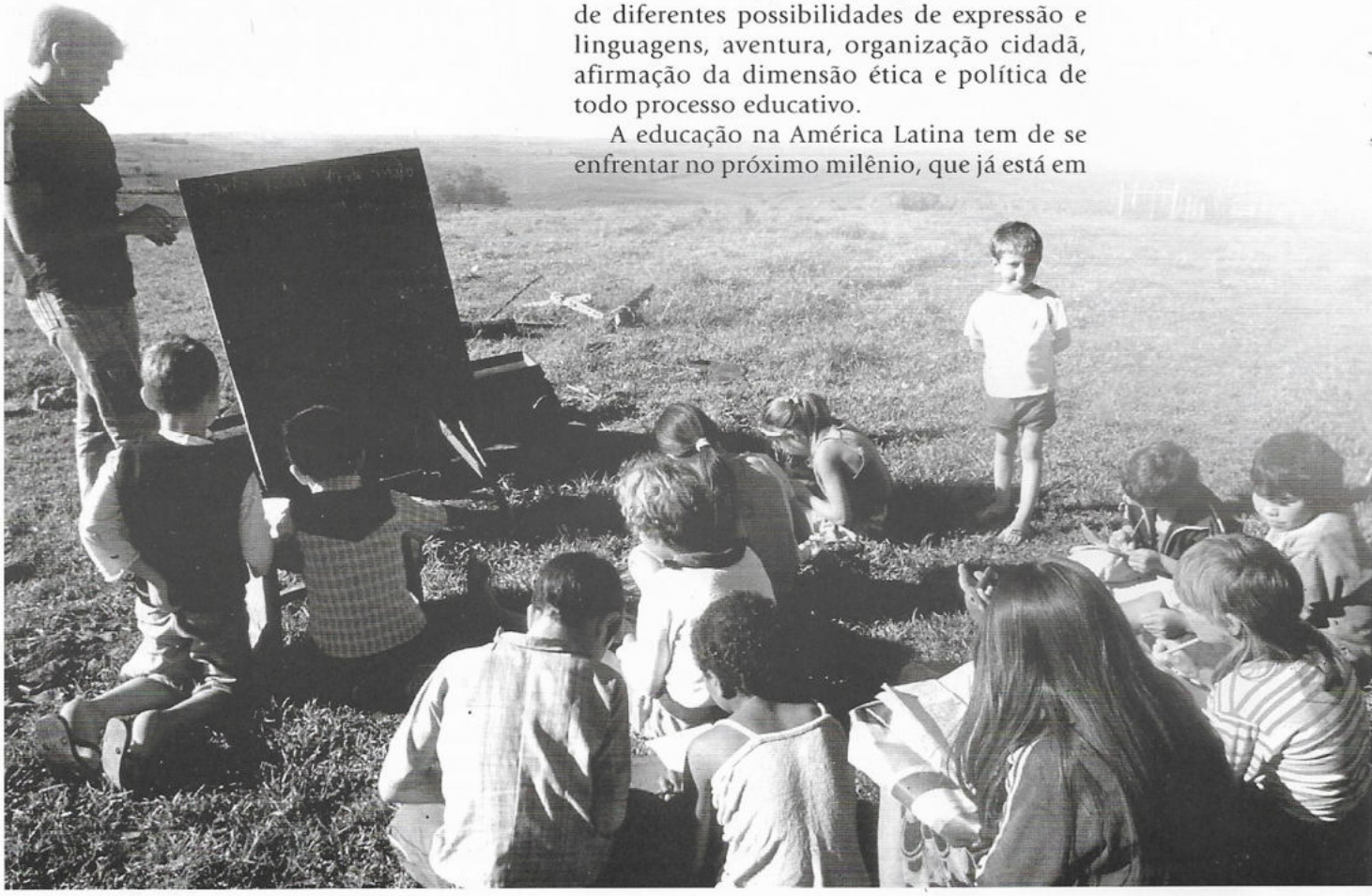
Uno de los desafíos del momento es ampliar, reconocer y favorecer distintos locus, ecosistemas educacionales, diferentes espacios de producción de la información y del conocimiento, de creación y reconocimiento de identidades, prácticas culturales y sociales. De carácter presencial y/o virtual. De educación sistemática y a-sistemática. Donde se trabajan diferentes lenguajes y se interrelacionan multitudes de sujetos, sea de modo sistemático o con carácter más libre y espontáneo.

Los procesos educativos se desarrollan a partir de diferentes configuraciones. La pluralidad de espacios, tiempos y lenguajes debe ser no sólo reconocida sino también promovida. La educación no puede ser encuadrada en una lógica unidimensional, aprisionada en una institucionalización específica. Es energía de vida, de crecimiento humano y de construcción social. Lo importante es su horizonte de sentido: formar personas capaces de ser sujetos de sus vidas, conscientes de sus opciones, valores y proyectos de referencia; otros actores sociales comprometidos con un proyecto de sociedad y humanidad. No podemos inhibir el horizonte utópico de la educación para colocarla en una lógica funcional al mercado y puramente instrumental. Sin horizonte utópico, indignación, admiración y el sueño de una sociedad justa y solidaria, inclusiva, donde se articulen políticas de igualdad y de identidad, no existe educación para nosotros. Puede haber instrucción, entrenamiento, por más sofisticados que sean, pero el dinamismo de la educación está cercado. En esta perspectiva, el desafío está en liberar el potencial transformador de las prácticas educativas, ampliando su concepción y multiplicando los locus de promoción, afirmando diferentes ecosistemas educativos.

REINVENTAR LA ESCUELA

La escuela tal y como la conocemos hoy es una construcción histórica reciente. En América Latina los sistemas escolares se constituyeron prácticamente en este siglo. La concepción de la escuela que se fue consolidando la presenta como una institución orientada fundamentalmente a promover la apropiación del conocimiento consi-

que significou, na prática, a afirmação da hegemonia da cultura ocidental européia e a ausência no currículo e em outras práticas simbólicas presentes na escola de outras vozes, particularmente referidas às culturas originárias do continente, à cultura negra e de outros grupos marginalizados de nossas sociedades. Hoje em nosso continente são cada vez mais numerosos os movimentos sociais



e de caráter identitário que questionam o universo escolar assim configurado e apresentam diferentes propostas na ótica de uma cultura escolar mais plural que incorpore contribuições de diferentes etnias e questione os estereótipos sociais, de gênero, etc., veiculados pela escola. Situam-se estes movimentos cada vez mais na perspectiva da promoção de uma educação verdadeiramente intercultural, anti-racista e anti-sexista, como princípio configurador do sistema escolar como um todo e não somente orientada a determinadas situações e grupos sociais.

Na reinvenção da escola a questão da cidadania é fundamental. Não de uma perspectiva puramente formal do tema, mas a partir de uma abordagem que concebe a cidadania como uma prática social cotidiana, que perpassa os diferentes âmbitos da vida, articula o cotidiano, o conjuntural e o estrutural, assim como o local e o global, numa progressiva ampliação do seu horizonte, sempre na perspectiva de um projeto diferente de sociedade e humanidade.

A escola assim concebida é um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo.

A educação na América Latina tem de se enfrentar no próximo milênio, que já está em processo, com questões radicais: construir e/ou promover ecossistemas educativos diversificados, multiplicar os seus *locus* e reinventar a escola. Somente assim poderá dar resposta aos desafios do continente: assumindo uma configuração plural, reconhecendo o conhecimento e as práticas educativas produzidas e acumuladas no continente, fazendo da escola um espaço de cruzamento de saberes e linguagens, de educação intercultural e construção de uma nova cidadania. Uma proposta educativa ampla e consistente capaz de contribuir para encontrar respostas aos desafios que todo o continente está chamado a enfrentar para construir sociedades onde a justiça, a solidariedade e a felicidade sejam direitos de tod@s. Sem horizonte utópico é impossível educar. ■

derado socialmente relevante y la formación para la ciudadanía. Sin embargo hoy se puede afirmar que estas dos funciones básicas de la escolarización están en crisis, sea por la dificultad de la escuela para realizarlas de hecho, sea - lo que consideramos más relevante para nuestra discusión - por su propio anacronismo en relación a los tiempos presentes.

En la reinvención de la escuela la cuestión de la ciudadanía es fundamental.

En las sociedades actuales muchas son las formas de acceso al conocimiento, no pudiéndose atribuir a la escuela la exclusividad de esta función. El impacto de los medios de comunicación de masa y, particularmente, de la informática está revolucionando las formas de construir conocimiento. Y estas formas están llamadas a multiplicarse en los próximos años. Por otro lado, la cultura escolar está impregnada de la perspectiva de lo común, del alumno medio, del "aquí todos son iguales". Sin embargo, las escuelas están cada vez más desafiadas a enfrentar los problemas derivados de la diferencia y la pluralidad cultural, étnica, social, religiosa, etc., de sus sujetos y actores.

La escuela está llamada a ser en los próximos años, más que un locus de apropiación de conocimiento social relevante, el científico, un espacio de diálogo entre diferentes saberes, científico, social, escolar, etc., y lenguajes. Del análisis crítico, del estímulo al ejercicio de la capacidad reflexiva y de una visión plural e histórica del conocimiento, de la ciencia, de la tecnología y de los diferentes lenguajes. Es en el cruzamiento, en la interacción, en el reconocimiento de la dimensión histórica y social del conocimiento donde la escuela está llamada a situarse. En este sentido, toda la rigidez de que se reviste en general la organización y la dinámica pedagógica escolar, así como el carácter monocultural de la cultura escolar precisan ser fuertemente cuestionados. Se deben enfatizar la dinamicidad, la flexibilidad, la diversificación, las diferentes lecturas de un mismo fenómeno, las diversas formas de expresión, el debate y la construcción de una perspectiva crítica plural.

Otro gran desafío para la reinvención de la escuela se relaciona con la articulación entre igualdad y diferencia. Durante mucho tiempo la cultura escolar se configuró a partir del énfasis en la cuestión de la igualdad, lo que significa, en la práctica, la afirmación de la hegemonía de la cultura occidental europea y la ausencia, en el curriculum y en otras prácticas simbólicas presentes en la escuela, de otras voces, particularmente referidas a las culturas originarias del continente, a la cultura negra y de otros grupos marginalizados de nuestras sociedades. Hoy en nuestro continente son cada vez más numerosos los movimientos sociales y de carácter identitario que cuestionan el universo escolar así configurado y presentan diferentes propuestas en la óptica de una cultura escolar más plural, que incorpore contribuciones de diferentes etnias y cuestione los estereotipos sociales, de género, etc., vehiculados en la escuela. Estos movimientos se sitúan cada vez más en la perspectiva de la promoción de una educación verdaderamente intercultural, antirracista y antisexista, como principio configurador del sistema escolar como un todo y no solamente orientada a determinadas situaciones y grupos sociales.

En la reinvención de la escuela la cuestión de la ciudadanía es fundamental. No desde una perspectiva puramente formal del tema, sino a partir de un abordaje que concibe la ciudadanía como una práctica social cotidiana, que atraviesa los diferentes ámbitos de la vida. Articula lo cotidiano, lo coyuntural y lo estructural, así como lo local y lo global, en una progresiva ampliación de su horizonte, siempre en la perspectiva de un proyecto diferente de sociedad y humanidad.

La escuela así concebida es un espacio de búsqueda, construcción, diálogo y confrontación, placer, desafío, conquista de espacio, descubrimiento de diferentes posibilidades de expresión y lenguaje, aventura, organización, ciudadanía, afirmación de la dimensión ética y política de todo proceso educativo.

La educación en América Latina tiene que enfrentarse en el próximo milenio, que ya está en proceso, con las cuestiones radicales: construir y/o promover ecosistemas educativos diversificados, multiplicar sus locus y reinventar la escuela. Solamente así podrá dar respuesta a los desafíos del continente, asumiendo una configuración plural, reconociendo el conocimiento y las prácticas educativas producidas y acumuladas en el continente, haciendo de la escuela un espacio de cruzamiento de saberes y lenguajes, de educación intercultural y construcción de una nueva ciudadanía. Una propuesta educativa amplia y consistente, capaz de contribuir para encontrar respuesta a los desafíos que todo el continente está llamado a enfrentar para construir sociedades donde la justicia, la solidaridad y la felicidad sean derecho de tod@s. Sin horizonte utópico es imposible educar. ■

Democracia, realidade e utopia

DEMOCRACIA: IMAGEM E VIVÊNCIA LATINO-AMERICANAS

Com o colapso das experiências do leste europeu e soviética de socialismo histórico no final da década de oitenta e início da de noventa, o vocábulo "democracia" incorporou-se à vitória do capitalismo. Entre outros fatores, e para o discurso da dominação, o capitalismo havia triunfado sobre o comunismo porque era democrático. O "final da história" primeiromundista compunha-se de liberdade empresarial, ética de mercado e democracia. Às formações sociais do Terceiro Mundo cabia reproduzir ou imitar este paradigma até onde fosse possível e permitido pelas corporações e Estados protagonistas do fim da História.

A América Latina e o Caribe traziam seu aporte precário e particular ao anterior imaginário democrático de final de século. Diversos motivos: a ameaça de uma Nicarágua sandinista na América Central, a má imagem internacional das ditaduras de Segurança Nacional sul-americanas, o colapso militar argentino na guerra das Malvinas, a possibilidade de reedição da experiência popular nicaraguense no Haiti, o final da Guerra Fria e a necessidade de uma maior transparência nos assuntos governamentais exigida pela globalização mercantil e financeira, levaram, com ritmos e oportunidades diferenciados, a que o sistema imperial de dominação estabelecido no subcontinente promovesse e às vezes impusesse a substituição das ditaduras por regimes civis eleitos.

Para o discurso dominante, tratava-se do "retorno à democracia." Para as populações, onde muitos setores se mobilizaram em favor das metas democráticas, tratava-se de um alívio no campo da violação dos direitos humanos e cidadãos e, também, da possibilida-



Democracia, realidad y utopia

Helio Gallardo
Costa Rica

DEMOCRACIA: IMAGEN Y VIVENCIA LATINOAMERICANAS

Con el colapso de las experiencias esteuropeas y soviética de socialismo histórico a finales de la década de los ochenta e inicios de la de los noventa, el vocablo "democracia" se incorporó a la victoria del capitalismo. Entre otros factores, y para el discurso de la dominación, el capitalismo había triunfado sobre el comunismo porque era democrático. El "final de la historia" primermundista se componía de libertad empresarial, ética de mercado y democracia. A las formaciones sociales del Tercer Mundo les correspondía reproducir o imitar este paradigma hasta donde les fuera posible y permitido por las corporaciones y Estados protagonistas del final de la Historia.

América Latina y el Caribe hacían su aporte precario y particular al anterior imaginario democrático de final de siglo. Diversos motivos: la amenaza de una Nicaragua sandinista en Centroamérica, la mala imagen internacional de las dictaduras de Seguridad Nacional sudamericanas, el colapso militar argentino en la guerra de Las Malvinas, la posibilidad de la reedición de la experiencia popular nicaragüense en Haití, el final de la Guerra Fría y la necesidad de una mayor transparencia en los asuntos gubernamentales exigida por la globalización mercantil y financiera, llevaron, con ritmos y oportunidades diferenciados, a que el sistema imperial de dominación establecido en el subcontinente promoviera, y a veces impusiera, el reemplazo de las dictaduras por regímenes civiles electos.

Para el discurso dominante, se trataba del "retorno de la democracia". Para los pueblos, muchos de cuyos sectores se movilizaron por las metas democráticas, de un deseado respiro en el campo de las violaciones de derechos humanos y ciudadanos y, también, de la posibilidad de



de de satisfazer suas necessidades de terra, emprego, reconhecimento e segurança. Na economia e na cultura, no entanto, as "novas democracias," alcançadas mediante pactos e convencimentos, continuavam as discriminações, as precariedades e as exclusões próprias de uma acelerada segmentação social e da acentuação da dependência, derivadas de uma mundialização induzida. Nestas democracias, não havia espaço para reivindicar direitos econômicos/sociais populares nem para uma preocupação séria com as necessidades de reprodução do hábitat natural.

De fato, as "novas democracias" latino-americanas e caribenhas, centradas no mercado eleitoral, não pareciam demasiadamente vinculadas nem a um estado de direito nem a um regime de opinião pública nem a uma participação cidadã integral nem a um melhor acesso da população aos tribunais de justiça. A imagem tradicional do regime democrático como "governo do povo", quer dizer, como soberania popular, dava lugar a uma "poliarquia," ou seja, a uma democracia autodeclaradamente imperfeita, em que os cidadãos (o povo) votam mas não governam. Governa, como soberana, a classe política. E na América Latina e no Caribe esta classe política é autárquica; quer dizer, se cria e se reproduz por si mesma.



As poliarquias dominaram a área durante as últimas duas décadas sem conseguir legitimar suas instituições. Na realidade latino-americana e na caribenha, elas funcionam como designações eleitorais determinadas pelo monopólio da oferta política que provém dos grandes interesses corporativos imperantes, transnacionais e locais. O efeito sumário é que seres humanos e cidadãos são valorizados exclusivamente como clientelas. A escassa credibilidade das instituições e das lógicas democráticas vigentes inscreve-se em um marco mais amplo de crise de liderança, de debilidade de propostas e de vitalidade partidária, de esgotamento ideológico e de segmentação da sociedade civil. As "democracias restritivas" somam à dívida econômico-social e ambiental uma dívida política e utópica. Não só deixaram impunes crimes e safadezas como também contribuíram para o embotamento dos horizontes de esperança.

A institucionalidade das poliarquias restritivas contribui significativamente para os processos que levam a um efeito popular de ingovernabilidade. A decepção, o cansaço e a irritação da cidadania em decorrência da distância entre o que se diz e o que se faz, da impunidade dos potentados e militares, da corrupção criminosa dos políticos e da ausência de projetos e programas que atendam às necessidades de toda a população, e especialmente à reivindicação social e cultural dos mais humildes e excluídos, como os camponeses e os povos nativos, tiveram seu sinal hemisférico mais recente nas votações que respaldaram em 1999 os amplos triunfos eleitorais do Polo Patriótico encabeçado por Hugo Chávez na Venezuela. O primeiro clarão tinha ocorrido no Haiti, em 1990, onde uma onda de apoio popular levou Jean

satisfacer sus necesidades de tierra, empleo, reconocimiento y seguridad. En la economía y la cultura, sin embargo, las 'nuevas democracias', alcanzadas mediante pactos y disuasiones, perpetuaban las discriminaciones, precariedades y exclusiones propias de una acelerada segmentación social y de la acentuación de la dependencia derivadas de una mundialización inducida. En estas democracias no había espacio para reivindicar derechos económico-sociales populares ni para una preocupación seria por las necesidades de reproducción del hábitat natural.

En América Latina y el Caribe la clase política es autárquica; es decir, se genera y reproduce por sí misma.

De hecho, las 'nuevas democracias' latinoamericanas y caribeñas, centradas en el mercadeo electoral, no parecían demasiado vinculadas ni con un Estado de derecho, ni con un régimen de opinión pública, ni con la participación ciudadana integral, ni con un mejor acceso de la población a los tribunales de justicia. La tradicional imagen del régimen democrático como "gobierno del pueblo", es decir como soberanía popular, dejaba el campo a la 'poliarquía', o sea a una democracia autodeclarada imperfecta en la que los ciudadanos (el pueblo) votan pero no gobiernan. Gobierna, como soberana, la clase política. Y en América Latina y el Caribe esta clase política es autárquica; es decir, se genera y reproduce por sí misma.

Las poliarquías han dominado en el área durante las últimas dos décadas sin lograr legitimar sus instituciones. En las condiciones latinoamericanas y caribeñas operan como designaciones electorales determinadas por el monopolio de la oferta política que se sigue de los grandes intereses corporativos imperantes, transnacionales y locales. El efecto sumario es que seres humanos y ciudadanos son valorados exclusivamente como clientelas. La escasa credibilidad de las instituciones y lógicas democráticas vigentes se inscribe en un marco más amplio de crisis de liderazgo, de debilidad propositiva y vitalidad partidaria, de agotamiento ideológico y de segmentación de la sociedad civil. Las 'democracias restrictivas' añaden a la deuda económico-social y ambiental una deuda política y utópica. No sólo han dejado crímenes y delincuencialidades impunes, sino que han contribuido al embotamiento de los horizontes de esperanza.

La institucionalidad de las poliarquías restrictivas aporta significativamente a los procesos que contribuyen a un efecto popular de ingobernabilidad. La decepción, el cansancio e irritación de la ciudadanía por la distancia entre lo que se dice y se hace, por la impunidad de los potentados y militares, por la corrupción delincuencial de los políticos y la ausencia de proyectos y programas que atiendan a las necesidades de toda la población, y especialmente a la reivindicación social y cultural de los más humildes y desplazados -como los campesinos y pueblos originarios- tuvo su signo hemisférico más reciente en las votaciones que respaldaron en 1999 los amplios triunfos electorales del Polo Patriótico encabezado por Hugo Chávez en Venezuela. El primer destello se había vivido en Haití, en 1990, donde una ola de apoyo popular catapultó a Jean Bertrand Aristide a la presidencia con un 67% de los votos. Derrocado antes de cumplir un año de gobierno, fue retornado por Estados Unidos a su tierra en 1994 para que le recordara a su gente que no sería tolerado en el área un régimen democrático con vitalidad popular.

El segundo signo del malestar y la exasperación, en todo compatibles con el horizonte utópico popular, lo constituyó la insurgencia de pueblos indígenas y trabajadores rurales discriminados y perseguidos de Chiapas, en 1994. Su irrupción armada quiso catalizar las fuerzas sociales que permitieran y construyeran un México democrático donde se articularían en un proyecto compartido de nación los sueños plurales de los ofendidos y humillados de su historia. Incumplido el efecto catalizador, internamente neutralizados o semineutralizados los insurgentes, el Chiapas agrario e indígena se perpetúa como proyección utópica e interlocutor de las diversas minorías que constituyen la mayoría popular latinoamericana. Chiapas dice que es posible reconstruir el espíritu y luchar y que los pueblos todavía creen que pueden dar sentidos liberadores y articuladores a la economía, a la política y a la cultura y que esos sentidos pueden ofrecerse civilizatoriamente al mundo. Democracias con raíz humana y lugares sociales, democracias para que todos puedan creer y crecer humanamente. Instituciones democráticas decantadas de modo que en ellas cada quien pueda reconocerse y asumirse partícipe en acciones y proyectos humildes y ambiciosos de construcción de vida. Como siempre, cuando se trata de las movilizaciones y luchas populares su historia condensa y manifiesta la intensidad de su utopía.



Bertrand Aristide à presidência com 67% dos votos. Destituído antes de cumprir um ano de governo, foi levado de volta à sua terra pelos Estados Unidos em 1994 para lembrar a sua gente que não seria tolerada na região um regime democrático com vitalidade popular.

O segundo sinal de mal-estar e de exasperação, em tudo compatíveis com o horizonte utópico popular, foi a insurreição de povos indígenas e de trabalhadores rurais de Chiapas, discriminados e perseguidos, em 1994. Sua rebelião armada quis catalisar as forças sociais que permitiram e construíram um México democrático, onde se articulariam em um projeto compartilhado de nação os sonhos plurais dos ofendidos e humilhados de sua história. Não acontecido o efeito catalisador, internamente neutralisados ou semi-neutralisados os revoltosos, o Chiapas agrário e indígena se perpetua como projeção utópica e como interlocutor das diversas minorias que constituem a maioria popular latino-americana. Chiapas mostra que é possível reconstruir o espírito e lutar e que os povos ainda crêem que podem dar sentidos libertadores e articuladores à economia, à política e à cultura e que estes sentidos podem ser oferecidos civilizatoriamente ao mundo. Democracias com raiz humana e lugares sociais, democracias para que todos possam crer e crescer humanamente. Instituições democráticas depuradas de modo que nelas cada um possa reconhecer-se e assumir-se partícipe em ações e projetos humildes e ambiciosos de construção de vida. Como sempre, quando se trata das mobilizações e lutas populares, sua história condensa e manifesta a intensidade de sua utopia.

DEMOCRACIA E UTOPIA POPULAR

Os sinais da fé e da esperança democráticas se inscrevem, como todos os fenômenos populares, em contextos de emergência e de luta mais amplos. Desde a década de sessenta, grupos contestadores de jovens, mulheres, ecologistas, ativistas de direitos humanos e lutadores pelo desarme e pela paz, com marcante presença inicialmente na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, mobilizaram-se a partir de seus lugares sociais para denunciar que as cobiças burocratizadas, públicas e privadas, que determinam ferreamente as atuais formas de organização da existência não deixavam espaço para o ser humano. Ao fazer esta denúncia, rejeitavam a identificação que lhes impunha a necessidade de reprodução do sistema e, com sua luta, tentavam configurar uma identidade própria que pudessem oferecer a outros. Jovens e estudantes, ecologistas e mulheres armadas com uma teoria de gênero organizam movimentos que se propagam em mobilizações e combates em que o imaginário utópico - a esperança radical alternativa que orienta porque se descobre e constrói no testemunho e no compromisso pessoais - desempenha um papel decisivo.

Ao mobilizarem-se para obter uma identidade humana que lhes era negada e rechaçar a identificação "natural" e social que o sistema lhes atribuía, estas lutas definiam seus protagonistas através de sua capacidade para serem sujeitos. Sujeito é quem se esforça para atuar a partir de si mesmo, autonomamente, mesmo que em condições que não consegue determinar por completo. Sujeito é, deste modo, quem tenta apropriar-se, tornar suas, dar sentido às ações que definiu por si mesmo. É esta necessidade humana, a de ser sujeito, ou seja, de contribuir para a produção social de sentido, a que parecia negada para os indivíduos e setores emergentes em luta contra a devastação ambiental, contra o império masculino e patriarcal, contra a vida administrada pelas burocracias comunistas e capitalistas, contra o culto tecnocrático e cientificista que sustenta a lógica de acumulação do capital.

Como sempre, quando se trata das mobilizações e lutas populares, sua história condensa e manifesta a intensidade de sua utopia.

Por ser radicalmente contestatória, a luta para alcançar a condição de sujeitos continha também uma valoração do que significa dar



DEMOCRACIA Y UTOPÍA POPULAR

Los signos de la fe y esperanzas democráticas se inscriben, como todos los fenómenos populares, en contextos de emergencia y lucha más amplios. Desde la década de los sesenta, grupos contestatarios de jóvenes, mujeres, ecologistas, activistas de derechos humanos y luchadores por el desarme y la paz, con distinta presencia inicial en Europa, Estados Unidos y América Latina, se movilizaron desde sus lugares sociales para denunciar que las burocratizadas codicias públicas y privadas que determinan férreamente las actuales formas de organización de la existencia no dejaban espacio para el ser humano. Al hacer este reclamo, rechazaban la recortada identificación que les adjudicaba la necesidad de reproducción del sistema y, con su lucha, intentaban configurar una identidad propia para ofrecerles a otros. Jóvenes y estudiantes, ecologistas y mujeres armadas con una teoría de género constituyen movimientos que se decantan en movilizaciones y combates en los que el imaginario utópico —la esperanza radical alternativa que orienta porque se descubre y construye en el testimonio y compromiso personales— juega un papel decisivo.

Al movilizarse por una identidad humana que les era negada y rechazar la identificación 'natural' y social que el sistema les atribuía, estas luchas definían a sus protagonistas por su capacidad para ser sujetos. Sujeto es quien se esfuerza por actuar desde sí mismo, autónomamente, aun en condiciones que no alcanza a determinar por completo. Sujeto es, asimismo, quien intenta apropiarse, hacer suyas, dar sentido, a las acciones que ha decidido desde sí mismo. Es esta necesidad humana, la de ser sujeto, o sea la de contribuir a la producción social de sentido, la que aparecía negada para los individuos y sectores emergentes en lucha contra la devastación ambiental, contra el imperio masculino y patriarcal, contra la vida administrada por las burocracias capitalistas y comunistas, contra el culto tecnocrático y cientificista que sostiene a la lógica de acumulación de capital.

Por ser radicalmente contestataria, la pugna por alcanzar la condición de sujetos contenía también una valoración de lo que significa dar 'sentido humano' a un esfuerzo en el que se construyen identidad y autoestima. Para alcanzar sentido humano, las luchas deben contener y nutrirse de una propuesta liberadora. Participar como sujetos quiere así decir, inicialmente, sentir y diagnosticar las estructuras, lógicas e instituciones de opresión que sobrerreprimen, expolian, discriminan, asesinan e impiden alcanzar la estatura de sujeto. Producirse como sujeto es movilizarse, desde los lugares sociales específicos en que se está sometido a la opresión, con fines y procedimientos coherentemente liberadores. La relación de pareja, la familia, la iglesia, la vivencia de la fe, las relaciones laborales y vecinales, las organizaciones políticas, el Estado, la producción simbólica, se tornan de esta manera espacios políticos en los que se construye sujeto o se lo niega. Una vida social sometida a diversas y tramadas lógicas de opresión exige la plena participación de sujetos empeñados en producir su sentido y apropiarse de él. Esta noción de participación plena y autoestima liberadoras condensa admirablemente el sentido del horizonte de esperanza democrático. Y de ella se llena la lucha popular.

Estrictamente, la polémica moderna sobre el valor del concepto "democracia" define dos grandes campos: en uno se ubican quienes ven la institucionalidad democrática exclusivamente como forma de gobierno. Aquí están, hoy, en América Latina, quienes le asignan un alcance puramente procedimental, referencia que está en la base de las

"sentido humano" a um esforço em que se constróem identidade e autoestima. Para alcançar sentido humano, as lutas devem conter uma proposta libertadora e nutrir-se dela. Participar como sujeitos quer, portanto, dizer, inicialmente, sentir e diagnosticar as estruturas, as lógicas e as instituições de opressão que sufocam, expoliam, discriminam, assassinam e impedem que seja alcançada a estatura de sujeito. Produzir-se como sujeito é mobilizar-se, a partir dos lugares sociais específicos em que se está submetido à opressão, com objetivos e procedimentos coerentemente libertadores. A relação de casamento, a família, a igreja, a vivência da fé, as relações laborais e vicinais, as organizações políticas, o Estado, a produção simbólica tornam-se, assim, espaços políticos em que se constrói o sujeito ou então se nega o sujeito. Uma vida social submetida a diversas e tramadas lógicas de opressão exige a plena participação de sujeitos empenhados em produzir seu sentido e apropriar-se dele. Esta noção de participação plena e de autoestima libertadora condensa admiravelmente o sentido do horizonte democrático de esperança. E é dela que se alimenta a luta popular.

Estritamente falando, a polêmica moderna sobre o valor do conceito "democracia" define dois grandes campos: num deles estão aqueles que vêem a institucionalidade democrática exclusivamente como forma de governo. Existem, hoje, na América Latina, aqueles que lhe emprestam um alcance puramente comportamental, referência que está na base das democracias restritivas. Em outro campo organizam-se aqueles que vêem nos valores democráticos um estilo de existência e de vida, uma cultura. Para estes últimos, o conceito/valor da "democracia" é inseparável da articulação, da participação e da responsabilidade constantes de sujeitos que produzem sua identidade incidindo na produção do sentido libertador que dá valor humano e de humanidade a suas existências. O estilo democrático de vida exige de cada um participação autônoma, responsável e criativa. Democráticas são as tramas sociais - de matrimônio, familiares, sindicais, camponesas, eclesiais, laborais, políticas, etc. - que potencializam a autoconstituição de sujeitos e reforçam sua capacidade para romper limites, criar vida e apropriar-se dela. Um estilo de existência democrático facilita a constituição de um regime democrático de governo. É seu antecedente e seu interlocutor.

A referência utópica anterior é centralmente popular. Na América Latina e no Caribe ela anima as lutas camponesas pela terra, a organização de mulheres populares a partir da teoria de gênero, a mobilização de jovens e estudantes contra as burocracias governamentais e universitárias, os movimentos cidadãos emergentes pelo controle dos municípios, a sujeição governamental de contas e uma democracia qualitativa, a batalha das comunidades pelo poder local, os movimentos dos povos nativos que exigem poder manter suas raízes, os esforços dos crentes religiosos para dar um caráter libertador à sua fé, o enfrentamento pela qualidade social do emprego em que se empenham os novos sindicalistas. O referente utópico de uma participação plena sustenta a autoexigência que deve tensionar o Polo Patriótico venezuelano para fazer do seu governo uma experiência popular efetiva, é fator decisivo de animação para uma eventual frente ampla e histórica argentina, constitui um elemento de reconstituição e ação do Partido dos Trabalhadores brasileiro e da configuração de uma aliança opositora eficaz no México.

Uma cultura democrática resulta da participação articulada e crítica de diversos sujeitos. E só nasce e se reproduz se se propaga em instituições e lógicas que potencializem e exijam constantemente o crescimento destes sujeitos a partir de suas raízes. Não deve causar espanto o fato de que a utopia popular democrática se assemelhe ao Reino da Vida em Abundância, à imaginada Sociedade Sem Classes onde o trabalho é um jogo livre ou à Sociedade Sem Domínio Patriarcal e Adulto em que a felicidade resulta da autonomia criadora e não da repressão e da exclusão. Cultura Democrática, Reino, Sociedade Erótica e Feliz. Todas elas são produções e sonhos a partir das lutas daqueles a quem se negou sempre a condição de sujeitos. É por seu reclamado testemunho que pode existir com sentido humano uma América Latina e uma nova América. ■



democracias restrictivas. En el otro campo se organizan quienes ven en los valores democráticos un estilo de existencia y de vida, una cultura. Para estos últimos, el concepto/valor de 'democracia' es inseparable de la articulación, participación y responsabilidad constantes de sujetos que producen su identidad incidiendo en la producción de sentido liberador que da valor humano y de humanidad a sus existencias. El estilo democrático de vida demanda de cada quien participación autónoma, responsable y creativa. Democráticas son las tramas sociales —de pareja, familiares, sindicales, campesinas, eclesiales, laborales, políticas, etc.— que potencian la autoconstitución de sujetos y refuerzan su capacidad para romper límites, crear vida y apropiarse de ella. Un estilo de existencia democrático facilita la constitución de un régimen democrático de gobierno. Es su antecedente y su interlocutor.

La anterior referencia utópica es centralmente popular. En América Latina y el Caribe ella anima las luchas campesinas por la tierra, la organización de mujeres populares con teoría de género, la movilización de jóvenes y estudiantes contra las burocracias gubernamentales y universitarias, los emergentes movimientos ciudadanos por el control de los municipios, la rendición gubernamental de cuentas y una democracia cualitativa, la batalla de las comunidades por el poder local, los movimientos de los pueblos originarios que exigen se les permita crecer desde sus raíces, los esfuerzos de los creyentes religiosos por dar carácter liberador a su fe, el enfrentamiento por la calidad social del empleo en que se empeñan los nuevos sindicalistas. El referente utópico de una participación plena sostiene la autoexigencia que debe tensionar al Polo Patriótico venezolano para hacer de su gobierno una experiencia popular efectiva, es factor decisivo de animación para un eventual Frente amplio e histórico argentino, constituye un elemento de reconstitución y acción del Partido de los Trabajadores brasileño y de la configuración de una alianza opositora eficaz en México.

Una cultura democrática resulta de la participación articulada y crítica de plurales sujetos en ella. Y sólo se gesta y reproduce si se decanta en instituciones y lógicas que potencien y demanden constantemente el crecimiento de ellos desde sus raíces. No debe extrañar que la utopía popular democrática se asemeje al Reino de la Vida en Abundancia, a la imaginada Sociedad Sin Clases donde el trabajo es libre juego o a la Sociedad Sin Dominio Patriarcal y Adulto en el que la felicidad resulta de la autonomía creadora y no de la represión y exclusión. Cultura Democrática, Reino, Sociedad Erótica y Feliz. Todas ellas son producciones y sueños desde las luchas de aquellos a quienes se ha negado siempre la condición de sujetos. Es por su reclamado testimonio que puede existir con sentido humano una América Latina y una nueva América. ■



As mulheres frente aos direitos humanos neste fim de século



Na América Latina, o movimento social pelos direitos humanos surge a partir das violações maciças dos direitos humanos nas ditaduras do Cone Sul, na década de setenta.

Muitas mulheres protagonizaram este movimento, não tanto a partir da lógica política, mas sim de uma lógica do afeto, por serem mães, avós, familiares das vítimas, desaparecidas ou torturadas. Em primeiro lugar, saíram a buscar informações, logo se reuniram e mais tarde uniram-se à luta dos militantes em favor dos direitos humanos e, deste modo, a demanda privada pelo filho se transformou em uma demanda pública e política pela democracia.

Atualmente, a região latino-americana apresenta muitos países que substituíram os regimes de terror onde se violavam os direitos humanos por regimes democráticos. É urgente em todos eles repensar os direitos humanos na democracia, criando uma sensibilidade social que permita superar a violência, as violações, as diferentes formas de subordinação e marginalização em diferentes âmbitos da vida cotidiana, já que as violações aos direitos continuam e é preciso denunciá-las e promover uma solidariedade efetiva que legitime a resistência civil e a luta contra a subordinação a favor da equidade.

Uma mulher, maya-quiché, recebe em 1992 o prêmio Nobel da Paz, Rigoberta Menchú Tum, e declara em La Paz no mês de julho passado:

"Não me deram o prêmio Nobel por eu ser vítima, deram-me por ser lutadora. Esta lealdade à luta pela dignidade da minha gente estará comigo nesta vida e em todas as vidas que venham no futuro. Faço uma advertência sobre a importância de não se lucrar com a vida humana nem com as lágrimas nem com a dor das pessoas. É importante não ficarmos no sensacionalismo porque este causa enorme dano às culturas, especialmente à ética e ao núcleo familiar... Eu luto pela autodeterminação dos povos, para que prevaleça o diálogo, a negociação, por isso não estou de acordo com que haja países que sejam guardiães do planeta. Há muitos interesses ocultos que não defendem os direitos da população."[1]

DIREITO A TER DIREITO

Quais são, neste final de século, as reivindicações das mulheres na lógica dos direitos humanos? Como atualizam o direito a ter direito? [2] Existem muitos temas prioritários cheios de dilemas e tensões. Entre eles destacamos os que se seguem.

Os direitos reprodutivos, relativos aos direitos das mulheres de regular sua própria sexualidade e capacidade reprodutiva e que compreendem a exigência de que os homens assumam sua responsabilidade pelas conseqüências do exercício de sua sexualidade. [3]

O elevado número de violações, a imposição de métodos contraceptivos, a negação do direito de contar com serviços de saúde que assegurem a capacidade de regular a própria sexualidade e a reprodução demonstram que neste final de século não existem condições para que



Las mujeres ante los derechos humanos en este fin de siglo

Maria Esperanza Górriz
Licenciada en Pedagogia
La Paz - Bolívia

En América Latina, el movimiento social por los derechos humanos surge a partir de las violaciones masivas de los derechos humanos en las dictaduras del Cono Sur en la década de los setenta.

Muchas mujeres protagonizaron este movimiento, no tanto desde la lógica política cuanto desde una lógica del afecto, por ser madres, abuelas, familiares de las víctimas de desaparecidos o torturados. En primer lugar salieron a buscar información, luego se encontraron entre sí y más tarde compartieron la lucha de los militantes por los derechos humanos y, de este modo, la demanda privada por el hijo se transformó en una demanda pública y política por la democracia.

Actualmente la región latinoamericana presenta muchos países que han reemplazado los regímenes de terror donde se violaban los derechos humanos por regímenes democráticos. Es urgente en todos ellos repensar los derechos humanos en democracia, creando una sensibilidad social que permita superar la violencia, las violaciones, las diferentes formas de subordinación y marginación en diferentes ámbitos de la vida cotidiana ya que las violaciones a los derechos continúan y es preciso denunciarlas y promover una solidaridad efectiva que legitime la resistencia civil y la lucha contra la subordinación a favor de la equidad.

Una mujer, maya-quiché, que recibe en 1992 el premio Nobel de La Paz, Rigoberta Menchú Tum, declara en La Paz, el mes de julio pasado:

"No se me dio el premio Nobel por ser víctima, se me dio por ser luchadora. Esa lealtad a la lucha, por la dignidad de mi gente, estará conmigo en esta vida y en todas las vidas que vengan en el futuro. Hago un llamado sobre lo importante que es no lucrar con la vida humana ni con las lágrimas, ni el dolor de la gente. Es importante no quedarnos en el sensacionalismo porque éste hace un enorme daño a las culturas, especialmente a la ética y al núcleo familiar... Yo lucho por la autodeterminación de los pueblos, porque prevalezca el diálogo, la negociación, por eso no estoy de acuerdo conque haya países que sean guardianes del planeta. Hay muchos intereses ocultos que no defienden los derechos de la población"[1]

DERECHO A TENER DERECHO

¿Cuáles son en este fin de siglo las reivindicaciones de las mujeres en la lógica de los derechos humanos? ¿Cómo actualizan el derecho a tener derecho?[2] *Existen muchos temas prioritarios llenos de dilemas y de tensiones. Entre ellos destacamos los siguientes.*

Los derechos reproductivos, referidos a los derechos de las mujeres de regular su propia sexualidad y capacidad reproductiva y que conllevan la exigencia de que los varones asuman su responsabilidad por las consecuencias del ejercicio de su sexualidad.[3]

El elevado número de violaciones, la imposición de métodos anticonceptivos, la negación del derecho a contar con servicios de salud que aseguren la capacidad de regular la propia sexualidad y la reproducción, demuestran que en este fin de siglo no existen condiciones para que las mujeres asuman su responsabilidad personal en la propia sexualidad. Del mismo modo

1 Rev. Domingo del diario La Prensa del 18 de julio 1999.

2 Elizabet Jelin «¿antes, de, en, y? Mujeres y derechos humanos. Revista América Latina hoy, N° 9, noviembre 1994, pp 7 a 23.

3 Azeredo, S y Stolcke, V. Direitos Reprodutivos, São Paulo, Fundacão Carlos Chagas, 1991, p.16.

as mulheres assumam sua responsabilidade pessoal por sua sexualidade. Do mesmo modo, estamos muito longe do que podem fazer os homens para assumir sua responsabilidade na paternidade. Cada dia ouvimos falar de "mães desnaturadas" quando se encontram bebês abandonados. Ninguém fala dos pais que também os abandonaram.

Os direitos reprodutivos não são direitos individuais, são direitos de um casal. Para consegui-los, será preciso resolver a atual assimetria em que os homens têm maior poder para definir normas de conduta no que se refere à vida do casal. Da mesma forma, este tema coloca questionamentos sobre a forma habitual de estabelecer as políticas sociais e o exercício das responsabilidades da cidadania através da participação no espaço público. As políticas públicas precisam ser debatidas a partir de novas formas de relação entre a sociedade civil e o Estado.

A luta pela igualdade e a favor da eliminação de todas as formas de discriminação apresenta muitas áreas de aplicação, e uma das mais importantes é a do campo laboral que abarca diferentes aspectos: o funcionamento do mercado de trabalho, a discriminação e a segregação ocupacional e os efeitos da legislação. Já se demonstrou claramente e até de forma quantitativa que não se pode alcançar a igualdade de oportunidades em condições de vida desiguais. Por este motivo, fala-se de políticas e de ações compensatórias que reconheçam as diferenças de gênero e ajam para fomentar a equidade, aplicando políticas afirmativas que transformem a realidade para gerar equidade.

Há situações específicas no campo laboral que reclamam uma denúncia e uma ação imediatas porque colocam em risco a integridade física e a liberdade de movimentos: o trabalho semi-escravo, as migrações forçadas para exercer a prostituição e o assédio sexual no emprego.

Nas últimas décadas, o paradigma dos direitos humanos tem sido objeto de importantes transformações. Dos direitos individuais, civis e políticos, que afirmam as liberdades individuais fundamentais frente ou contra o poder do Estado, e qualificados de direitos de primeira geração, passa-se aos direitos chamados de segunda geração, que exigem uma ação estatal positiva no econômico, no social e no cultural e a partir daí se chega aos direitos de terceira e quarta gerações que se estabelecem no campo internacional e se referem a direitos globais dos povos à paz, ao desenvolvimento e à conservação dos recursos do meio ambiente. Está se dando um passo em direção ao fato de reconhecer o direito a ter direitos como sendo o motor de mudanças históricas.



Elizabeth Jelin, no artigo que motivou esta breve apresentação, sugere três caminhos a seguir na luta pelos direitos humanos das mulheres:

1. Diante das situações em que as mulheres carecem dos direitos humanos fundamentais, o caminho a seguir é a luta para conseguir estes direitos.

2. Nos grupos e movimentos através dos quais as mulheres exercem uma tarefa democratizadora para que se reconheçam mais amplamente os direitos humanos, é preciso reforçar o conceito do direito universal a ter direitos de modo a banir toda forma de discriminação e a construir relações horizontais de solidariedade e equidade entre os seres humanos.

3. Diante da perspectiva masculina ocidental que deu origem ao conceito dos direitos humanos, as mulheres precisam participar ativamente na redefinição permanente dos direitos humanos, reforçando os ideais de liberdade e de equidade que os inspiraram.

Não há dúvida de que este final de século nos desafia a um trabalho árduo para afirmar a face e as ações de uma humanidade mais solidária e justa, com as capacidades e as habilidades dos homens e das mulheres que a integram. ■

estamos muy lejos de que lo puedan hacer los varones para tomar su responsabilidad en la paternidad. Cada día oímos hablar de «madres desnaturalizadas» cuando se encuentran bebés abandonados. Nadie habla de los padres que también los abandonaron.

Los derechos reproductivos nos son derechos individuales, son derechos de una pareja. Para lograrlos se ha de resolver la actual asimetría en la que los varones tienen mayor poder para normar pautas de conducta en lo referente a la vida de la pareja. Asimismo este tema plantea cuestionamientos sobre la forma habitual de plantear las políticas sociales y el ejercicio de las responsabilidades ciudadanas a través de la participación en el espacio público. Las políticas públicas han de ser debatidas a partir de nuevas formas de relación entre la sociedad civil y el Estado.

La lucha por la igualdad y hacia la eliminación de todas las formas de discriminación presenta muchas áreas de aplicación, una de las más importantes es la del campo laboral que abarca diferentes aspectos: el funcionamiento del mercado de trabajo, la discriminación y la segregación ocupacional y los efectos de la legislación. Se ha demostrado claramente y hasta de forma cuantitativa que no puede alcanzarse la igualdad de oportunidades en condiciones de vida desiguales. Por este motivo se habla de políticas y de acciones compensatorias que reconozcan las diferencias de género y actúen para fomentar la equidad aplicando políticas afirmativas que transformen la realidad.



Hay situaciones específicas en el campo laboral que reclaman una denuncia y acción inmediatas porque ponen en peligro la integridad física y la libertad de movimientos: el trabajo semi-servil, las migraciones forzadas para ejercer la prostitución y el acoso sexual en el puesto de trabajo.

En las últimas décadas el paradigma de los derechos humanos ha sido objeto de importantes transformaciones. De los derechos individuales, civiles y políticos, que afirman las libertades individuales fundamentales frente o contra al poder del Estado, y calificados de derechos de primera generación, se pasa a los derechos llamados de segunda generación, que requieren una acción estatal positiva en lo económico, lo social y lo cultural y desde aquí se llega a los derechos de tercera y cuarta generación que se plantean en el campo internacional y se refieren a derechos globales de los pueblos para la paz, el desarrollo y la conservación de los recursos del medio ambiente. Se está dando un paso hacia el hecho de reconocer el derecho a tener derechos como el motor de cambios históricos.

Elizabet Jelin, en el artículo que ha motivado esta breve presentación, sugiere tres caminos a seguir en la lucha por los derechos humanos de las mujeres.

1. Ante las situaciones en las que las mujeres carecen de los derechos humanos fundamentales, el camino a seguir es la lucha por el logro de dichos derechos.

2. En los grupos y movimientos a través de los cuales las mujeres despliegan una tarea democratizadora para que se reconozcan más ampliamente los derechos humanos, hay que reforzar el concepto del derecho universal a tener derechos que llegue a desterrar toda forma de discriminación y construya relaciones horizontales de solidaridad y equidad entre los seres humanos.

3. Frente al encuadre masculino occidental que dio origen al concepto de los derechos humanos, las mujeres han de participar activamente en la redefinición permanente de los derechos humanos, reforzando los ideales de libertad y de equidad que los inspiraron.

No cabe duda de que este fin de siglo nos desafía a una ardua labor para afirmar el rostro y las acciones de una humanidad más solidaria y justa con las capacidades y dones de los varones y las mujeres que la integran. ■

Festa, memória e identidade



A festa é um acontecimento essencial na vida individual e coletiva. O conhecimento da real dimensão humana na festa recebe um aporte que não pode ser substituído por sucedâneos. A festa é a revelação do verdadeiro ser e acontecer do homem. Não é descabida a hipótese de que a saúde dos povos possa ser medida pela vigência e pela qualidade de suas festas. Na festa, restauram-se as relações essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com o mundo e com o transmundo. A festa é convergência do visível e do invisível, do previsível mas, sobretudo, do imprevisível: o imponderável como imprescindível para uma vida com real qualidade. A festa é o encontro do indivíduo e do grupo com sua mais entranhada identidade.

O encontro revela a realidade em agonia permanente de abertura e disponibilidade e restitui à experiência a alegria, o assombro e o entusiasmo de ser-estar no mundo. Neste sentido, é uma experiência radical que reivindica ao homem suas raízes e suas projeções reais, que se alimentam de infinito e eternidade. A experiência do encontro abre ao homem a perspectiva de sentir o tecido relacional que o constitui no plano material, no psíquico e no espiritual. Deixa patente que este tecido de círculos concêntricos que o rodeia não o incita a fechar-se e sim a abrir-se para receber. Receber, nesta circunstância, é conciliar-se com o movimento de dar, de participar aquilo que se é, porque na participação acontece a revelação do ser. Viver é se dar conta de estar rodeado por esta lógica de círculos concêntricos que me assistem com a doação do seu ser e que com isso me convidam a sair ao seu encontro, no antes e no depois. Sua abertura e sua entrega obrigam a minha abertura e a minha entrega.

O descobrimento da identidade ocorre nesta experiência capital. A quinhentos anos do descobrimento da América, será possível

Fiesta, memoria e identidad

Fidel Sepúlveda Llanos
Professor de la Pontifícia Universidade Católica de Chile

La fiesta es un acontecimiento esencial en la vida individual y colectiva. El conocimiento de la real dimensión humana en la fiesta recibe un aporte que no es reemplazable por sucedáneos. La fiesta es revelación del verdadero ser y acontecer del hombre. No es descabellada la hipótesis de que la salud de los pueblos se puede medir por la vigencia y calidad de sus fiestas. En la fiesta se restauran las relaciones esenciales del hombre consigo mismo, con los otros hombres, con el mundo y con el transmundo. La fiesta es convergencia de lo visible y lo invisible, lo previcible pero sobre todo lo imprevicible: lo imponderable como imprescindible para una vida con real calidad. La fiesta es encuentro del individuo y del grupo con su más entrañada identidad.

El encuentro revela a la realidad en trance permanente de apertura y disponibilidad y restituye a la experiencia la alegría, el asombro y el entusiasmo de ser-estar en el mundo. En este sentido es una experiencia radical que le reivindica al hombre sus raíces y sus proyecciones reales, que se nutren de infinito y eternidad. La experiencia del encuentro abre al hombre a sentir el tejido relacional que lo constituye en lo material, lo psíquico y lo espiritual. Le patentiza la providencia con que este tejido de círculos concéntricos que lo rodea, no lo incita a cerrarse sino a abrirse para recibir. Recibir en esta situación es acordarse con el movimiento del dar, del participar lo que se es, porque en la participación acontece la revelación del ser. Vivir es acusar recibo de estar rodeado para esta lógica de círculos concéntricos que me asisten con la dación de su ser y que con ello me invitan a salir a su encuentro, en el antes y en el después. Su apertura y entrega obliga a mi apertura y entrega.

El descubrimiento de la identidad ocurre en esta experiencia capital. A quinientos años del descubrimiento de América, ¿será posible detectar un acontecimiento en que el pueblo iberoamericano haya tenido esta experiencia? ¿La hubo pero se perdió en los recodos de la historia, sin que de ella queden rastros? ¿Todo este trayecto lo recuenta la memoria colectiva sólo como cadena de desencuentros? Pen-



Foto: Arquivo Novamérica

detectar um acontecimento em que o povo iberoamericano tenha tido esta experiência? Ele a teve, porém ela se perdeu nos recônditos da história, sem deixar rastros? Todo este trajeto é relatado pela memória coletiva só como cadeia de desencontros? Pensamos que no acontecer recôndito, em meandros ocultos, existem lugares onde o ser americano se encontrou, continua se encontrando consigo mesmo, com a comunidade, com a natureza, com Deus.

Um destes acontecimentos é a festa ritual que ciclicamente resgata a humanidade do homem da rotina e o leva a mergulhar em um tempo, espaço, acontecer e personagem transfigurados, não o tirando de si mesmo, mas fazendo-o reencontrar-se com seu ser primordial, com sua força, luz, assombro originais. As festas rituais na América fazem o homem reencontrar o seu destino; o reinserem no circuito da vida. Reconciliam-no com sua origem ancestral, expõem suas relações essenciais, com as quais se escreve a verdadeira história, a que vivem a cada dia os cromossomas.



Foto: Arquivo Novamérica

A festa é a emergência da identidade, que se manifesta como expressão do seu ser saindo, crescendo, a partir da sua palavra, da sua música, da sua cor. Na festa, a comunidade iberoamericana recupera e renova os significantes para sentir-compreender seus significados, seu sentido neste mundo e no outro; neste mundo onde se revela o outro, onde o outro se revela como este. A festa revela o viver americano como uma arte. Nela, o ser indo-hispânico se clarifica, se resgata, se projeta em sua mais nua verdade, em seu mais profundo mistério, em sua comovedora dignidade.

FESTA E COTIDIANIDADE

Na festa, acontece a transfiguração da cotidianidade. A cotidianidade não deixa de ser o que é para ser outra coisa distinta ou oposta, mas sai com o seu ser, o revela. O tempo se revela como policronia, o espaço como conjunto de proxemias, o acontecer como sobreposição múltipla, sincronia de diacronias.

Não rompe a cotidianidade, com a cotidianidade, mas, sim, alcança o espaço, o tempo, a "energia" para que seu ser se aproxime do ser primordial que é: forte, pleno. Rompe com a rotina que asfixia o ser, que o envelhece e unidimensiona. A festa é a liberação das forças latentes da comunidade. É amanhecer, despertar e assumir-se com o gesto, a cor, o vigor que corresponde ao ser e que, por sua rotina, o povo descuidou. Na festa, este aparece recuperado no realce, no ritmo, no brilho. A criatividade encapsulada, involuída pela névoa imediatista, se desdobra em imagens que recuperam a face real do mundo. Aqui "a imagem é um processo ontológico; nela o ser se abre a uma manifestação visível e plena de sentido." (Godamer)

Em relação ao espaço, na festa o espaço profano e o sagrado convivem, e de opostos e dissociados, como a modernidade os apresentou, eles se revelam relacionados; o profano adquirindo sentido em virtude do outro, o sagrado. A festa relaciona o espaço humano e o cósmico e deixa transparecer a rede de correspondências entre ambos, onde um não existe sem o outro, porque o mundo pertence ao homem, mas, na raiz, o homem pertence ao mundo, se faz por ele, é responsável por ele: por sua integridade, por sua vitalidade.

Relaciona o espaço natural e o artificial e

samos que en el acontecer recóndito, en repliegues por escondidos entrañados, hay ámbitos donde el ser americano se ha encontrado, se sigue encontrando consigo mismo, con la comunidad, con la naturaleza, con Dios.

Uno de estos acontecimientos es la fiesta ritual que cíclicamente rescata la humanidad del hombre de la rutina y lo abre a inmergirse en un tiempo, espacio, acontecer y personaje transfigurados, no sacado de sí, sino reencontrado con su ser primordial, con su fuerza, luz, asombro originario. Las fiestas rituales en América reencuentran al hombre con su destino; lo reinsertan en el circuito de la vida. Lo reconcilian con su origen originante, le patentizan sus relaciones esenciales, con las que se escribe la verdadera historia, la que viven cada día los cromosomas.

La fiesta es emergencia de la identidad que se manifiesta como expresión de su ser saliendo, creciendo, desde su palabra, su música, su color. En la fiesta la comunidad iberoamericana recupera y renueva los significantes para sentir-comprender sus significados, su sentido en este mundo y en el otro; en este mundo donde se revela el otro, donde el otro se revela como éste. La fiesta revela el vivir americano como un arte. En ella el ser indohispano se clarifica, se rescata, se proyecta en su más desnuda verdad, en su más hondo misterio, en su conmovedora dignidad.

FIESTA Y COTIDIANIDAD

En la fiesta acontece la transfiguración de la cotidianeidad. La cotidianeidad no deja de ser lo que es para ser otra cosa distinta o su opuesto, sino que sale con su ser, lo revela. El tiempo se revela como policronía, el espacio como hojaldre de proxemias, el acontecer como encabalgamiento múltiple, sincronía de diacronías.

No rompe la cotidianeidad, con la cotidianeidad, sino que le alcanza el espacio, el tiempo, la "energeia" para que avance su ser al ser primordial que es: fuerte, pleno. Rompe con la rutina que asfixia al ser, que lo anquilosa y unidimensiona. La fiesta es la liberación de las fuerzas latentes de la comunidad. Es amanecer, despertarse y asumirse con el gesto, el color, el vigor que corresponde al ser y del que, por la rutina, el pueblo se ha hecho irresponsable. En la fiesta éste aparece recuperado en el relieve, el ritmo, el brillo. La creatividad encapsulada, involucionada por el smog inmediatista, se despliega en imágenes que le recuperan al mundo su rostro real. Aquí "la imagen es un proceso óntico; en ella accede el ser a una manifestación visible y llena de sentido" (Gadamer).

En relación con el espacio, en la fiesta se vinculan el espacio profano y el sagrado y de opuestos y disociados, en que los ha presentado la modernidad, los revela relacionados; uno, el profano, cobrando sentido en virtud del otro, el sagrado. Relaciona el espacio humano y el cósmico y transparenta la red de correspondencias entre ambos, en donde uno no es sin el otro sino con el otro, porque el mundo le pertenece al hombre pero, en su raíz, el hombre pertenece al mundo, es por él, es responsable de él: de su integridad, de su vitalidad.

Relaciona el espacio natural y el artificial y pone en evidencia que el artificio y la manufactura tienen sentido cuando atienden las interpelaciones de las formas, gestos, ritmos de la naturaleza y lo

Las fiestas rituales en América reencuentran al hombre con su destino; lo reinsertan en el circuito de la vida.



coloca em evidência que o artifício e a manufatura têm sentido quando atendem as exigências das formas, gestos, ritmos da natureza e os utilizam para elevar a qualidade de vida, com o homem e a natureza caminhando numa circularidade virtuosa.

Em relação ao tempo, na festa ocorre a convergência de temporalidades muito diversas, de diferentes modos de acontecer a duração. Alguns pensam que a festa subsume o tempo individual no coletivo e o cotidiano no mítico. Sentimos que não é assim tão unidirecional. A festa é eminentemente personalizante e o indivíduo é solicitado a assumir a experiência da temporalidade, a abrir-se, a revelar virtualidades que não se potencializariam se ele estivesse sozinho. A experiência individual se enriquece com a presença dos outros não para tirá-lo de si, mas para levá-lo a um si mesmo que não é fechamento autista. É experiência iluminada pela pluralidade de presenças que, como um enxame de abelhas, falam, e mostram um lado às vezes ignorado de si mesmos. O meu eu são muitos eus. A minha identidade é plural. O indivíduo se personaliza quando assume esta pluralidade no afã de promover o encontro do ser com o seu sentido.

O circuito do tempo humano se atrela ao tempo cósmico e está em vinculação direta com o tempo divino: o tempo sem duração, a eternidade.



Ocorre a convergência do tempo cotidiano, histórico e trans-histórico, onde a cotidianidade experimenta o povoamento de sua instantaneidade nas ondas de imagens visuais, auditivas, quinéticas, sinestésicas que são significantes, que encarnam o que vem de outros tempos, eventos históricos perdidos, hoje recuperados.

O tempo linear também está presente, mas aqui entra no ritmo do tempo cíclico. A adelgaçadora irreversibilidade que corre para a frente sem tempo nem ânimo para parar, para sair de uma corrida que não tem o sentido como meta, aqui entra no circuito da temporalidade reversível, a que tem como meta o encontro com o sentido, encontro que é reencontro com os tempos plenos que revelaram ao homem as chaves da sua plenitude, tempos que em cada reencontro nos reencontram com desejos mais profundos de que os tempos plenos concedam vertentes mais essenciais.

A festa abre o ser a este tempo cíclico que se diz repetitivo. Não existe tal coisa. Nada se repete. Círculo ou espiral, neste evento ocorre a relação entre o tempo cósmico, o humano e o divino.

O tempo cósmico, aparentemente circular, não é repetitivo. Seu ritmo lentíssimo vai avançando em direção a patamares superiores em variedade e complexidade. É o tempo lento do ser que amadurece os projetos de vida do universo.

FESTA: LUGAR DE ENCONTRO

O tempo humano, nesta relação, vai traçando uma trajetória em espiral, em recorrência, passando pelos mesmos pontos, aparentemente, mas o que passa já não é o mesmo, nem o ponto, nem a altura ou a profundidade. No caso do rito, na festa ocorre uma conjunção do passado e do futuro numa

llevan adelante para elevar la calidad de vida, hombre y naturaleza avanzando en una circularidad virtuosa.

En relación con el tiempo, en la fiesta ocurre la convergencia de muy diversas temporalidades, modos de acontecer la duración. Algunos piensan que la fiesta subsume el tiempo individual en el colectivo y el cotidiano en el mítico. Sentimos que no es tan unidireccional. La fiesta es eminentemente personalizante y el modo de asumir la experencia de temporalidad del individuo en el evento festivo es solicitado, es promocionado a abrirse, a revelarse virtualidades que solo no se le patentizarían. La experiencia individual se puebla de la presencia de los otros no para sacarlo de sí, sino para ingresarlo a un sí mismo que no es clausura autista. Es experiencia asombrada de la pluralidad de presencias que, al modo de enjambre, dicen, significan su, habitualmente, ignorado a sí mismo. Mi yo son muchos yoes. Mi identidad es plural. El individuo se personaliza cuando asume esta pluralidad en afán de encuentro del ser con su sentido.

Ocurre la convergencia del tiempo cotidiano, histórico y transhistórico, en donde la cotidianeidad experimenta el poblamiento de su instantaneidad en las oleadas de imágenes visuales, auditivas, kinéticas, sinestésicas que son significantes que encarnan lo de otros tiempos, pasos históricos perdidos, hoy recuperados.

El tiempo lineal también está presente pero aquí se pone a ritmo con el tiempo cíclico. La adelgazadora irreversibilidad que huye hacia adelante sin tiempo ni ánimo para detenerse, para salir de una carrera que no se plantea el sentido como meta, aquí entra al circuito de la temporalidad reversible, la que se plantea como meta el encuentro con el sentido, encuentro que es reencuentro con los tiempos plenos que han revelado al hombre las claves de su plenitud, tiempos que en cada reencuentro nos reencuentran con apetencias más hondas para las que los tiempos plenos franquean vertientes más esenciales.

La fiesta abre el ser a este tiempo cíclico que se dice repetitivo. No hay tal. Nada se repite. Círculo o espiral, en este evento es experienciable la relación entre el tiempo cósmico, el humano y el divino.

El tiempo cósmico, aparentemente circular, no es repetitivo. Su ritmo de lentísimo ascenso va avanzando hacia cotas superiores en variedad y complejidad. Es el tiempo lento del ser que madura los proyectos de la vida del universo.



FIESTA: LUGAR DE ENCUENTRO

El tiempo humano, en esta relación, va trazando una trayectoria espiral, en recurrencia, pasando por los mismos puntos, aparentemente,



condensação polar de um presente privilegiado. Passado e futuro coexistem, vivem a experiência da comunhão. O que aconteceu aqui revela que ainda existe. O que será revela que já é. Isso dota a zona de convergência, o presente, de sua condição de tempo forte, lúcido, vitalizador do sentido da itinerância humana.

O circuito do tempo humano se atrela ao tempo cósmico e está em vinculação direta com o tempo divino: o tempo sem duração, a eternidade. A festa é experiência ritual onde o homem se mostra, mergulha nesta direção de duração transtemporal que lhe permite tomar distância do tempo cativo dos ponteiros famélicos do relógio.

Por esta via, o sujeito da festa, aquele que festeja, individual e coletivo, avança sua humanidade até uma zona onde um outro tempo, um outro espaço, um outro acontecer lhe pedem "o profético que existe nele." O profético, o protéico, o demiúrgico. Na festa ritual, o festejante não vai sozinho, vai com os outros, vai recebendo em si e levando a mais, ao "nós" tão menosprezado nestes tempos de um individualismo angustiado. O eu recebe o nós e, ao mesmo tempo, se integra a ele. Este nós tem uma projeção sincrônica e diacrônica. Sincrônica como circuito que conecta e amarra simultaneidades entre o físico, o psíquico e o espiritual. Diacrônica como recuperação em um presente poderoso de experiências gratificantes, acumuladas na memória ancestral da comunidade.

Através da festa, o festejante deixa para trás a desmemória a que o submete a rotina e experimenta sua vinculação umbilical com seu ancestral divino. Por isto, a festa é ruptura dos limites sociais, culturais, econômicos. É transbordamento e inversão do estabelecido. Na festa, o homem experimenta sua ilimitação. Sua origem e seu destino magnífico. A partir de então potencializa o tempo presente da festa que o faz sentir-se outro homem, diferente do homenzinho da rotina. E não é que seja outro. Esta alteridade é a sua mais genuína mesmice. Na festa, o homem descobre e, por breves instantes ou dias, assume o realmente é: sua identidade de origem e seu destino transcendente. ■

1.- Bajtin, Mijail. La Cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento. El contexto de Francois Rabelais. Madrid, Alianza Editorial, 1990.

2.- Cruz, Isabel. La Fiesta, metamorfosis de lo cotidiano. Santiago, Ediciones de la Universidad Católica de Chile, 1995.

3.- Eco, Humberto y otros. Carnaval. México, Fondo de Cultura Económica, 1989.



pero.el que pasa no es ya el mismo, ni el punto, ni la altura o profundidad. En el caso del rito, en la fiesta ocurre una conjunción del pasado y del futuro en una condensación polar de un presente privilegiado. Pasado y futuro concurren a entrevistarse, a franquearse, a vivir la experiencia de la comunión. Lo que fue aquí revela que aún es. Lo que será revela que ya es. Esto dota a la zona de convergencia, el presente, de su condición de tiempo fuerte, lúcido, vitalizador del sentido de la itinerancia humana.

El circuito del tiempo humano se encabalga con el tiempo cósmico y está en directa vinculación con el tiempo divino: el tiempo sin duración, la eternidad.

La fiesta es experiencia ritual donde el hombre se asoma, se inmerge en esta dimensión de duración transtemporal, que le permite tomar distancia del tiempo cautivo de las manecillas famélicas del cronómetro.

Por esta vía el sujeto de la fiesta, el festejante, individual y colectivo avanza su humanidad a una zona donde otro tiempo, otro espacio, otro acontecer le piden "lo profético" que hay en él. Lo profético, lo protéico, lo demiúrgico. En la fiesta ritual, el festejante no va solo, va con los otros, va recibiendo en sí y llevando a más, al "nosotros" tan menoscabado en estos tiempos de angustiado individualismo. El yo recibe el nosotros y a su vez, se integra a él. Este nosotros tiene una proyección sincrónica y diacrónica. Sincrónica como circuito que conecta y anuda simultaneidades en lo físico, psíquico, espiritual. Diacrónica como recuperación en un presente poderoso de experiencias gratificantes acumuladas en la memoria ancestral de la comunidad.

Por la fiesta, el festejante deja atrás la desmemoria a que lo somete la rutina y experimenta su vinculación umbilical con su ancestro divino. Por ésto, la fiesta es ruptura de los límites sociales, culturales, económicos. Es desborde e inversión de lo establecido. En la fiesta el hombre experimenta su ilimitación. Su origen y destino magnífico. Desde aquí potencia el tiempo presente de la fiesta que le hace sentirse otro que el hombrecito de la rutina. Y no es que sea otro. Esta otredad es su más genuina mismidad. En la fiesta el hombre descubre y, por breves instantes o días, asume lo que en radicalidad es: su identidad de origen y destino transcendente. ■

4.- Paz, Octavio. El Laberinto de la Soledad. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1990.

5.- Pereira Salas, Eugenio, Juegos y alegrías Coloniales en Chile. Santiago, Zig-Zag, 1947.

6.- Pieper, Josef, Una teoría de la fiesta. Madrid, Rialp, 1974.

7.- Trías, Eugenio, Fisofía y Carnaval, Barcelona, Anagrama, 1973.

Poder local e participação cidadã



No momento atual do nosso país, como em muitos outros do Continente, se afirma, cada vez com mais força, a naturalização do mercado como regulador absoluto da vida social e a aplicação da sua lógica e das suas regras a todas as esferas da vida. Isto ocasiona a subordinação do político e do social ao econômico, o deslocamento de âmbitos de decisão que integravam a esfera pública para a órbita do privado, onde o poder não se orienta para o ser e sim, exclusivamente, para o ter.

Neste contexto, a agudização da crise econômica e sua progressiva globalização desestabilizaram os sistemas urbanos pela resposta inadequada às demandas sociais de *habitat* dos grupos com menos recursos. Este processo foi acelerado e inorgânico, provocando baixa qualidade de vida, alta densidade, contaminação, desorganização espacial, segregação social e desigualdade no acesso à infraestrutura urbana e aos serviços.

A lógica perversa deste modelo tende a desestruturar as organizações comunitárias, fomentando o individualismo e provocando a atomização e a ruptura em contradição com os processos sociais e os modos de produção.

No entanto, paradoxalmente, aquilo que é local adquire hoje novas dimensões relacionais que abrem panoramas diferentes diante de tal homogeneização.

O local se desenvolve com possibilidades participativas, abre campos espaciais novos que permitem expressar, ao identificar necessidades, novas criações alternativas que brotam do nada, da pobreza total, da impotência e do extremo de não poder mais, não saber como, focaliza, cria e espalha esperanças concretas a partir de saídas aparentemente insólitas, proporcionando a possibilidade de organização.

O município é ao mesmo tempo uma idéia nova e uma realidade que vem de outrora, das origens da nossa organização nacional e nos primórdios da época colonial o Município é o centro, o eixo das relações, das políticas, de encontros e decisões.

A QUEM PERTENCE A CIDADE?

O sistema urbano tinha como função integrar o território nacional. Hoje, as cidades globais estão mais orientadas para o mercado internacional do que para o território nacional.

No entanto, aparece a possibilidade de governos urbanos que têm, hoje, mais poder de negociação. A cidade é ainda um espaço anárquico - e ressaltamos isto - onde reina a propriedade privada e seus controles.

As empresas multinacionais e seus empresários são ouvidos em suas demandas e isso poderia ser considerado como uma nova con-



Poder local y participación ciudadana

Elena Picasso
Abogada - Argentina

En el orden actual en nuestro país como en muchos del Continente se afirma, cada vez con más fuerza, la naturalización del mercado como regulador absoluto de la vida social y la aplicación de su lógica y sus reglas a todas las esferas de la vida. Ello apareja la subordinación de lo político y lo social a lo económico, el desplazamiento de ámbitos de decisión que integraban la esfera pública a la órbita de lo privado donde el poder no se orienta hacia el ser sino exclusivamente al tener.

En este contexto, la agudización de la crisis económica y su progresiva globalización ha desestabilizado los sistemas urbanos por la inadecuanda respuesta a las demandas sociales de hábitat de los grupos de menores recursos. Este proceso fue aclerado e inorgánico provocando baja calidad de vida, alta densidad, contaminación, desorganización espacial, segregación social e inequidad en el acceso a infraestructura urbana y servicios.

La lógica perversa del modelo tiende a desestructurar las organizaciones comunitarias fomentando el individualismo y provocando la atomización y fracturación en contradicción con los procesos sociales y los modos de producción.

Sin embargo, paradoxalmente, lo local adquiere hoy nuevas dimensiones relacionales que abren panoramas diferentes ante tal homogeneización.

Lo local se desarrolla con posibilidades participativas, abre campos espaciales novedosos que permite expresar, recoge necesidades, nuevas creaciones alternativas que brotan desde la nada, desde la pobreza total, desde la impotencia y el extremo de no poder más ni saber cómo, nuclea, realiza y extiende esperanzas concretas desde salidas aparentemente insólitas potenciando organización.

El municipio es a la vez una idea nueva y una realidad que viene de antaño, desde los orígenes

cepção de cidadania: são empresas e funcionários estrangeiros. Os sem-teto também estão na cidade. No entanto, poucas demandas dos desfavorecidos são atendidas.

A cidade se constrói, constitui uma revelação do estado futuro com sua ordem e seu simbolismo espetacular, repressivo e segregacionista; mas, também, com seus bairros e sua solidariedade, suas zonas de sombra e suas liberdades.

As aspirações populares estão mais precisas, reclamam alternativas mais democráticas. Trata-se do direito de defender-se contra a arbitrariedade, da liberdade de associação, inclusive em sindicatos, da liberdade de debater e de se informar. E nos bairros existem mil formas diferentes de dar testemunho das capacidades de vida e de imaginação dos cidadãos das cidades.

ABREM-SE NOVOS PANORAMAS DE FUTURO

Olhando na direção do futuro, é possível ver que haverá grandes mudanças nas cidades, dentre as quais cabe assinalar a volta à cidade-estado, sobre as bases de um novo protagonismo aliado ao fortalecimento dos poderes locais:

- Os planos estratégicos urbanos são caminhos de participação e de integração a partir dos diversos projetos que conduzem a um novo projeto de futuro.
- A sociedade civil, com sua capacidade crítica, se abre como espaço de aproximação entre o público e o privado, âmbito de realizações variadas em múltiplos projetos, na direção de novas identidades, representações sociais e políticas e de novos sentidos.
- A configuração de novas cidadanias, democracias reais e participativas, possibilidades econômicas a partir de um sistema de produção includente. Indo mais além das necessidades básicas e começando pelas necessidades próprias de cada âmbito, setor, respeitando as diferenças culturais, as aspirações e o ritmo de desenvolvimento próprio de cada um.
- A prática includente dos Direitos Humanos, em espaços ecumênicos e de acolhida ao dom de Deus e ao sentido humano e humanizador no equilíbrio entre progresso e humanidade, a partir de uma sociedade mais operativa, construtiva, local propício ao cultivo de relações e de organizações variadas e harmônicas, pertinentes e livres no jogo de novas relações.



Estão sendo realizadas diversas experiências que, a partir do âmbito local, estão contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população através de ações ou linhas estratégicas, dando-se prioridade ao desenvolvimento dos recursos humanos e à colaboração entre setores público e privado.

A partir de Planos Estratégicos de Cidade, com contribuições participativas, vão-se construindo linhas de ação com objetivos e resultados que permitem reforçar a capacidade institucional e o tecido associativo, em um novo espaço de criação que aumenta a colaboração entre associações e instituições de nivel local, nacional e internacional.

O objetivo de um plano estratégico é buscar acordos relativos ao desenvolvimento futuro do lugar em que vivemos e as maneiras de intensificá-lo a fim de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

O global e o local se interpenetram. A realidade global é fortemente afetada por fenômenos locais. Não se pode conceber o local e o global como entidades autônomas que se autodefinem e explicam o **"pensar globalmente e agir localmente"** - segundo a afirmação do Clube de Roma no início dos anos 90 - que se poderia inverter para **"pensar localmente e atuar globalmente."** ■



En los barrios hay mil formas diversas que dan testimonio de las capacidades de vida y de imaginación de los habitantes de las ciudades.

de nuestra organización nacional y en los antecedentes de la época colonial, el Municipio es el centro, el eje de relaciones, políticas, de encuentros y decisiones.

¿A QUIEN PERTENECE LA CIUDAD?

El sistema urbano tenía como función integrar el territorio nacional. Hoy las ciudades globales están mas orientadas al mercado internacional que hacia el territorio nacional.

Sin embargo aparece la posibilidad de gobiernos urbanos que tienen hoy más poder de negociación. La ciudad es todavía un espacio anárquico -y lo remarcamos- donde rige la propiedad privada y sus controles.

Las empresas multinacionales y sus empresarios son escuchados en sus demandas y eso podría pensarse como una nueva concepción de ciudadanía: son empresas y funcionarios extranjeros. Los sin techo también están en la ciudad. Sin embargo, pocas demandas de los desfavorecidos son atendidas.

La ciudad se construye, constituye una revelación del estado futuro con su orden y simbolismo espectacular, represivo y segregacionista; pero también con sus barrios y solidaridades, sus zonas de sombras y sus libertades.

Las aspiraciones populares se vuelven mas precisas, reclaman alternativas mas democráticas. Se trata de los derechos de defenderse contra la arbitrariedad, de la libertad de asociación, incluída en los Sindicatos, de la libertad de debatir y de informarse. Y en los barrios hay mil formas diversas que dan testimonio de las capacidades de vida y de imaginación de los habitantes de las ciudades.

SE ABREN NUEVOS PANORAMAS DE FUTURO

Mirando hacia el futuro se vislumbra que se producirán grandes cambios en las ciudades entre los cuales cabe señalar el retorno a la ciudad estado, sobre la base de un nuevo protagonismo junto al fortalecimiento de los poderes locales:

- *Los planes estratégicos urbanos son caminos de participación y de integración desde los variados proyectos que conducen a un nuevo proyecto de futuro;*
- *La sociedad civil desde el sentido crítico se abre como espacio de acercamiento de lo público y lo privado, ámbito de realizaciones variadas en proyectos múltiples hacia nuevas identidades, representaciones sociales, políticas y de sentido;*
- *La conformación de nuevas ciudadanías, democracias reales y participativas, posibilidades económicas desde un sistema de producción inclusivo. Mas allá de las necesidades básicas y desde las propias para cada ámbito, sector, respetando las diferencias culturales, las aspiraciones y la progresividad de los desarrollos propios;*
- *La práctica inclusiva de los Derechos Humanos, en espacios ecuménicos y de acogida al don de Dios y al sentido humano y humanizador en equilibrios de progreso y humanidad desde una sociedad mas operativa, constructiva, caldo de cultivo de relaciones y organizaciones variadas y acordes, pertinentes y libres en el juego de nuevas relaciones.*

Van realizándose diversas experiencias que desde lo local van contribuyendo al mejoramiento de la calidad de vida de la población a través de acciones o líneas estratégicas, dándose prioridad al desarrollo de los recursos humanos y a la colaboración entre sectores público y privado.

Desde Planes Estratégicos de Ciudad con aportaciones participativas, van construyéndose líneas de acción con objetivos y resultados que permiten reforzar la capacidad institucional y el tejido asociativo, en un nuevo espacio de creación que incrementa la colaboración entre asociaciones e instituciones a nivel provincial, nacional e internacional.

El objetivo de un plan estratégico es buscar acuerdos respecto del desarrollo futuro del lugar donde vivimos y de las vías para intensificarlo a fin de mejorar la calidad de vida de los ciudadanos.

Lo global y lo local se interpenetran. La realidad global es fuertemente afectada por fenómenos locales. No se puede concebir lo local y lo global como entidades autónomas que se autodefinen y explican el ***"pensar globalmente y actual localmente"*** *-según la afirmación del club de Roma a principios de los 90- se podría invertir en* ***"pensar localmente y actuar globalmente"***. ■

Espiritualidade: relações e conexões

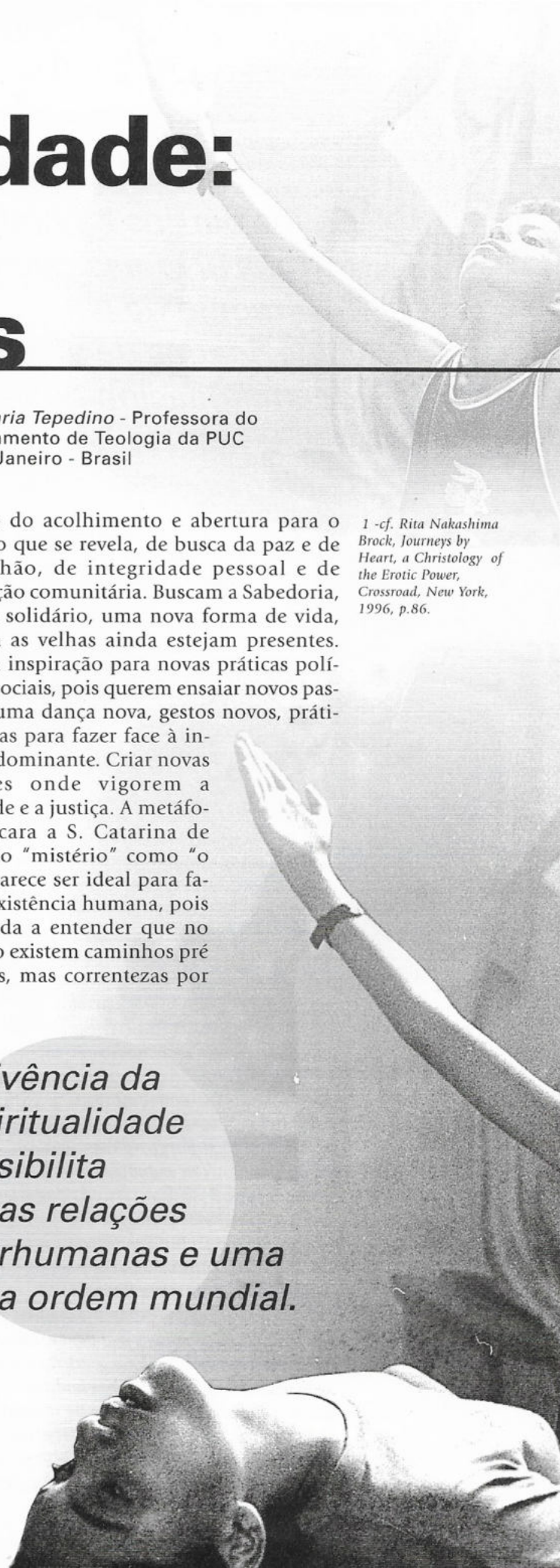
Ana Maria Tepedino - Professora do Departamento de Teologia da PUC Rio de Janeiro - Brasil

Falar de Espiritualidade é expressar através de uma linguagem afetiva *uma experiência de relação, de interconexão, que proporciona sentido para a vida*, pois é uma jornada desde nossa interioridade, desde o coração, não entendido de forma sentimental, mas como a metáfora da nossa capacidade para estabelecermos relações recíprocas, para estabelecer uma verdadeira intimidade com as pessoas e coisas,[1] atitude que parece ser a forma mais plena de amor, assim como o espaço para que o amor desabroche. O coração, no sentido semita, é a faculdade que integra as múltiplas dimensões da pessoa humana: corpo e espírito, inteligência e vontade, sentimento e imaginação. Esta jornada desde o coração é um mergulho em busca do próprio poço, donde jorra água viva que permite viver, conviver, descobrir sentido, amar, sonhar, curar-se, buscar força, coragem, energia, e desemboca num compromisso ético. A vivência da espiritualidade possibilita novas relações interhumanas e uma nova ordem mundial. Para fazer frente à globalização neoliberal se necessita uma profunda espiritualidade que desemboca numa ética integrada e integradora.

Num mundo que parece ter perdido o sentido uma vez que a racionalidade técnica fracassou, pois orgulhosa e dominadora quase levou a nossa Terra ao ecocídio, muitos grupos distintos procuram algo. E o que buscam estes diferentes grupos? Diante da atual situação da humanidade, buscam questionar-se sobre suas práticas, seus desejos, seus sonhos, seus projetos, que na maioria das vezes fracassou. Desanimar, ficar somente vendo o negativo? Não. Estas mulheres e homens buscam diferentes formas de espiritualidade, que deve levar à experiência de respeito @s outr@s, uma relação de cuidado, como expressão do acolhimento e abertura para o mistério que se revela, de busca da paz e de comunhão, de integridade pessoal e de integração comunitária. Buscam a Sabedoria, o amor solidário, uma nova forma de vida, embora as velhas ainda estejam presentes. Buscam inspiração para novas práticas políticas e sociais, pois querem ensaiar novos passos de uma dança nova, gestos novos, práticas novas para fazer face à injustiça dominante. Criar novas relações onde vigorem a equidade e a justiça. A metáfora tão cara a S. Catarina de Siena do "mistério" como "o mar", parece ser ideal para falar da existência humana, pois nos ajuda a entender que no mar não existem caminhos pré traçados, mas correntezas por

1 -cf. Rita Nakashima Brock, Journeys by Heart, a Christology of the Erotic Power, Crossroad, New York, 1996, p.86.

A vivência da espiritualidade possibilita novas relações interhumanas e uma nova ordem mundial.



Espiritualidad: relaciones y conexiones



Hablar de Espiritualidad es expresar a través de un lenguaje afectivo una experiencia de relación, de interconexión, que proporciona sentido a la vida, ya que es un viaje a nuestra interioridad, desde el corazón, no entendido de forma sentimental, sino como la metáfora de nuestra capacidad para establecer relaciones recíprocas, para construir una verdadera intimidad con las personas y las cosas,[1] *actitud que parece ser la forma más plena de amor, así como el espacio para que el amor germine. El corazón, en el sentido semita, es la facultad que integra las múltiples dimensiones de la persona humana: cuerpo y espíritu, inteligencia y voluntad, sentimiento e imaginación. Este viaje desde el corazón es una inmersión en busca del propio pozo, donde mana agua viva que permite vivir, convivir, descubrir sentido, amar, soñar, curarse, buscar fuerza, coraje, energía, y desemboca en un compromiso ético. La vivencia de la espiritualidad posibilita nuevas relaciones humanas en un nuevo orden mundial. Para hacer frente a la globalización neoliberal se necesita una profunda espiritualidad que desemboque en una ética integrada e integradora.*

En un mundo que parece haber perdido el sentido una vez que la racionalidad técnica fracasó, que orgullosa y dominadora, casi llevó a nuestra Tierra al ecocídio, muchos grupos distintos están en búsqueda. ¿Y qué es lo que buscan estos distintos grupos? Ante la actual situación de la humanidad, se interrogan sobre sus prácticas, sus deseos, sus sueños, sus proyectos, que en la mayoría de las veces fracasaron. ¿Desanimarse, permanecer solamente viendo lo negativo? No. Estas mujeres y hombres buscan diferentes formas de espiritualidad, que conduce a la experiencia de respeto por las otras, una relación de cuidado, como expresión de acogida y abertura al misterio que se revela, de búsqueda de paz y de comunión, de integridad personal y de integración comunitaria. Buscan la sabiduría, el amor solidario, una nueva forma de vida, aún cuando la antigua todavía esté presente. Buscan inspiración para nuevas prácti-

onde podemos seguir. A espiritualidade nos ajuda a entrar nesta correnteza e nos deixar levar por elas.

Não podemos nunca esquecer que existe uma tensão dentro da história humana e que o mal continua presente através das más relações, através das pessoas que querem viver se alimentando das outras,[2] bem como de nós mesm@s que não conseguimos viver toda esta novidade.

NOVA SENSIBILIDADE

Uma dessas correntezas é o desenvolvimento de uma *nova sensibilidade* que faz com que algumas pessoas busquem uma nova perspectiva de vida mais responsável e integrada, holística, pois abrange todas as formas de vida e reconhece a interdependência de todo tipo de vida. Antes de ser teorizado este novo paradigma holístico é *sentido* por nós, incorpora-se ao nosso imaginário e necessariamente muda nossa experiência.

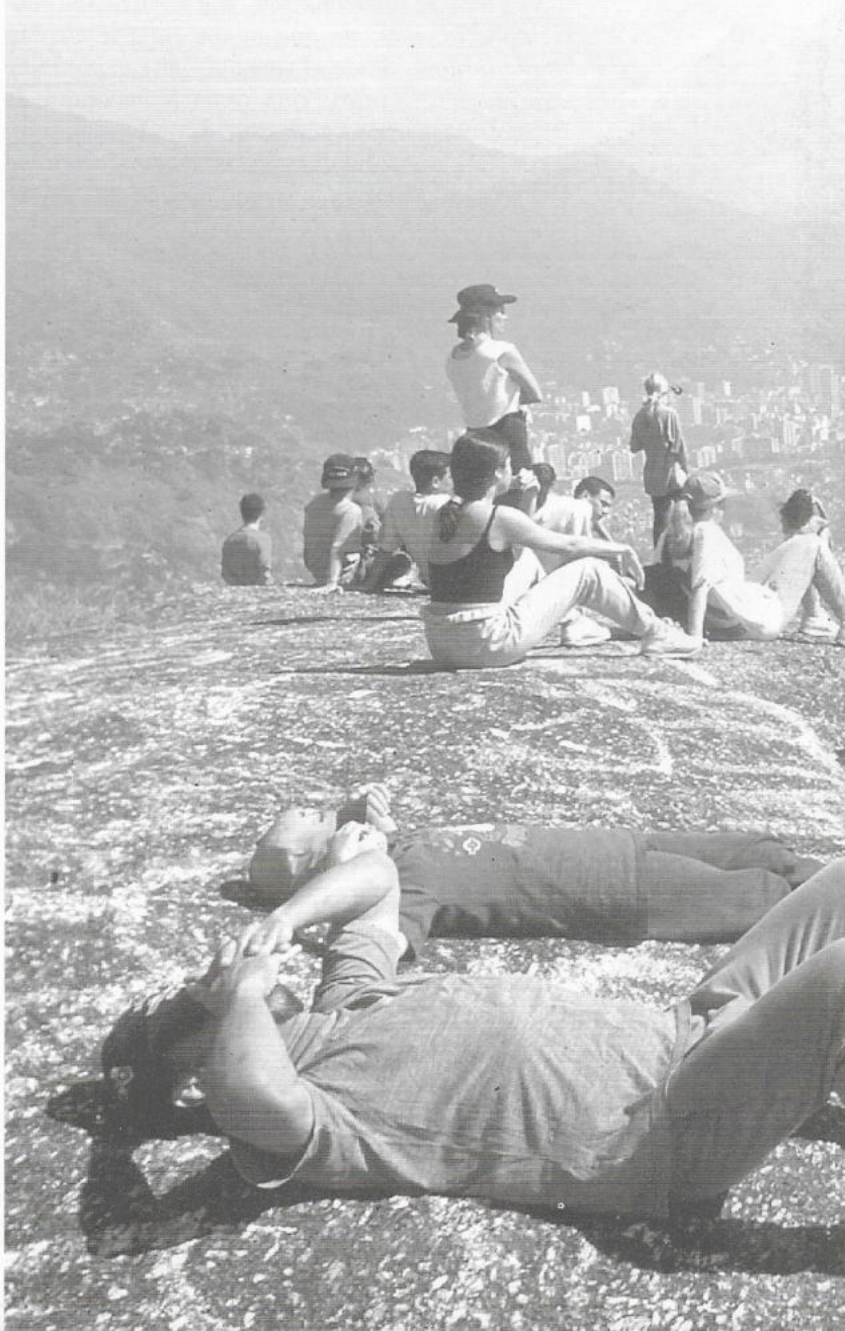
Estamos entrando em um novo processo de evolução planetária, em uma nova etapa histórica, aonde os seres humanos tomarão consciência de seu verdadeiro lugar no cosmos, como membros da Comunidade Planetária e em harmonia com tudo.[3]

À Hybris, orgulho da racionalidade exacerbada, segue-se, um outro tipo de racionalidade baseada na relacionalidade, onde se procura relacionar tod@s com tod@s e tudo com tod@s. Do antropocentrismo moderno está em processo o cosmocentrismo pós moderno, ou dito de outra forma do Egocentrismo caminha-se em direção ao Ecocentrismo. O mundo é considerado na bela metáfora de "Corpo de Deus",[4] ou como dizia Theillard de Chardin como "Milieu Divin". Desenvolve-se um sentimento de "pertencer ao Universo".[5].

CONTEMPLAR... MARAVILHA. MARAVILHAR-SE. DEIXAR-SE MARAVILHAR

Diante da natureza: o Sagrado, o Mistério Maior que nos habita e nos inspira está em todas as coisas e seres, e pode ser experienciado em toda e qualquer forma de vida. Maravilhar-se diante da natureza, das pessoas, do próprio corpo, que são mediações para este encontro. Através da proximidade, do respeito, do cuidado, podemos estabelecer relações significativas que impulsionam e permitem vislumbrar uma outra realidade, boa para viver, conviver, gozar, trabalhar, construir um mundo novo, qualitativamente distinto, onde todas as pessoas, de modo muito especial os pobres, tenham uma qualidade de vida boa. Apesar deste lado positivo não podemos nos esquecer que ainda há muita racionalidade orgulhosa dentro de nós.

Diante d@s outr@s: uma brisa sopra e o Mistério da Vida nos faz reconhecer o sagrado em todas as pessoas. Na mulher e no homem, entre as mulheres, no velho e na criança. Na transcendência e no cotidiano, no céu e na terra, na ciência e na religião, na espiritualidade e na corporeidade. Neste processo, busca-se ultrapassar a exclusão, e caminhar para a inclusividade, a equidade, a equivalência, a mutualidade nas relações. Esta experiência de equidade valoriza a tod@s e possibilita que cada ser



cas políticas y sociales, pues quieren ensayar los pasos de una danza nueva, gestos nuevos, prácticas nuevas para hacer frente a la injusticia dominante. Crear nuevas relaciones donde estén en vigor la igualdad y la justicia. La metáfora tan querida de Santa Catalina de Siena del "misterio" como "el mar", parece ser ideal para hablar de la existencia humana, pues nos ayuda a entender que en el mar no existen caminos pretrazados, sino corrientes por las cuales podemos ir. La espiritualidad nos ayuda a entrar en esa corriente dejándonos llevar por ella.

No podemos olvidar nunca que existe una tensión dentro de la historia humana y que el mal aún está presente a través de las malas relaciones, a través de las personas que quieren vivir alimentándose de las otras[2], así como a través de nosotros mism@s que no conseguimos vivir toda esta novedad.

NUEVA SENSIBILIDAD

Una de estas corrientes es el desarrollo de una nueva sensibilidad que hace que algunas personas busquen una nueva perspectiva de vida más responsable e integrada, holística, pues abarca todas las formas de vida y reconoce la interdependencia de todo tipo de vida. Antes de ser teorizado, este nuevo paradigma holístico es sentido por nosotros, se incorpora a nuestro imaginario y necesariamente muda nuestra experiencia.

Estamos entrando en un nuevo proceso de evolución planetaria, en una nueva etapa histórica, donde los seres humanos tomarán consciencia de su verdadero lugar en el cosmos, como miembros de la Comunidad Planetaria y en armonía con el todo[3].

A la Hybris, orgullo de la racionalidad exacerbada, le sigue otro tipo de racionalidad, basada en la relacionalidad, donde se procura relacionar tod@s con tod@s y todo con tod@s. Desde el antropocentrismo moderno está en proceso el cosmocentrismo post-moderno, o dicho de otra forma, del Egocentrismo se camina en dirección al Ecocentrismo. El mundo es considerado como la bella metáfora del "Cuerpo de Dios"[4], o como decía Theillard de



2 -cf.Rosemary R. Ruether, Gaia y Dios, una Teologia ecofeminista para la recuperacion de la Tierra, Demac, Mexico, 1993, p.262.

3 -cf. Thomas Berry apud. Rosa Domingo. in Cons-spirando 23, p.34.

4 -cf. Sallie Mc Fague. Modelos de Deus, Teologia para uma era ecológica e nuclear, Paulus, São Paulo,1996.

5 -cf Fritzhof Capra. Pertencendo ao Universo.

descubra e veja reconhecido seu valor. Esta espiritualidade integrada colabora para que se supere uma série de relações más; de dominação, de competição, de ciúme, de inveja, que existem entre nós mulheres, que ainda são fruto do patriarcado.

Esta espiritualidade é bebida junto com mulheres de diferentes classes sociais, raças, denominação religiosa, raiz cultural e identidade étnica, bem como com homens que buscam um mundo novo aberto a relações distintas, construídas através do diálogo e do companheirismo.[6] Aprendendo com grupos indígenas, grupo de afro-americanos vamos tentando descobrir novas maneiras de expressar nossas relações com o Mistério.

Diante de nós mesmas: inicia-se a experiência de valorização do próprio corpo das mulheres, e da sua sexualidade , tradicionalmente entendidos como fonte de pecado e que passam a ser fonte de espiritualidade. A corporeidade passa a ser a porta de entrada para a vivência de uma espiritualidade integrada e integradora, por onde começa-se a experimentar o sagrado dentro de si. *Sentir-se amad@*, experiência-fonte para a vida crescer e se desenvolver. Fonte para poder amar, para ser. Fonte para estabelecer novas relações sociais e ecológicas, relações respeitosas e cuidadosas, amorosas e ternas, para nos fazer esquecer as manifestações de dominação, para nos curar das feridas e violência, que tanto tempo foram inflingidas a nós mulheres pelos homens ou por outras mulheres. Nós mesmas, quantas vezes fizemos outras mulheres sofrerem, assim como tem havido violência e discriminação com homens das classes populares, mestiços, negros, indígenas.

Diante do Mistério Maior que está fora de mim e dentro de mim, do qual faço parte, junto com as outras pessoas e seres da natureza, me experimento numa relação de amor mútuo, de mútua intimidade, que me inspira a entrar num processo vital que busca expressar de uma maneira nova, o dar e receber amor, que me possibilita curar, criar, re-criar @s outr@s, re-criar a natureza, para re-criar o mundo.

As maneiras para expressar o Mistério mudam de acordo com as etapas da vida, as etapas da história. Como tem sido bastante denunciado pelas mulheres, a metáfora para apresentar o sagrado como masculino foi desastrosa para as mulheres, por isso Sally Mc Fague usa as metáforas de "Mãe, amante, amiga"[7] para expressar que se trata de um Mistério de relação, de interconexão, de comunhão, de intimidade, de amar concreto, de troca existencial, de sentir-se amada, amar e ser amado por nós.

Ao realizarmos esta profunda experiência, sentimos um revigorado impulso de amor que sopra sobre nós e nos abre à ternura e ao cuidado, à comunhão, à sonoridade universal, a um tipo distinto de relações interhumanas. Esta experiência explode em poesia, em pinturas, em teatro, em danças, onde a fé e o amor em relação se fundem com a comunicação propiciando mudanças, crescimento, um mundo novo.[8]

6 -cf. A. M. Tepedino e M. P.Aquino. "documento final" Entre la Indignacion y la Esperanza, Teologia feminista na América Latina, Indo-American Press –Colombia, 1998 p.197-209.

7 -cf. Sallie Mc Fague. op. cit.

8 -cf. Ute Seibert-Cuadra. "Dios:Poder en Relacion?" in Conspirando 16, junio 1996, p.40-43.





Chardin como "Milieu Divin". Se desenvuelve un sentimiento de "pertenecer al Universo"[5].

CONTEMPLAR... MARAVILLA. MARAVILLARSE. DEJARSE MARAVILLAR

Delante de la naturaleza: lo Sagrado, el Misterio Mayor que nos habita y nos inspira está en todas las cosas y seres, y puede ser experienciado en toda y cualquier forma de vida. Maravillarse ante la naturaleza, las personas, el propio cuerpo, que son mediaciones para este encuentro. A través de la proximidad, del respeto, del cuidado, podemos establecer relaciones significativas que impulsan y permiten vislumbrar otra realidad, buena para vivir, convivir, gozar, trabajar, construir un mundo nuevo, cualitativamente distinto, donde todas las personas, de modo muy especial los pobres tengan una buena calidad de vida. A pesar de este lado positivo no podemos olvidar que aún hay mucha racionalidad orgullosa dentro de nosotros mismos.

Delante de l@s otr@s: sopla una brisa y el Misterio de la vida nos hace reconocer lo sagrado en todas las personas. En la mujer y en el hombre, entre las mujeres, en el viejo y en el niño. En la transcendencia y en lo cotidiano, en el cielo y en la tierra, en la ciencia y en la religión, en la espiritualidad y en la corporeidad. En este proceso se intenta superar la exclusión y caminar para la inclusión, la equidad, la equivalencia, la reciprocidad en las relaciones. Esta experiencia de equidad valoriza a tod@s y posibilita que cada ser descubra y vea reconocido su valor. Esta espiritualidad integrada colabora a que se supere una serie de relaciones; de dominación, de competición, de celos, de envidia que existen entre nosotras mujeres, que aún son fruto del patriarcado.

Esta espiritualidad es bebida junto con mujeres de diferentes clases sociales, razas, denominaciones religiosas, raíces culturales e identidades étnicas, así como con hombres que buscan un mundo nuevo abierto a relaciones distintas, construidas a través del diálogo y del compañerismo[6]. Aprendiendo junto con grupos indígenas y grupos afro-americanos vamos intentando descubrir nuevas maneras de expresar nuestras relaciones con el Misterio.

Delante de nosotras mismas: se inicia una experiencia de valorización del propio cuerpo de las mujeres, y de su sexualidad, tradicionalmente entendidos como fuente de pecado y que pasan a ser fuente de espiritualidad. La corporeidad pasa a ser la puerta de entrada para la vivencia de una espiritualidad integrada e integradora, por donde se comienza a experimentar lo sagrado dentro de sí. Sentirse amad@, experiencia-fuente para que la vida crezca y se desarrolle. Fuente para poder amar, para ser. Fuente para establecer nuevas relaciones sociales y ecológicas, relaciones respetuosas y cuidadosas, amorosas y tiernas, para hacernos olvidar las manifestaciones de dominación, para curarnos de las heridas y violencia, que durante tanto tiempo fueron inflingidas a nosotras, mujeres, por los hombres y por otras mujeres. Nosotras mismas, cuántas veces hicimos sufrir a otras mujeres, así como ha habido violencia y discriminación con hombres de las clases populares, mestizos, negros, indígenas.

Ante el Misterio Mayor que está fuera de mí y dentro de mí, del cual formo parte, junto con las otras personas y seres de la naturaleza, me experimento en una relación de amor mutuo, de mutua intimidad, que me inspira a entrar en un proceso vital que busca expresar de una manera nueva, el dar y recibir amor, que me posibilita curar, crear, re-crear a l@s otr@s, re-crear la naturaleza, para re-crear el mundo.

Delante de la naturaleza: lo Sagrado, el Misterio Mayor que nos habita y nos inspira está en todas las cosas y seres, y puede ser experienciado en toda y cualquier forma de vida.

Las maneras para expresar el Misterio cambian de acuerdo con las etapas de la vida, con las etapas de la historia. Como ha sido bastante denunciado por las mujeres, la metáfora para presentar lo sagrado como masculino fue desastrosa para las mujeres, por eso Sally Mc Fague usa las metáforas de "Madre, amante, amig@[7] para expresar que se trata de un Misterio de relación, de interconexión, de comunión, de intimidad, de amor concreto, de intercambio existencial, de sentirse amada, amar y ser amado por nosotros.

Sabemos de todo o sofrimento, conflito, tensão que existe no mundo, especialmente a situação de pobreza das mulheres. No entanto, esta espiritualidade não quer fugir destes problemas, mas busca enfrentá-los de forma distinta, fortalecendo as pessoas, para que com mais paz e fortaleza interior consigam fazer face aos problemas de outra forma. Quando nós mulheres, partilhamos em grupos ou comunidades, em momentos de profunda espiritualidade, alguns destes sofrimentos, choramos juntas para lograrmos ultrapassar as tensões, potencializando e reinterpretando as situações. Nestes momentos, construímos uma profunda interconexão e descobrimos a importância da mútua confirmação.

Nesta espiritualidade integradora as palavras, os gestos, os símbolos estão intimamente unidos, de tal forma que os rituais, sempre plasticamente belos e criativos colaboram para revelar a experiência de sentido e comunhão, e possibilitam enfrentar tensões, curar feridas, acolher as estações, regozijar-se com as alegrias, chorar com os sofrimentos. A integração do corpo através dos movimentos, das danças, dos gestos, dos testemunhos chorados ou alegres, da escuta e proclamação das palavras é alimento constante para o caminhar. Não nascemos para sofrer. Nascemos para ser felizes. E expressar esta felicidade. Isto não é alienação, é saúde. E da saúde do meu corpo depende a saúde da Terra, da nossa saúde física depende a saúde da Terra, e da nossa saúde psicológica depende a saúde social.[9] As palavras, saúde, santidade, e salvação têm a mesma raiz.

No nosso trabalho cotidiano, que nem sempre é lugar de espiritualidade, mas lugar tradicional de exploração das mulheres pode ocorrer que, em algumas circunstâncias específicas, quando partilhado com os outros membros da família, tomem caráter de um exercício espiritual no qual realiza-se uma experiência de sentido, uma experiência de união, de felicidade, de paz, algo que cura e coloca uma ordem na vida. Esta experiência espiritual do trabalho material doméstico está ligada à conservação da vida, e tem um caráter relacionado tanto a mim como aos outros, portanto, está estreitamente ligado com seu caráter social..[10]

Na verdade, aprendemos com as mulheres das classes populares valorizar de maneira nova o cotidiano, cada momento que vivemos é vivido com nova intensidade, pois o presente é que conta, e nele se mistura o trabalho com a comida, com as crianças, com o cuidado da casa, com os outros trabalhos e conversas, que revelam o entrelaçado da relação da vida com o sagrado. A espiritualidade não é algo de fora que se acrescenta à vida cotidiana, mas o cotidiano tem sua própria densidade espiritual que é capaz de alimentar a vida. Pois, tendo ela mesma uma dimensão espiritual, ajuda a manter o respeito e a dignidade das pessoas mesmo diante das situações sem sentido.[11] Este enorme mistério que é a vida se expressa em todo lugar onde busca-se felicidade, qualidade de vida, luta pela justiça e solidariedade. Está presente nos momentos de cons-piração que vivemos, quando respiramos juntas um sonho de vida boa para tod@s e para o nosso planeta. ■

A espiritualidade não é algo de fora que se acrescenta à vida cotidiana, mas o cotidiano tem sua própria densidade espiritual que é capaz de alimentar a vida.



Al realizar esta profunda experiencia sentimos un renovado impulso de amor que sopla sobre nosotros y nos abre a la ternura y al cuidado, a la comunión, a la fraternidad universal, a un tipo distinto de relaciones interhumanas. Esta experiencia se expresa en poesía, en pinturas, en teatro, en danzas, donde la fe y el amor en relación se funden con la comunicación propiciando cambios, crecimiento, un mundo nuevo.[8]

Conocemos todo el sufrimiento, conflicto, tensión que existe en el mundo, especialmente de la situación de pobreza de las mujeres. No obstante, esta espiritualidad no quiere huir de estos problemas, sino que pretende encararlos de forma distinta, fortaleciendo las personas, para que con más paz y fuerza interior consigan hacer frente a los problemas de otra forma. Cuando nosotras mujeres, compartimos en grupos o en comunidades, en momentos de profunda espiritualidad, algunos de estos sufrimientos, lloramos juntas para lograr superar las tensiones, potenciando y reinterpretando las situaciones. En estos momentos, construimos una profunda interconexión y descubrimos la importancia de la mutua confirmación.

En esta espiritualidad integradora las palabras, los gestos, los símbolos están íntimamente unidos, de tal forma que los rituales, siempre plásticamente bellos y creativos ayudan a revelar la experiencia de sentido y comunión, y posibilitan enfrentar tensiones, curar heridas, acoger las estaciones, regocijarse con las alegrías, llorar con los sufrimientos. La integración del cuerpo, a través de los movimientos, de los bailes, de los gestos, de los testimonios de duelo o de alegría, de escucha y proclamación de las palabras es alimento constante para el caminar. No nacemos para sufrir. Nacemos para ser felices. Y expresar esta felicidad. Esto no es alienación, es salud. Y de la salud de mi cuerpo depende la salud de la Tierra, de nuestra salud física depende la salud de la Tierra, y de nuestra salud psicológica depende la salud social.[9] *Las palabras salud, santidad y salvación tienen la misma raíz.*

En nuestro trabajo cotidiano, que no siempre es lugar de espiritualidad, sino lugar tradicional de explotación de las mujeres puede ocurrir que, en algunas circunstancias específicas, cuando compartido con los otros miembros de la familia, tome carácter de un ejercicio espiritual en el cual se realiza una experiencia de sentido, una experiencia de unión, de felicidad, de paz, algo que cura y que coloca orden en la vida. Esta experiencia espiritual del trabajo material doméstico está ligada a la conservación de la vida y tiene un carácter relacionado tanto conmigo como con los otros, por lo tanto está estrechamente ligado con su carácter social.[10]

En verdad, aprendemos con las mujeres de las clases populares a valorar de manera nueva lo cotidiano, cada momento que vivimos es vivido con nueva intensidad, pues el presente es el que cuenta y en él se mezcla el trabajo con la comida, con los hijos, con el cuidado de la casa, con los otros trabajos y conversaciones, que revelan el entretejido de la relación de la vida con lo sagrado. La espiritualidad no es algo de fuera que se acrecienta a la vida cotidiana, sino que el cotidiano tiene su propia densidad espiritual que es capaz de alimentar la vida. Porque teniendo la vida una dimensión espiritual, ayuda a mantener el respeto y la dignidad de las personas incluso delante de las situaciones sin sentido*[11]*. Este enorme misterio que es la vida se expresa en todo lugar donde se busca felicidad, calidad de vida, lucha por la justicia y solidaridad. Está presente en los momentos de conspiración que vivimos, cuando respiramos junt@s un sueño de vida buena para tod@s y para nuestro planeta. ■

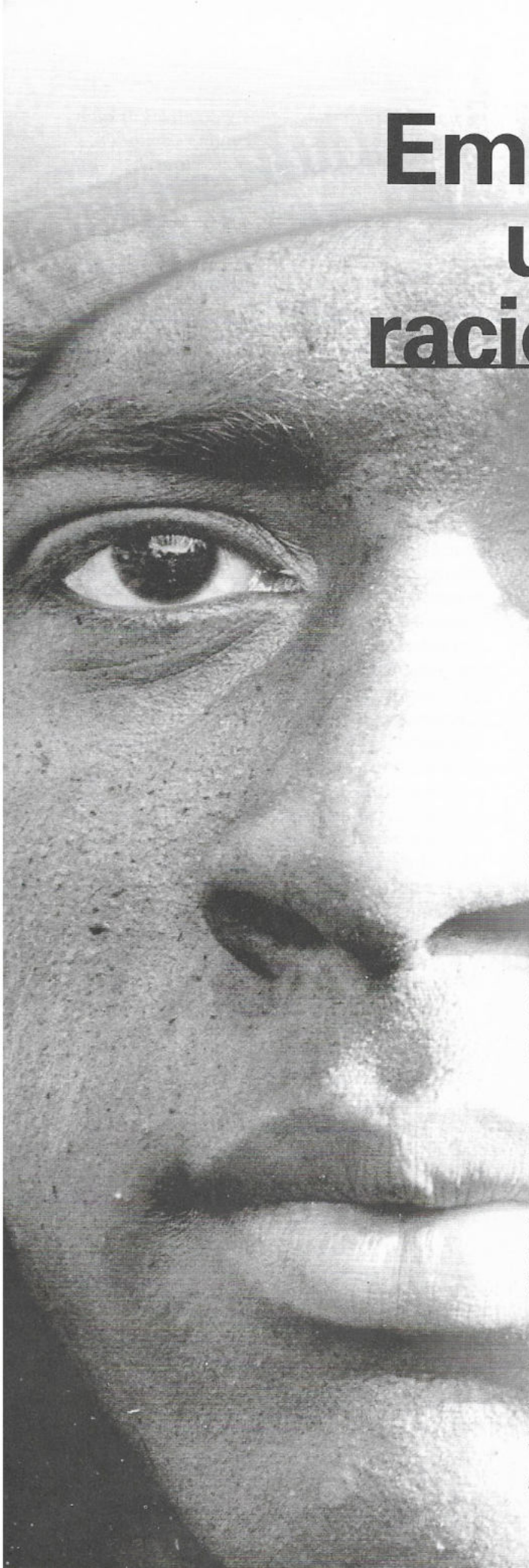


9 -cf.Jean Yves Leloup "Integração, centralidade e saúde total" in VVAA , Espírito na Saúde, Vozes, Petrópolis,1997, p.15-21.

10 -cf. Ina Praetorius "La espiritualidad material del trabajo doméstico" in Conspirando 24, junho 1998, p.28-33.

11 -cf. Ivone Gebara. "Mulheres e espiritualidade: uma perspectiva latino-americana" in Cristianismo y Sociedad 1998, Teologia Feminista desde America Latina, n.135-136, p.69-78.

Em busca de uma nova racionalidade



Leandro Konder - Filósofo
Rio de Janeiro - Brasil

Intuição, sensibilidade, percepção, "sexto sentido", premonição, tudo isso faz parte do processo do conhecimento. Os seres humanos apreendem a realidade de diferentes maneiras e por diferentes caminhos, utilizando todos os instrumentos disponíveis. A razão, entretanto, desempenha um papel essencial nessa apreensão.

O real é inesgotável, é irredutível ao saber. Por isso, tudo que é intuído, percebido, pressentido, tem em princípio sua "verdade" no âmbito da experiência de pessoas ou de grupos. Cada indivíduo, cada comunidade, pode estar apreendendo, a seu modo, pela via da sensibilidade, algum aspecto particular significativo da realidade.

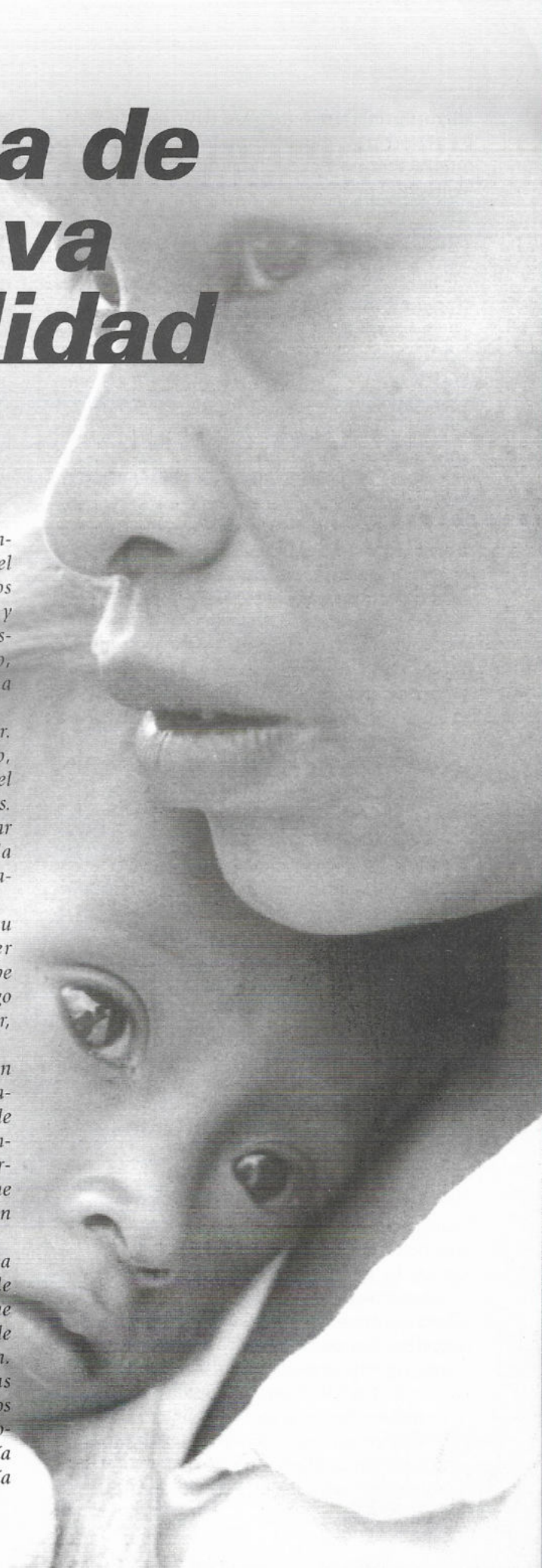
A razão, porém, se caracteriza por sua pretensão à universalidade. Para ser verdadeiramente racional, um conhecimento deve valer para todo mundo, deve dar conta de algo que todos, em princípio, podem vir a reconhecer, consensualmente, como verdadeiro.

Daí a importância da idéia de razão para qualquer projeto conseqüente de democracia. A democratização da sociedade depende da participação ampliada de uma massa de gente que se põe em movimento e é capaz de persistir numa linha de ação organizada porque chegou a um acordo a respeito de um programa, cujo conteúdo racional seja a expressão de uma convicção articulada comum a todos.

No século XVIII, os iluministas chegaram a confiar numa determinada concepção de racionalidade a ponto de acreditar com segurança que as "luzes da razão" dissipariam as trevas da ignorância, do preconceito e da superstição.

Havia, naturalmente, algumas divergências a respeito de como a razão deveria operar:

En busca de una nueva racionalidad



Intuición, sensibilidad, percepción, "sexto sentido", premonición, todo esto forma parte del proceso de conocimiento. Los seres humanos aprehenden la realidad de diferentes maneras y por diferentes caminos, utilizando todos los instrumentos disponibles. La razón, con todo, desempeña un papel importante en esa aprehensión.

Lo real es inagotable, es irreductible al saber. Por eso, todo lo que es intuido, percibido, presentido, tiene en principio su verdad en el ámbito de la experiencia de personas o de grupos. Cada individuo, cada comunidad, puede estar aprehendiendo, a su modo, por la vía de la sensibilidad, algún aspecto particular significativo de la realidad.

La razón, sin embargo, se caracteriza por su pretensión de universalidad. Para ser verdaderamente racional, un conocimiento debe valer para todo el mundo, debe dar razón de algo que todos, en principio, pueden llegar a reconocer, consensualmente, como verdadero.

De ahí la importancia de la idea de razón para cualquier proyecto consecuente de democracia. La democratización de la sociedad depende de la participación ampliada de una masa de gente que se pone en movimiento y es capaz de persistir en una línea de acción organizada porque llegó a un acuerdo a respecto de una razón común a todos.

En el siglo XVIII, los iluministas llegaron a confiar en una determinada concepción de racionalidad al punto de creer con seguridad que las «luces de la razón» disiparían las tinieblas de la ignorancia, del preconcepto y de la superstición. Había, naturalmente, algunas divergencias respecto de cómo la razón debería operar: algunos preferían el método de Descartes. Otros el método inductivo del inglés Francis Bacon. Pero existía un sólido consenso proporcionado por la teoría

alguns preferiam o método dedutivo do francês Descartes, outros o método indutivo do inglês Francis Bacon. Mas havia um sólido consenso proporcionado pela teoria do conhecimento de John Locke, segundo a qual a consciência do sujeito do conhecimento deveria se empenhar em refletir fielmente a realidade objetiva do mundo exterior (a subjetividade deveria ser capaz de se apagar diante da objetividade, para não interferir indevidamente, tornando-se fator de erro).

Foi com o alemão Kant que essa convicção passou a ser radicalmente questionada. O sujeito passou a ser visto como construtor do conhecimento, como agente de uma interferência que nunca poderia ser eliminada. Era preciso, então, pensar uma razão na qual nós pudéssemos nos apoiar para compreender tanto os movimentos da realidade objetiva, rigorosamente necessários, como os movimentos da nossa subjetividade, um tanto imprevisíveis.

Hegel, outro alemão, aprofundou essa busca de uma nova racionalidade, promovendo o casamento indissolúvel da razão com a história. A razão deveria enfrentar sempre o desafio de se reconhecer nos movimentos dos sujeitos históricos, com todas as suas inovações surpreendentes, com todos os seus acasos.

A partir de Kant e Hegel, a busca não parou mais. E todas as formas da nova racionalidade propostas foram sendo consideradas mais ou menos insatisfatórias. Marx tentou atribuir à práxis - quer dizer, a uma atividade que precisa da teoria – a função de berço da nova razão; porém as realizações práticas dos socialistas que agiam invocando a condição de marxistas freqüentemente deixaram muito a desejar no que concerne à racionalidade...

PENSAMENTO LATINO-AMERICANO E NOVA RACIONALIDADE

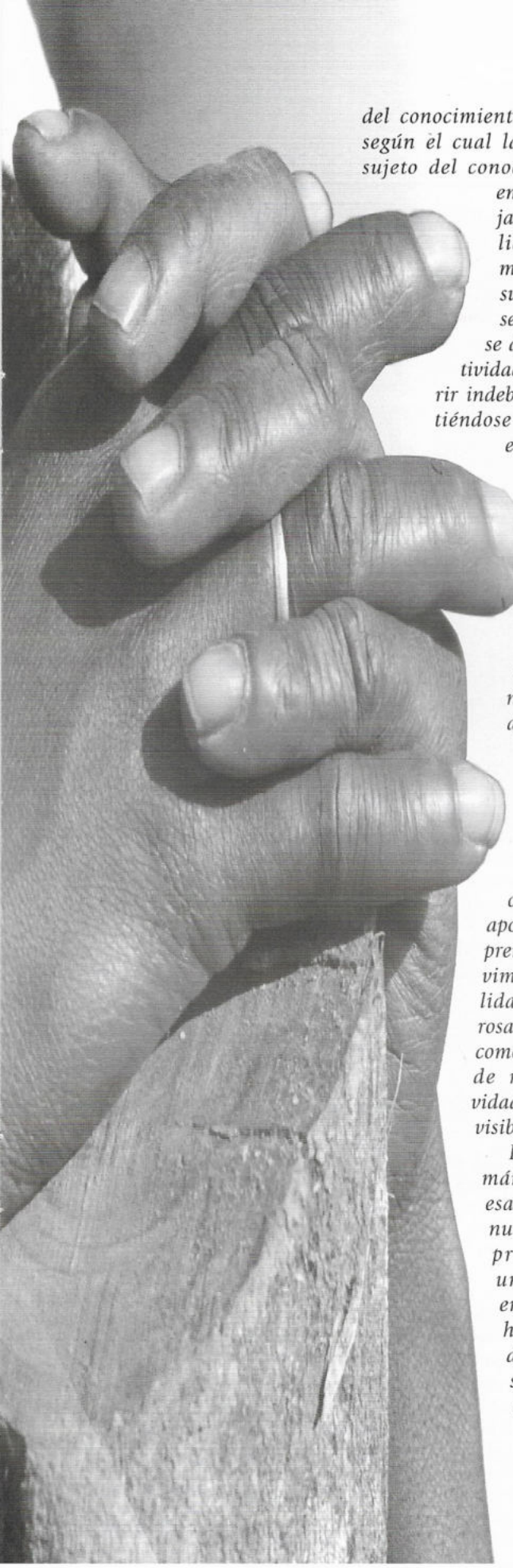
Atualmente, existem diversos pensadores europeus e norte-americanos empenhados em contribuir para a nossa reflexão sobre o tema. E, para nós, latino-americanos, impõem-se as perguntas: qual pode ser o interesse do nosso pensamento a respeito dessa questão? Em que ela nos concerne? O que ela pode significar para quem vive na periferia, longe dos centros onde ela está sendo mais sistematicamente discutida?

Lembremos que Kant e Hegel também eram periféricos em relação aos franceses e aos ingleses e nem por isso deixaram de desenvolver idéias "universalizáveis", isto é, capazes de fecundar o pensamento de todos. Estar na "periferia" não é nenhum álibi para nos dispensar de refletir sobre problemas universais que estão na "ordem do dia".

Ao tentarmos responder às indagações relativas à busca de uma nova racionalidade por parte das culturas latino-americanas, devemos, a meu ver, sublinhar duas coisas. Primeira: que a reflexão filosófica centrada sobre uma categoria universal (a razão) não poderá se desenvolver sem banhar-se constantemente na diversidade das nossas culturas, em suas diferentes expressões, em toda a riqueza das suas particularidades. Segunda: que a relação íntima (o "banhar-se") dessa reflexão com as diversas expressões culturais depende simultaneamente da capacidade do pensamento se deixar "impregnar" pela cultura e da sua capacidade de não se "dissolver" nela, empenhando-se a fundo em enxergá-la criticamente.

Se o pensamento latino-americano não for capaz de absorver suficientemente toda a riqueza das culturas particulares da "nossa América" (Marti), sua concepção da nova razão pecará por excesso de abstratividade, será artificial e inócua. Se, porém, ele não conseguir ultrapassar em seu movimento os horizontes da mera fruição das riquezas das nossas culturas particulares, a nova razão que ele tenta conceber jamais será efetivamente... razão. ■





del conocimiento de John Locke, según el cual la consciencia del sujeto del conocimiento debería empeñarse en reflejar fielmente la realidad objetiva del mundo exterior (la subjetividad debería ser capaz de apagarse delante de la objetividad, para no interferir indebidamente, convirtiéndose en un factor de error).

Con el alemán Kant esa convicción pasó a ser radicalmente cuestionada. El sujeto pasó a ser visto como constructor de conocimiento, como agente de una interferencia que nunca podría ser eliminada. Era preciso, entonces, pensar una razón en la cual pudiésemos apoyarnos para comprender tanto los movimientos de la realidad objetiva, rigurosamente necesarios, como los movimientos de nuestra subjetividad, un tanto imprevisibles.

Hegel, otro alemán, profundizó en esa búsqueda de una nueva racionalidad, promoviendo la unión indisoluble entre la razón y la historia. La razón debería enfrentar siempre el desafío de reconocerse en los movimientos de los sujetos históricos, con todas sus innovaciones sorprendentes, con todos sus acasos.

A partir de Kant y Hegel, la búsqueda no paró. Y todas las formas de nueva racionalidad propuestas fueron siendo consideradas más o menos insatisfactorias. Marx intentó atribuir a la praxis -es decir, a una actividad que precisa de una teoría- la función de cuna de la nueva razón; sin embargo las realizaciones prácticas de los socialistas que actuaban invocando la condición de marxistas frecuentemente dejaron mucho que desear en lo que concierne a la racionalidad...

PENSAMIENTO LATINOAMERICANO Y NUEVA RACIONALIDAD

Actualmente, existen diversos pensadores europeos y norteamericanos empeñados en contribuir en nuestra reflexión sobre el tema. Y, para nosotros, latinoamericanos, se imponen preguntas: ¿Cuál puede ser el interés de nuestro pensamiento en relación a esa cuestión? ¿En qué nos concierne? ¿Qué puede significar para quien vive en la periferia, lejos de los centros donde está siendo más sistematicamente discutida?

Recordemos que Kant y Hegel también eran periféricos en relación a los franceses y a los ingleses y ni por eso dejaron de desarrollar ideas "universalizables", esto es, capaces de fecundar el pensamiento de todos. Estar en la perifeiria no es ninguna disculpa para dejar de reflexionar sobre problemas universales que están "a la orden del día".

Al intentar responder a las indagaciones relativas a la búsqueda de una nueva racionalidad por parte de las culturas latinoamericanas, debemos, a mi modo de ver, subrayar dos cosas. Primera: que la reflexión filosófica centrada en una categoría universal (la razón) no podrá desarrollarse sin bañarse constantemente en la diversidad de nuestras culturas, en sus diferentes expresiones, en toda la riqueza de sus particularidades. Segunda: que la relación íntima (el bañarse) de esa reflexión con las diversas expresiones culturales depende simultáneamente de la capacidad del pensamiento de dejarse impregnar por la cultura y de su capacidad de no dejarse "disolver" en ella, empeñándose a fondo en mirarla críticamente.

Si el pensamiento latinoamericano no es capaz de absorber suficientemente toda la riqueza de las culturas particulares de «nuestra América» (Marti), su concepción de nueva razón pecará por exceso de abstractividad, será artificial e inocua. Si por el contrario, no consigue superar en su movimiento los horizontes de la mera fruición de las riquezas de nuestras culturas particulares, la nueva razón que intenta concebir jamás será efectivamente... razón. ■

GENTILI, Pablo (Org) ***Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial***, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 251 p.

Este livro faz parte da coleção intitulada "A Outra Margem" sobre a iniciativa editorial do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e da Editora Vozes. A coleção está destinada à publicação de obras que abordam, numa perspectiva crítica, diferentes problemas relacionados às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do capitalismo contemporâneo, visando fomentar a discussão em torno da nova ordem social e as conseqüências que ela traz a milhões de pessoas em todo mundo, informações importantes para se compreender que tipos de relação existem entre globalização e exclusão social.

Este volume, o segundo da coleção, lembra que a ideologia que defende o mercado livre deseja que ele reine sem que aja intervenção do Estado, como fica clara na declaração do governo norte-americano ao afirmar que os mercados livres são bons não somente para os EUA, mas, comumente, para a América Latina, já que proporciona a concorrência e com ela o crescimento da economia. Considera que esse tipo de discurso esconde os efeitos letais que o neoliberalismo traz às pessoas, tornando-as vítimas do modelo político e econômico representado no capitalismo do final do século que só beneficia a classe empresarial que recua, cada vez mais, a conquista dos direitos humanos pelos trabalhadores.

Reconhece que é de suma importância verificar os efeitos perversos da globalização nos países em desenvolvimento, pois, percebe-se que ela oculta as conseqüências da política neoliberal conservadora que está implantada no Terceiro Mundo. Diz que a liberalização da economia, a privatização dos serviços públicos e a desnacionalização são utilizadas em nome de uma prática que intenciona "eliminar" os gastos para que haja equilíbrio no orçamento; diminuir de maneira considerável os salários para que não eleve a inflação e "desmontar" os sindicados para que os trabalhadores não se organizem. Denuncia que essas atitudes visam unicamente ao pagamento da dívida externa. O dinheiro pago, que representa somente uma pequeníssima parte da dívida, que poderia também ser investido na educação, na saúde e na geração de novos empregos, é entregue aos credores internacionais, gerando mais fome e miséria, uma história bem conhecida entre os povos do Terceiro Mundo. *"Essa história não pode repetir-se. E é aí que surge a nova utopia que já está na terra, que já está aqui: a de uma democracia também global, plural, transparente, na qual a sociedade civil controle o multiestado no todo e em suas partes e assuma o problema social com o poder da maioria em cada nação e na humanidade. Essa utopia surge nas mais diversas regiões e países, em pequeno e grandes movimentos, muitos deles populares..."* (p. 60).

Oferece como alternativa, ao Estado neoliberal, a realização de uma democracia e de uma economia que visem a libertação dos povos e que apresentem soluções aos problemas sociais. Explica que uns dos mais graves problemas da exclusão desencadeados pela acumulação de capital, no regime contemporâneo, é o desemprego estrutural e massivo que tende a se agravar de maneira acelerada, porque com as transformações tecnológicas que incidiram sobre o trabalho, tornou-se desnecessário, em diversos setores, a mão-de-obra dos trabalhadores. Não se vê, por parte dos governantes, iniciativas para que se expanda o número de empregos e absorva boa parte da mão-de-obra que foi excluída e marginalizada do setor produtivo. Essa situação de desemprego em massa cria uma realidade assustadora, como é claramente visível o "exército" de mão-de-obra excedente.

Recorda que foi a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos que deflagrou os instrumentos jurídicos de alcance global e positivo, contudo a situação que ela passa hoje no mundo é dramática porque ainda falta alcançar, como conferem os relatórios da Anistia Internacional, as condições mínimas de realização para a superação das dificuldades de todas as índoles.

José Roque da Silva Júnior
NOVAMERICA / Brasil

SALGADO, Sebastião ***Outras Américas,*** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 119 p.

Outras Américas é mais um belíssimo ensaio fotográfico de Sebastião Salgado, talvez o mais famoso de todos os seus trabalhos. Este livro que só agora chega ao público brasileiro foi editado pela primeira vez em 1986, em francês (Paris: Contrejour), inglês (Nova York: Pantheon Books) e espanhol (Madri: Ediciones ELR).

O livro é resultado de uma pesquisa realizada por Salgado sobre as condições de vida dos camponeses e a resistência cultural dos índios e seus descendentes na América Latina. O fotógrafo brasileiro, durante sete anos (1977-83), percorreu nove países e segundo ele, *"equipado com todo arse-*

nal de quimeras", decidiu *"mergulhar no que há de mais concreto na irrealidade desta América Latina, tão misteriosa e sofredora, tão heróica e nobre"* (Introdução, p. 13), registrando pessoas e comunidades em cenas cotidianas, principalmente no nordeste brasileiro, no Equador, México, Bolívia, Peru, Guatemala e Chile.

Com este trabalho, Sebastião Salgado recebeu vários prêmios, entre eles o *"Paris Audiovisuel e Kodak"* (França, 1985), *"World Press Photo"* (Holanda, 1985) e o título de melhor fotojornalista do ano da *"International Center of Photography"* (USA, 1986). Mais uma prova da beleza e expressividade destas fotos é o roteiro de exposições que elas seguiram por todo mundo. Entre 1986 e 1998, o ensaio esteve nos principais museus da Espanha, França, Suíça, Finlândia, Israel, Holanda, Brasil, China, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos.

São mais de cem páginas que nos revelam rostos, expressões, sombras e luzes, cheias de mistério, dor e esperança, que envolvem, segundo Salgado, este mágico continente. Para Alan Riding, em seu prefácio à obra, Salgado consegue penetrar em um mundo que parece perdido nos sertões e nas montanhas, para onde foram expulsos os mais pobres e vulneráveis, um mundo onde a terra é menos fértil e pouco cobiçada. Aí os pobres cabem. Aí eles vivem. Em uma 'outra América' – bem distante dos grandes centros urbanos – eles nascem, trabalham, casam-se, juntam-se, resistem, morrem. São cenas profundas que nos apontam para o mundo dos destituídos, marcado pela miséria e pelo misticismo. Sem dúvida, Sebastião Salgado, com um olhar bastante agudo, revela-nos outras Américas, uma outra realidade da própria América Latina.

Marcelo Gustavo de Souza
NOVAMERICA / Brasil.

SADER, Emir e GENTILI, Pablo (Org.) ***Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?***, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 182 p.

"Pós-neoliberalimo II" tem como objetivo dar continuidade às questões levantadas no conceituado livro *"Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático"* também organizado por Emir Sader e Pablo Gentili (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995). Tal como o primeiro volume, que é amplamente reconhecido como um dos textos fundamentais para compreender a complexa trama da crise promovida pelos regimes neoliberais, esta obra é resultado de um Seminário Internacional realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os textos apresentados constituem algumas das principais contribuições realizadas no segundo seminário sobre pós-neliberalismo, acontecido em setembro de 1996.

Os articulistas – Atílio Boron, Francisco de Oliveira, Göran Therbon, Michael Löwy e Robin Blackburn – demonstram uma profunda rigorosidade analítica para compreender os problemas do Estado e da democracia no capitalismo contemporâneo, mas também um forte compromisso intelectual e político com as lutas populares no Brasil e na América Latina. Eles analisam as características deixadas pela reestruturação regressiva do capitalismo, promovidas pelas políticas neoliberais, e interrogam-se sobre os efeitos da suposta, ou real, vitória ideológica destas políticas. Discutem também as possibilidades de superação democrática deste ciclo que marcou os últimos vinte anos de nossa experiência política, deixando marcas indeléveis em toda sociedade ocidental, principalmente na América Latina.

Buscando uma articulação entre neoliberalismo e política democrática, reforma do Estado, globalização e socialismo, os autores demonstram que apesar do suposto esgotamento das políticas neoliberais, daí *"pós-neoliberalismo"*, elas têm deixado como legado uma brutal concentração monopólica na produção, principalmente no comércio internacional, nas finanças e nos meios de comunicação.

Este livro também foi escolhido como o volume de lançamento da coleção intitulada *"A Outra Margem"*, sobre a iniciativa editorial do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e da Editora Vozes. É importante destacar que o CLACSO é um organismo internacional não-governamental que agrupa mais de 5.000 pesquisadores/as e 120 centros de pesquisa e programa de pós-graduação no campo das ciências sociais, em 16 países da América Latina e Caribe. Tendo em vista que o poderoso impulso que caracterizou as políticas neoliberais, desde a década de setenta, encontra-se em fase de reelaboração e esgotamento, esta coleção busca apresentar obras que abordam, numa perspectiva crítica, diferentes problemas relacionados às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do capitalismo contemporâneo. O seu principal objetivo é fomentar a discussão em torno da nova ordem social e as conseqüências que ela traz a milhões de pessoas em todo mundo, trazendo as contribuições mais significativas para se compreender que tipos de relação existem entre globalização, exclusão social, Estado e democracia.

Marcelo Gustavo de Souza
NOVAMERICA / Brasil

Direitos de tradição na OMC

Gustavo Capdevila *(Jornal do Brasil – 14/10/ 1999)*

Genebra – Países latino-americanos e asiáticos defendem na Organização Mundial do Comércio (OMC) normas para proteger os direitos de propriedade intelectual sobre os conhecimentos tradicionais das comunidades locais e indígenas. A proposta foi apresentada por Cuba, Honduras, Paraguai e Venezuela, com apoio, entre outros, de Peru, Equador, Indonésia Filipinas e Nova Zelândia.

A iniciativa parte da comprovação de que o regime vigente de proteção de propriedade intelectual praticamente ignora as formas tradicionais de conhecimento e também dos sistemas de propriedade do mundo em desenvolvimento. Essa ignorância deriva do fato de o regime tomar por base a legislação sobre patentes dos Estados Unidos, que dá definição limitada do conhecimento dentro do domínio público, explicou Deepak Nayyar, da Universidade Jawaharlal Nehru, de Nova Délhi.

Devido a essa situação jurídica, o conhecimento acumulado por povos e comunidades durante séculos nos países em desenvolvimento é alvo atualmente de um "roubo silencioso" que dá direitos legais a empresas ou indivíduos residentes em terras distantes, disse Nayyar durante conferência em Genebra. Nos Estados Unidos foi dada patente ao uso de curcuma na cicatrização de feridas, apesar de tratar de prática de conhecimento público há séculos na Índia. Em sua exposição, feita na sede da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI), Nayyar recordou que essa patente foi anulada depois na Justiça.

Mas, em outro caso, o da vincapervinca rósea, planta de Madagascar, seu uso na elaboração de um remédio para tratamento do câncer permitiu a um laboratório internacional realizar vendas anuais de aproximadamente US$ 100 milhões, sem que Madagascar recebesse praticamente nada, disse Nayyar. A OMPI observou ainda que, além de oferecer soluções práticas, freqüentemente, o conhecimento tradicional transmite a história, as crenças, a estética, a ética e a cultura de um povo. As plantas utilizadas como medicamentos também têm, freqüentemente, valor simbólico para a comunidade. A proposta de latino-americanos e asiáticos atribui a falta de proteção dos conhecimentos tradicionais das comunidades locais e indígenas ao simples fato de representar direitos coletivos de um povo ou comunidade e carecer de autor ou criador conhecido.

10º ENDIPE e os desafios da educação para o próximo milênio

Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, tempos e espaços – este é o tema central do **10º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE**, a ser realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 29 de maio e 1 de junho de 2000, com o apoio da UERG, UFF, UFRJ, UFRRJ, UNI-RIO, PUC -Rio. Durante o evento estão previstas diferentes atividades, incluindo mesas redondas, assembléias, simpósios e conferências além da exibição de painéis e pôsteres.

Analisar os novos desafios da prática pedagógica na perspectiva da multiplicidade de sujeitos, saberes, espaços e tempos presentes na sua dinâmica e as implicações desta problemática para a formação de professores e para as políticas públicas na área de Educação é o objetivo geral do **ENDIPE** que prevê a participação de cerca de 2000 educadores.

Para aqueles que desejarem mais informações sobre o encontro, é importante contatar a equipe responsável pela sua organização, através do telefone 0XX. 21.587.7535 ou via fax 0XX. 21.587.7188.

Voto Argentino

Newton Carlos
(Jornal do Brasil - 25/10/99)

O voto fez história na Argentina. Tornou-se universal em 1911 e em 1915 a candidatura de Irigoyen mobilizou o eleitorado urbano e derrotou os partidos oligárquicos. É um galardão argentino: o país de San Martín foi o primeiro do continente a ter uma classe média politicamente organizada e em condições de tirar do poder, por meio do voto, os que se consideravam herdeiros da Coroa espanhola. A Argentina chegou a figurar entre as 15 nações mais prósperas do mundo.

A reforma universitária, lançada a partir de Córdoba, disseminou no resto da América Latina uma quase religião, a autonomia das universidades. Irigoyen mandou ao Congresso projetos sobre salário mínimo, tempo máximo das jornadas de trabalho, etc. Como caudilho de uma classe média em ascensão, já na primeira década do século tratou de reduzir o peso dos mais conservadores na vida argentina, sem abrir muito espaço ao sindicalismo e suas matrizes de esquerda, socialistas e comunistas, em alguns momentos reprimidos com dureza.

Irigoyen elegeu-se pela segunda vez nos anos 20, e em 1930 foi tragado pelo maremoto do *crack* das bolsas. Surgia outra Argentina, a do antivoto, dos golpes militares, dos anos "infames". A experiência peronista, de arregimentação dos deserdados de uma nova ordem, a industrial, manipulou o voto como instrumento controlado de "legitimização" da ditadura de fato. Em suas investidas de retorno, no entanto, o peronismo jogou-se sobretudo nas urnas, ativando ondas de entusiasmo eleitoral. A posse de Héctor Cámpora, em 1972, entupiu de gente as ruas e avenidas centrais de Buenos Aires.

Por sugestão de Allende, uma das estrelas da festa, Cámpora e seus convidados se deslocaram de metrô do Congresso para a Casa Rosada. Não havia como transitar na superfície, mesmo com a ajuda de batedores. Também entusiasmo com o fim de outra temporada ditatorial, a mais brutal de todas, o restabelecimento do voto e a vitória nas urnas de Raul Alfonsín, em 1983. São passados 16 anos, várias eleições em graus cadentes de animação, e o voto está de novo presente na vida argentina, agora marcado por absoluto desdém popular.

A Argentina amante do voto naufraga. Desinteresse, desmobilização e desesperança se tornaram sentimentos comuns à maioria dos jovens. Os velhos se cansaram de passeatas, comícios, bumbos e fanfarras que "encheram as barrigas de uns poucos ratos", como me disse um deles. Para os jovens, os políticos assumem, em bloco, sem distinção de legendas, a imagem de corruptos e ladrões. Votam porque é obrigatório. A campanha primou pela ausência de debates. Quadro que expressa a sentença amargurada da historiadora Bárbara Tuchman, de que a grande tragédia é a perda de fé no progresso, de que o dia de amanhã será melhor do que hoje.

A televisão substitui o comício, argumentam os que negam a decadência do voto na Argentina. Políticos dizem que "o país tranqüilizou-se, em eleições anteriores estávamos desesperados e isso se confundia com entusiasmo". O fato é que o buraco é mais embaixo. Os chamados "estados de segurança nacional", as ditaduras instaladas a partir dos anos 60, não se limitaram a reprimir a "ameaça comunista". Também patrocinaram o advento de equipes econômicas com manuais de combate ao "nacional-populismo" igualmente padronizados. Na Argentina, o grupo de José Martínez de Hoz, Ministro da Fazenda, contraiu salários e escancarou a economia.

Além de acumular dívida externa de 43 bilhões de dólares, "Joe y sus muchachos", segundo o Centro de Pesquisas Sociais sobre o Estado e a Administração, produziram "fratura na evolução da sociedade argentina", modo acadêmico de dizer que os pobres aumentaram e muito. O voto daria jeito nisso. Mas em 1989, na posse de seu primeiro mandato, Menem disse que "a dor, a violência, o analfabetismo e a marginalidade golpeiam as portas de 9 milhões de argentinos". Convocou para "o nascimento de novos tempos, de novas oportunidades, talvez as últimas".

Em cinco anos, a pobreza duplicou numa Argentina de linhagem européia. Palavra do Instituto Nacional de Estatística e Censo, órgão oficial. Surge a categoria dos "novos pobres", saídos de uma classe média que já esteve entre as mais pujantes do mundo. De cada 1.750 pessoas empobrecidas no ano passado, mil pertenciam à classe média. Desemprego e subemprego vão a 28 por cento. Como pano de fundo, as construções reluzentes de George Soros em Puerto Madero, símbolo da "nova Argentina".

Mensaje de la VI Semana Social del Perú sobre "Deuda Externa, Pobreza y Desarrollo"

Con el objetivo de reflexionar sobre este tema actual e importante, se realizó en octubre pasado, en el Callao, la VI Semana Social del Perú, convocada por la Conferencia Episcopal Peruana.

En el marco más amplio de la campaña "Jubileo 2000" se resaltó, de nuevo, que éste es sólo uno de los aspectos de la lucha contra la pobreza y que los programas de reducción de la deuda deben ir acompañados por la puesta en práctica de sólidas políticas económicas y por una buena administración.

Pero, tan importante, o más, que lo anterior es que los *beneficios obtenidos con la reducción de la deuda lleguen a los más pobres, a través de una red constante de inversiones en la capacitación de las personas*, especialmente a través de la educación y la asistencia sanitaria.

La resolución definitiva de la crisis de la deuda externa, que en el Perú consume el 18% de los recursos ordinarios del Estado, además de ser un problema económico es, sobre todo, un problema ético y político. Implica y exige la voluntad política de los países acreedores y de los organismos financieros internacionales.

Por eso, la campaña "Jubileo 2000" ha recogido, a nivel mundial, más de 18 millones de firmas para que las naciones más desarrolladas estudien a fondo este tema. Diversos países han tomado ya posiciones al respecto y el Banco Mundial y el Fondo Monetario Internacional han prometido analizar el problema de la deuda externa en relación con la pobreza y el desarrollo.

En Perú, en diversos encuentros regionales, se ha planteado la necesidad de seguir trabajando en programas de canje de deuda por inversión social, que prioricen el empleo productivo, la seguridad alimentaria, la educación y el servicio de la salud. Por supuesto, ésto necesita la participación de la sociedad civil.

HOMINES
Revista de Ciencias Sociales

Experimentos genocidas en Puerto Rico, José Manuel Torres Santiago / ***Microhistoria azucarera en Puerto Rico,*** Pedro Pablo Rodríguez / ***Desarrollo económico, cambio ambiental y cólera morbo en el Puerto Rico del Siglo XIX,*** Ricardo R. Camuñas Madera / ***México y el "Tratado de Libre Comercio"***, Dieter Boris / ***Puerto Rico como miembro del "NAFTA" - Tratado de Libre Comercio Norteamericano***, Aline Frambes- Buxeda / ***La reestructuración de la economía argentina en nuevas condiciones políticas (1989-1992)***, Jorge Schvarzer / ***La cultura popular bien pensada***, Mirko Lauer / ***Julia de Burgos y Yosano Akiko: La comparación de dos poetas precursoras de la liberación de la mujer en Puerto Rico y en Japón***, Shigaki Yoshiko.

Tarifa Suscripciones:

Puerto Rico / US $15
El Caribe, EE.UU., Centroamérica / US $22
Suramérica, Europa, Africa, Asia / US $25
Muestra 1 ejemplar / US $8

Dirección:

Dra. Aline Frambes-Buxeda, Directora
REVISTA HOMINES
Universidad Interamericana de Puerto Rico
Apartado 191293, Hato Rey, **PUERTO RICO** 00919

TODA A REALIDADE LATINO-AMERICANA EM UMA SÓ REVISTA

São muitos e diferentes temas para o ano 2000:

Paz

Violência

Sociedade Global

Exclusão

Corrupção

Consumo

Justiça Social

Novas Tecnologias

Identidade

Poder Local

Espiritualidade...

ASSINE AGORA!

VOCÊ NÃO PODE PERDER!

Leia NOVAMERICA – A Revista da Pátria Grande

INSTRUÇÕES PARA OS COLABORADORES

A Revista NOVAMERICA/NUEVAMERICA publica artigos, objetivando colaborar com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e democrática, promover o diálogo entre distintas culturas, propiciar elementos para uma reflexão crítica sobre a problemática latino-americana, bem como apoiar os movimentos sociais que reforcem a sociedade civil, promovam os direitos humanos e a afirmação das diferentes identidades presentes no continente.

Os trabalhos enviados serão apreciados e revistos pelos Conselhos Editorial e Técnico, que opinarão sobre a possibilidade de sua publicação. Qualquer modificação substancial indicada na revisão será submetida ao autor. Os autores cederão os seus direitos de reprodução dos artigos aceitos à Revista NOVAMERICA/NUEVAMERICA que, entretanto, autoriza a reprodução dos mesmos em outras publicações, com a citação da fonte original e o envio do(s) respectivo(s) exemplar(es) .

Os artigos deverão ter no mínimo 2 laudas e no máximo 4 laudas (70 toques x 30 linhas, letra times new roman, corpo 12, espaço 1, 5 linhas, em formato A4). As citações de até três linhas deverão ser feitas no próprio texto entre aspas e em itálico. Já aquelas com mais de três linhas deverão ser feitas, usando parágrafo, em espaço simples, sem aspas e em itálico. As notas deverão ser numeradas na ordem em que surgem no texto e listadas no final do trabalho. Indicar fontes e/ou referência bibliográfica.

As colaborações deverão ser enviadas em disquete 3 1/2 (além do texto impresso), editados em Microsoft Word for Windows, versão 6.0 ou 7.0, salvado em Documento do Word ou RTF. Além disso, devem ser acompanhadas de um resumo de até 100 palavras e de uma folha de identificação contendo: título do artigo, nome do autor/a, nacionalidade, título acadêmico, função principal, endereço, telefone e/ou fax.

SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R$30,00
Otros Países Latinoamericanos y África: U$15,00
Europa, Asia y Estados Unidos: U$30,00
Suscripción de ayuda: U$50,00
Cada número: R$8,00/U$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

PUEDE SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

Argentina: Elena Picasso
Moreno 935, 3560 - Reconquista - Santa Fe
Tel: 03482-421794
E-mail: funserju@trcnet.com.ar

Bolívia: Ruth Riskowsky
Casilla 259, La Paz Tel/Fax: /2/223237
E-mail:cebcel@ceibo.entelnet.bo

Brasil: Giovanina Pedroza
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - Cep:22.280-030
Tel/Fax: 021 295-8033/542-6244
E-mail: novamerica@ax.apc.org

Chile: Maria Paz Sanches y Antonia Altuna
Vergara 174, Santiago 3 Tel: /2/6966880
Fax: /2/6988844 E-mail: poveda@interaccess.cl

Colombia: Consuelo Vélez
Avda. Caracas 41-44 Apto.503 Santafe de Bogotá - Colombia Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.com

Europa, Ásia, África y Estados Unidos:
Maria Isabel Ruiz
Calle Antonio Arias nº 15, 3º C 28009 - Madrid
Tel: /34/9 1/ 5645325

Guatemala: Maria del Carmen
4ª Calle 3/09 zona 12 Colonia El Mexquital
01012 Guatemala Tel: 4797733
E-mail: instere@infovia.com.gt

México: Cláudia Villagómez Díaz
Mexicali 608 Planta Baja, Colonia San Felipe de Jesús 37250 León, Guanajuato, México
Tel: /47/724 109 Fax: /47/165726
E-mail: jvdirect@dfl.telmex.net.mx

Perú: Carmela Zumarán
Islas Canarias 164, Lima 21 Tel: /1/ 4632252
E-mail: acogida@pol.com.pe

República Dominicana: Irene Veras
Juan Pablo Pina 14, Santo Domingo
Fax: /809/ 6899276.

Centro Cultural Poveda
Pina 210 A - Ciudad Nueva - Santo Domingo
D.N. Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: Carolina Mancini
Lindoro Forteza 2496, 11400 Casilla 15250, Montevideo Tel/Fax: /2/ 5083395

Marisa Salum - Bartolomé Mitre 1510
Apto. 201, Montevideo

Silvia Rivero - Vizconde de Maria 669
Paysandú Tel: /72/25897

Rosario Alves - 19 de Abril 1461 - Salto
Tel: /73/32823
E-mail: roseli@mundonet.com.uy

Venezuela: Maria Isabel Martínez Mercado
De Platanal a Desamparados, Edif. Platanal 37, Piso 1º, Apto 1A La Candelaria, 1001, Caracas 1011 Tel: /2/ 5624248

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

Diretora
Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial
Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Ruth Riskowsky
Brasil - M.ª Guadalupe Pedrero
Chile - María Inés Wuth
Peru - Carmela Zumarán
Uruguai - Rosario Alves

Comitê Técnico
Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramírez
Maria del Carmen López
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Revisão
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
M.ª del Carmen López
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração
Ana Cristina Barbosa de Araújo
Renato Paulo dos Santos
Léa S. Viveiros de Castro *(Tradução)*

Secretária
Giovanina Pedroza

Administração
Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico e *Programação Visual*
Rodolpho Oliva

Capa
(Projeto Gráfico: Néstor Sacavino)
(Ilustração: Rodolpho Oliva)

Fotos
João Ripper
Ricardo Funari

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160,
Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil
CEP. 22280 -030
Tel./Fax: (021) 542-6244/295-8033
E-mail: novamerica@ax.apc.org
Home-page:
www.ibase.org.br/~novamerica

A direção da revista não se responsabiliza pelas opiniões disseminadas nos artigos.

Esta publicação tem o apoio da Agencia Española de Cooperación Internacional.



*Canção com todos**

Mercedes Sosa

Saio a caminhar
Pela cintura cósmica do sul.
Piso no solo
Mais vegetal por causa do vento e da luz.
Sinto ao caminhar
Toda a pele da América na minha pele,
E corre um rio pelo meu sangue
Que libera, em minha voz, o seu caudal.
Sol do Alto Peru,
Rosto Bolívia estanho e solidão,
Um verde Brasil beija o meu Chile cobre e mineral,
Do sul eu subo até a visceral América e total.
Uma raiz de um grito destinado a crescer e explodir:
Todas as vozes juntas,
Todas as mãos todas,
Todo o sangue pode ser canção no vento.
Canta comigo, canta,
Irmão americano,
Libera tua esperança com um grito na voz.

** Esta música imortalizada por Mercedes Sosa, é de C. Isella e A. Tejada Gómez.*





Canción con todos*

Mercedes Sosa

Salgo a caminar,
Por la cintura cósmica del sur.
Piso en la región,
Más vegetal del viento y de la luz.
Siento al caminar,
Toda la piel de América en mi piel,
Y anda en mi sangre un río,
Que libera em mi voz, su caudal.
Sol de Alto Perú,
Rostro Bolivia estaño y soledad,
Un verde Brasil besa mi Chile cobre y mineral,
Subo desde el sur hacia la entraña América y total.
Una raiz de un grito destinado a crecer y a estallar:
Todas las voces todas,
Todas las manos todas,
Toda la sangre puede ser canción en el viento.
Canta comigo canta,
Hermano americano,
Libera tu esperanza con un grito en la voz.

** Esta música inmortalizada por Mercedes Sosa, es de C. Isella e A. Tejada Gómez.*

NOVAMERICA - Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280-030 - Tel/Fax: (55) (021) 542-6244 - E-mail: novamerica@ax.apc.org - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

NOVAMERICA

Nº 84 - ISSN 0325-6960